

"Uma escritora irresistível, esplêndida em sua simplicidade." Susan Sontag

JAMAICA KINCAID

ALFAGUARA

ANNIE JOHN

ROMANCE



JAMAICA KINCAID

Annie John

TRADUÇÃO
Carolina Cândido

ALFAGUARA



Sumário

1. Silhuetas a distância
2. Os movimentos circulares da mão
3. Gwen
4. A Garota Vermelha
5. Colombo acorrentado
6. Em algum lugar, Bélgica
7. A longa chuva
8. A caminhada até o cais

Sobre a autora

Créditos

Para Allen, com amor

1. Silhuetas a distância

Durante um breve período quando eu tinha dez anos, pensava que só as pessoas que eu não conhecia morriam. Na época em que pensava assim eram minhas férias de verão e vivíamos mais longe, na Fort Road. Costumávamos viver na casa da Dickenson Bay Street, que meu pai construiu com as próprias mãos, mas que agora precisava de um teto novo, e por isso fomos morar na casa mais distante, em Fort Road. Tínhamos apenas dois vizinhos, a dona Maynard e o marido. Naquele verão, tínhamos uma porca que acabara de ter filhotes; algumas galinhas-d'angola; e alguns patos que botavam ovos enormes que minha mãe dizia serem grandes demais mesmo para patos. Eu odiava comer qualquer comida exceto os enormes ovos de pato cozidos. Não tinha nada para fazer o dia inteiro a não ser alimentar as aves e a porca de manhã e de noite. Não falava com ninguém além dos meus pais e, às vezes, com dona Maynard, caso a encontrasse quando ia pegar as cascas dos vegetais que minha mãe pedia que ela guardasse para a porca, que eram a coisa de que a porca mais gostava. Do nosso quintal conseguíamos ver o cemitério. Eu não sabia que era um cemitério até o dia em que disse à minha mãe que algumas vezes durante o começo da noite, enquanto alimentava a porca, conseguia ver diversas silhuetas pequenas, parecidas com varetas, algumas vestidas de preto, algumas vestidas de branco, mexendo as cabeças a distância. Também percebi que às vezes as silhuetas em preto e branco parecidas com varetas apareciam durante a manhã. Minha mãe disse que deviam estar enterrando uma criança, já que crianças sempre eram enterradas de manhã. Foi só então que descobri que crianças morriam.

Eu tinha medo dos mortos, assim como todos que conhecia. Tínhamos medo dos mortos porque não sabíamos quando eles apareceriam de novo. Às vezes surgiam durante um sonho, o que não era tão ruim, porque costumavam vir apenas com um aviso, e de qualquer forma era possível acordar dos sonhos. Mas às vezes estavam parados embaixo de uma árvore bem na hora em que você passava. Então podiam seguir você até sua casa, e apesar de talvez não conseguirem entrar poderiam esperar e te seguir aonde quer que fosse; nesse caso, não desistiam até que você se juntasse a eles. Minha mãe conhecia muitas pessoas que tinham morrido dessa forma. Minha mãe conhecia muitas pessoas que tinham morrido, inclusive o irmão dela.

Depois que soube do cemitério, ficava no quintal e esperava até que um enterro ocorresse. Em alguns dias, não havia enterros. “Ninguém morreu”, dizia para minha mãe. Em alguns dias, bem quando estava prestes a desistir e entrar em casa via algumas manchas pequenas aparecerem. “Por que se atrasaram tanto?”, perguntava para minha mãe. Provavelmente alguém não suportou ver a tampa do caixão ser colocada, então, como favor, o agente funerário pode ter deixado a coisa se estender, ela explicava. O agente funerário! No nosso caminho até a cidade, passávamos pela agência funerária. Do lado de fora, uma pequena placa dizia STRAFFEE & SONS, FUNERÁRIA E MARCENARIA. Eu sempre sabia quando estávamos perto porque havia um cheiro de pinho e verniz no ar.

Depois voltamos para nossa casa na cidade e eu já não tinha mais vista para o cemitério. Ninguém que eu conhecia havia morrido ainda. Um dia, uma menina menor do que eu, uma menina cuja mãe era amiga da minha mãe, morreu nos braços da minha mãe. Eu não conhecia essa menina, mas acho que a vi de relance uma ou duas vezes ao passar por ela e pela mãe dela quando saía do nosso quintal, e tentei me lembrar de tudo que tinha ouvido a respeito dela. Chamava-se Nalda; tinha cabelos ruivos; era bastante ossuda; não gostava de comer comida. Gostava mesmo era de comer lama, e a mãe sempre tinha que ficar de olho para que não fizesse isso. O pai fabricava tijolos, e meu pai achava que a mãe se vestia de modo inadequado. Ouvi minha mãe

descrever para meu pai como Nalda havia morrido: tinha febre e notaram que sua respiração estava alterada; então chamaram um carro e foram depressa até o dr. Bailey, mas enquanto estavam cruzando a ponte ela deu um longo suspiro e seu corpo ficou mole. O dr. Bailey confirmou sua morte e, quando ouvi isso, fiquei satisfeita por ele não ser meu médico. Minha mãe pediu que meu pai fabricasse um caixão para Nalda, o que ele fez, com buquês de pequenas flores esculpidos nas laterais. A mãe de Nalda chorava tanto que minha mãe teve que tomar conta de tudo, e como os agentes funerários não preparavam os corpos de crianças minha mãe teve que preparar a pequena menina para ser enterrada. Então comecei a ver as mãos da minha mãe de outro modo. Elas acariciaram a testa da menina morta; banharam e vestiram a menina e a colocaram no caixão que meu pai fizera. Minha mãe voltava da casa da menina morta cheirando a desinfetante — cheiro que, durante muito tempo, me fazia sentir náuseas. Durante um breve período, não suportei que minha mãe me fizesse carinho ou tocasse na minha comida ou me ajudasse no banho. Acima de tudo, não suportava ver as mãos dela apoiadas em seu colo.

Na escola, contei para todas as minhas amigas sobre essa morte. Eu as puxava até o canto, uma por uma, para repetir os detalhes de novo e de novo. Elas me ouviam boquiabertas. Em troca, falavam de alguém que conheciam ou sabiam que havia morrido. Eu as ouvia boquiaberta. Uma pessoa conhecia muito bem um vizinho que foi nadar após comer um almoço bem servido em um piquenique e se afogou. Alguém tinha um primo que, em meio a um afazer certo dia, caiu morto.- Alguém conhecia um menino que morreu após comer algumas frutas venenosas. “Imagina só”, dizíamos umas para as outras.

Eu amava muito — e costumava atormentá-la até que chorasse — uma menina chamada Sonia. Ela era menor do que eu, apesar de ser quase dois anos mais velha, e era muito burra — a primeira pessoa de fato burra que conheci. Era tão burra que, por vezes, não lembrava como escrever o próprio nome. Eu me esforçava para chegar mais cedo

à escola e dava minha lição de casa para que ela pudesse copiar; passava minhas respostas para ela durante as aulas. Minhas amigas a ignoravam, e sempre que eu mencionava o nome dela de forma positiva faziam careta e emitiam um som de desprezo. Eu a achava linda e dizia isso. Ela tinha cabelos pretos, longos e grossos que caíam por seus braços e pernas; e então, descendo pela nuca e pelo meio das costas, tão longa quanto podia antes de ser engolida pelo uniforme escolar, havia uma mecha desse mesmo cabelo preto, longo e grosso, mas que ali se dividia como se uma pequena brisa tivesse vindo e o separado. Durante o intervalo, eu comprava doces para ela — uma espécie de picolé — com o dinheiro que roubava da bolsa da minha mãe, e nos sentávamos embaixo de uma árvore no pátio do colégio. Eu a encarava e encarava, apertando e arregalando os olhos, até que ela começava a se inquietar sob meu olhar. Então eu puxava os pelos dos braços e das pernas dela, primeiro com gentileza e depois com força, esticando-os com as pontas dos meus dedos até que ela gritasse. Ela não apareceu na escola durante algumas semanas, e então nos disseram que a mãe dela, que estava grávida, falecera de repente. Eu não consegui mais falar com ela, apesar de termos sido colegas por mais dois anos. Ela parecia tão lamentável, uma menina cuja mãe morrera e a deixara sozinha no mundo.

Não muito tempo depois de a menininha ter morrido nos braços da minha mãe a caminho do médico, a srta. Charlotte, nossa vizinha do outro lado da rua, desmaiou e morreu enquanto conversava com minha mãe. Se minha mãe não a tivesse segurado, ela teria caído no chão. Naquele dia, quando voltei para casa após a escola, minha mãe disse, “A srta. Charlotte morreu”. Eu conhecia a srta. Charlotte muito bem, e tentei imaginá-la morta. Não consegui. Eu não sabia qual era a aparência de uma pessoa que morria. Sabia qual era a aparência da srta. Charlotte quando voltava para casa do supermercado. Sabia como era sua aparência quando ia à igreja. Sabia como era sua aparência quando mandava o cachorro não me assustar ao me perseguir para cima e para baixo na rua. Uma vez, quando a srta. Charlotte estava doente, minha mãe pediu que eu levasse uma tigela com um pouco de comida, então

a vi deitada em sua cama de camisola. A srta. Charlotte foi enterrada em um caixão que não foi feito pelo meu pai, e não permitiram que eu comparecesse ao funeral.

Na escola, quase todo mundo que eu conhecia já vira uma pessoa morta antes, não o espírito de uma pessoa morta mas uma pessoa morta de verdade. A menina que sentava na mesa perto da minha parou de chupar o dedo de repente porque a mãe o lavou com a água que fora usada para dar banho em uma pessoa morta. Eu disse que a mãe devia estar pregando uma peça nela, que tinha certeza de que aquela água era água limpa, já que seria o tipo de coisa que minha mãe faria comigo. Mas ela conhecia minha mãe e disse que podia ver que minha mãe e a mãe dela não se pareciam nem um pouco.

Comecei a comparecer a funerais. Não ia aos funerais como alguém que estava de fato de luto, já que não conhecia nenhuma das pessoas que morriam, e ia sem a permissão dos meus pais. Visitava funerárias ou câmaras em que os mortos eram deixados para que pudessem ser velados. Quando ouvia o sino da igreja soar da forma como soava quando alguém havia falecido, tentava descobrir quem falecera e onde seria o velório — em casa ou na funerária. A funerária ficava quase na mesma direção que o caminho que fazia para casa, mas às vezes, para chegar aonde alguém morava, precisaria ir na direção contrária do caminho que costumava fazer. No começo eu não entrava; ficava do lado de fora e observava as pessoas entrarem e saírem, ouvia os parentes próximos e amigos que lamentavam e choravam bem alto, e então assistia a procissão marchar até a igreja. Mas aí comecei a entrar para dar uma olhada. A primeira vez que de fato vi uma pessoa morta não sabia o que pensar. Por não ser alguém que eu conhecia, não tinha como fazer comparações. Nunca vira a pessoa rir ou sorrir ou franzir a testa ou espantar uma galinha no quintal. Então olhei e olhei o máximo de tempo que consegui sem deixar que as pessoas soubessem que estava ali por pura curiosidade.

Um dia, uma menina da minha idade faleceu. Eu não sabia o nome dela nem nada pessoal a seu respeito, exceto que tinha minha idade e era corcunda. Ela frequentava outra escola e, no dia do velório, todos foram dispensados das aulas. No meu colégio, só falávamos a respeito dela, “Você conhecia a menina corcunda?”. Eu me lembrava de ter ficado atrás dela na fila para pegar alguns livros na biblioteca; então vi uma mosca pousar na gola do uniforme dela e andar para cima e para baixo enquanto a gola continuava reta em sua corcunda. Ao ouvir que ela havia morrido, desejei ter encostado na corcunda para ver se era oca. Também lembrei que o cabelo dela estava dividido em quatro tranças e que as tranças estavam tortas. “Ela deve ter feito o penteado sozinha”, falei. Mas enfim alguém que eu conhecia morrerá. No dia do velório, saí da escola assim que dissemos o último amém de nossas orações do fim da tarde e segui o caminho da casa para o velório. Quando cheguei lá, a rua estava cheia de meninas da escola dela, todas em seus uniformes brancos. Era uma grande multidão delas, que se moviam sem rumo, conversando umas com as outras em voz baixa e parecendo muito importantes. Eu não tinha tempo para parar e de fato sentir inveja delas; fui até a porta e entrei na sala. Lá estava ela. Deitada no caixão envernizado de pinho, em uma cama de flores arroxeadas e brancas. Usava um vestido branco, e pode ser que chegasse à altura de seus tornozelos, mas não tive tempo de olhar com atenção. Era o rosto dela que eu queria ver. Lembrei-me de qual era sua aparência no dia da biblioteca. Seu rosto era um rosto comum. Tinha olhos escuros, nariz achatado, lábios grossos. Deitada ali morta sua aparência era a mesma, com exceção de seus olhos, que estavam fechados, e do fato de estar imóvel. Certa vez ouvi alguém falar a respeito de uma pessoa morta que era como se ela estivesse dormindo. Mas eu já vira gente dormir, e aquela menina não parecia estar dormindo. Meus pais tinham acabado de me comprar um View-Master. O View-Master tinha fotos das pirâmides, do Taj Mahal, do monte Everest e algumas cenas do rio Amazonas. Quando o View-Master funcionava direito, todas as cenas pareciam estar vivas, como se pudéssemos entrar nele e velejar pelo rio ou parar ao lado de uma das pirâmides. Quando o View-Master não

funcionava, era como se estivéssemos olhando para uma foto colorida comum. Ao olhar para aquela menina, era como se o View-Master não estivesse funcionando direito. Eu a encarei por muito tempo — tempo o bastante para fazer com que a fila de pessoas que esperava para se aproximar do caixão aumentasse e ficasse impaciente. É claro que, enquanto a observava, mantive os punhos cerrados, porque não queria cometer um erro e apontar, fazendo com que meus dedos apodrecessem e caíssem ali mesmo. Então fui me sentar entre quem estava de luto. A família dela sorriu para mim, pensando, tenho certeza, que eu era uma amiga da escola, apesar de usar outro uniforme. Cantamos um louvor — “All Things Bright and Beautiful” — e a mãe dela disse que aquele era o primeiro louvor que a menina corcunda aprendera de cor.

Voltei caminhando para casa. Àquela altura, já estava muito tarde para dizer que vinha da escola, mas eu estava empolgada demais para me preocupar com isso. Perguntava-me se um dia, enquanto estivesse indo para algum lugar sozinha, veria a menina corcunda parada embaixo de uma árvore e se ela tentaria me levar para nadar ou comer frutas, e então, quando minha mãe menos esperasse, estaria pedindo para meu pai fazer um caixão para mim. É claro que ele estaria tão tomado pelo luto que não conseguiria fazer o caixão e teria que pedir ao sr. Oatie para fazê-lo, e ele odiava pedir favores ao sr. Oatie porque, como o ouvi dizer à minha mãe, o sr. Oatie era tão sanguessuga que tentava sugar todo seu sangue, fazendo você pagar qualquer favor em dobro.

Quando cheguei em casa, minha mãe perguntou pelo peixe que eu deveria ter buscado com o sr. Earl, um dos peixeiros, no caminho após a escola. Mas em minha empolgação eu me esquecera por completo. Tentando pensar rápido, eu disse que quando cheguei ao mercado o sr. Earl me contou que não tinham ido pescar naquele dia porque o mar estava agitado demais. “Ah é?”, minha mãe falou, tirando a tampa de uma panela em que, cobertos com sumo de limão e manteiga e cebolas, estavam três peixes: uma tilápia para meu pai, uma traíra para minha mãe e um peixe-cirurgião fêmea para mim — o preferido de cada um.

Enquanto eu estava no velório, o sr. Earl se cansou de me esperar e trouxe os peixes ele mesmo. Naquela noite, como castigo, comi meu jantar do lado de fora, sozinha, embaixo do pé de fruta-pão, e minha mãe disse que não me daria um beijo de boa-noite mais tarde, mas quando deitei na cama ela veio e me deu um beijo mesmo assim.

2. Os movimentos circulares da mão

Durante as férias escolares, eu podia ficar na cama até muito tempo depois de o meu pai ter saído para trabalhar. Ele saía todos os dias da semana às sete horas, quando soava o sino da igreja anglicana. Eu, já acordada, ficava deitada na cama, ouvindo os sons que meus pais faziam ao se aprontar para o dia que começava. Enquanto minha mãe fazia o café da manhã dele, meu pai raspava a barba, usando o pincel de barbear com cabo de marfim e uma lâmina combinando; então ia até o pequeno galpão que construiu para ser nosso banheiro e tomava um banho rápido na água que minha mãe, por instrução dele, deixava do lado de fora durante a noite, no orvalho. Dessa forma, a água estaria bem gelada, e ele acreditava que a água gelada endireitava suas costas. Se eu tivesse nascido menino teria recebido o mesmo tratamento, mas já que era menina, e além disso estudava em uma escola só de meninas, minha mãe sempre adicionava água quente à água do meu banho para não me resfriar. Nos domingos de tarde, enquanto eu estava na escola dominical, meu pai tomava um banho quente; enchia metade da banheira com água pura e à outra metade minha mãe adicionava um enorme caldeirão de água fervida com cascas e folhas de um loureiro. As cascas e folhas estavam ali apenas porque ele gostava do cheiro. Ele passava horas deitado nessa banheira, analisando os bilhetes de loteria ou desenhando exemplos dos móveis que planejava fazer. Quando eu voltava para casa, nos sentávamos para nosso jantar de domingo.

Minha mãe e eu com frequência tomávamos banho juntas. Às vezes era apenas um banho simples, que não levava muito tempo. Em outras era um banho especial com cascas e flores de muitas árvores diferentes,

misturadas com diversos óleos e fervidas no mesmo caldeirão grande. Então nos sentávamos na banheira em um ambiente escuro com uma vela de cheiro estranho acesa. Enquanto estávamos ali, minha mãe banhava partes diferentes do meu corpo; então fazia o mesmo com o próprio corpo. Começamos a tomar esses banhos após ela consultar a obeah dela, além da própria mãe e de uma amiga de confiança, e as três confirmaram que, pelo jeito que as coisas andavam na nossa casa — um pequeno arranhão no peito do meu pé que se transformou em uma pequena ferida e depois em uma grande ferida, além do tempo que levou para cicatrizar; um cachorro que ela conhecia, e que era bastante amigável, que a mordeu de repente; uma tigela de porcelana que ela tinha há uma eternidade e esperava ter para sempre e que de repente escorregou de suas mãos competentes e se espatifou em pequenos pedaços do tamanho de grãos de areia; as palavras que ela disse em tom de brincadeira a uma amiga e que foram entendidas da forma errada —, uma das muitas mulheres que meu pai amou e com quem, apesar de nunca ter se casado, teve filhos estava tentando prejudicar a mim e a minha mãe, colocando maus espíritos em nós.

Quando me levantava, botava a roupa de cama e a camisola no sol para arejar, escovava os dentes, me lavava e me vestia. Minha mãe estava preparando meu café da manhã, mas como eu não ia para a escola não era forçada a tomar um café enorme com mingau, ovos e laranja ou metade de uma toranja, pão e manteiga e queijo. Podia comer apenas pão e manteiga e queijo e mingau e chocolate. Passava o dia seguindo minha mãe e observando como ela fazia as coisas. Quando íamos à mercearia, ela me explicava por que comprava cada produto. Me mostrava o pão ou um quilo de manteiga de ao menos dez ângulos diferentes. Quando íamos ao mercado, se naquele dia ela queria comprar caranguejos, perguntava a quem os vendia se vinham de perto de Parham, e se a pessoa dissesse que sim minha mãe não comprava. Parham era a colônia de leprosos, e minha mãe estava convencida de que os caranguejos não se alimentavam com nada além da comida dos próprios pratos dos leprosos. Se comêssemos aqueles

caranguejos, não demoraria muito para nos tornarmos leprosas e vivermos infelizes na colônia de leprosos.

Como eu me sentia importante por estar com minha mãe. Para muitas pessoas, suas mercadorias e provisões se iluminariam ao vê-la chegar, e se esforçavam para chamar a atenção dela. Mergulhavam debaixo das barracas e exibiam artigos ainda melhores do que os que tinham no mostruário. Ficavam desapontadas quando ela erguia algo no ar e analisava, virando o produto de um lado para o outro, e então, franzindo a testa, dizia “Acho que não” e se virava para ir embora — em direção a outra barraca ver se a pessoa que, na semana anterior, lhe vendera um delicioso chuchu tinha algo da mesma qualidade. Quando fazia isso, eles gritavam que na próxima semana esperavam ter inhame ou taioba ou outra coisa, e minha mãe dizia “Veremos” em um tom de voz de quem não estava acreditando. Se então fôssemos ao sr. Kenneth, levaria apenas alguns minutos, pois ele sabia exatamente o que minha mãe queria e sempre deixava tudo pronto para ela. O sr. Kenneth me conhecia desde que eu era pequena e sempre me lembrava das coisinhas que eu fazia enquanto me dava um pedaço de fígado cru que tinha separado para mim. Era uma das poucas coisas que eu gostava de comer e, além do mais, minha mãe adorava me ver comendo algo que me fazia tão bem, e ela me contava com detalhes o efeito que o fígado cru teria nos glóbulos vermelhos do meu sangue.

Voltávamos para casa sob o sol quente do meio da manhã sem que nada de muito relevante acontecesse. Quando eu era muito menor, algumas vezes, enquanto caminhava com minha mãe, ela de repente me agarrava e me enrolava em sua saia e me arrastava junto com ela como se estivesse com muita pressa. Ouvia uma voz feroz dizendo coisas ferozes, e então, após passarmos pelas vozes, minha mãe me soltava. Nem minha mãe nem meu pai me diziam nada diretamente, mas liguei os pontos e sabia que era uma das mulheres que meu pai amara e com quem tivera um filho ou filhos, e que nunca o perdoara por se casar com minha mãe e ter a mim. Era uma daquelas mulheres que estavam sempre tentando machucar minha mãe ou a mim, e devem ter amado muito o meu pai, já que nenhuma nunca tentou

machucá-lo, e cada vez que ele passava na rua era como se ele e essas mulheres nunca tivessem se conhecido.

Quando chegávamos em casa, minha mãe começava a preparar nosso almoço (sopa de abóbora com tripas; banana frita com bacalhau cozido em antroba, que é berinjela esmagada, e tomate; pirão com bacalhau cozido em antroba e tomates ou pepper pot, carne de panela apimentada com molho de raiz de mandioca, a depender do que encontrara no mercado aquele dia). Enquanto lidava com cada uma das panelas, mexendo uma, adicionando um ingrediente na outra, eu ficava sempre colada nela. Quando cuidava de uma panela em que algo fervia ou de outra para experimentar e corrigir os temperos, me dava um pouco para provar, perguntando o que eu achava. Não que ela de fato quisesse saber o que eu achava, já que me dissera em diversas ocasiões que meu paladar ainda não estava completamente desenvolvido, era apenas para me incluir em tudo. Enquanto fazia o nosso almoço, também ficava de olho na roupa para lavar. Se era terça-feira e as roupas coloridas tinham sido engomadas, ela as colocava no varal e eu a seguia, carregando uma cesta de pregadores para ajudar. Enquanto as roupas coloridas engomadas secavam no varal, as roupas brancas eram deixadas em cima da pilha de pedras para ficarem mais brancas. Era uma bela pilha de pedras que meu pai havia arrumado para ela: organizadas na forma de um círculo, com cerca de quinze centímetros de altura, no meio do quintal. As roupas brancas cheias de sabão ficavam espalhadas ali; à medida que o sol as secava, tirando as manchas, era preciso molhá-las de novo e enxaguar com baldes de água. Quando estava de férias, era eu quem fazia isso para minha mãe. Enquanto molhava as roupas, ela vinha de trás, me mandando molhar direito e apontando uma das camisas que eu deveria virar para que as mangas ficassem expostas.

Durante o almoço, minha mãe e meu pai conversavam sobre as casas que ele tinha que construir; como estava desgostoso com um de seus aprendizes ou com o sr. Oatie; o que pensavam do meu aprendizado até agora; o que achavam dos barulhos que o sr. Jarvis e seus amigos fizeram por tantos dias quando se trancaram na casa do sr. Jarvis e

beberam rum e comeram peixes que eles mesmos pescaram e dançaram ao som de um acordeão que se revezavam para tocar. Conversavam sem parar. Enquanto falavam, minha cabeça se movia de um lado para o outro, olhando para eles. Quando pousava os olhos no meu pai, não analisava muito a aparência dele. Mas quando olhava para minha mãe, a achava linda. Sua cabeça deveria estar em uma moeda de seis pence. O pescoço lindo e comprido, longos cabelos trançados que ela prendia no topo da cabeça porque sentia calor com o cabelo solto. O nariz tinha o formato de uma flor prestes a desabrochar. A boca, que se movia para cima e para baixo enquanto ela comia e falava ao mesmo tempo, era tão bonita que, se precisasse, eu poderia ficar olhando para sempre sem me importar. Os lábios eram largos e quase finos, e quando ela dizia certas palavras eu podia ver pequenas partes de grandes dentes brancos — tão grandes e perolados como os botões elegantes de um dos meus vestidos. Eu não me importava muito com o que ela dizia nessas horas em que conversava com meu pai. Ela o fazia rir muito. Mal conseguia falar uma palavra inteira antes que ele começasse a rir. Comíamos nossa comida, eu limpava a mesa, nos despedíamos de meu pai e ele voltava ao trabalho, enquanto eu ajudava minha mãe com a louça e nos acomodávamos para a tarde.

Quando minha mãe brigou com o pai aos dezesseis anos e saiu da casa dele na Dominica e veio para Antígua, guardou tudo o que tinha em um enorme baú de madeira que comprara em Roseau por quase seis xelins. Ela pintou o baú de amarelo e verde por fora e forrou o interior com um papel de parede de fundo creme com rosas cor-de-rosa estampadas por toda parte. Dois dias após sair da casa do pai, entrou em um barco que partiu para Antígua. Era uma embarcação pequena e a viagem costumava levar um dia e meio, mas um furacão surgiu e eles ficaram perdidos no mar por quase cinco dias. Quando chegou a Antígua, o barco estava praticamente destruído, e ainda que dois ou três passageiros tenham se perdido no mar, junto com parte da carga, minha mãe e seu baú ficaram a salvo. Agora, vinte e quatro anos

depois, esse baú estava guardado debaixo da minha cama, e tudo dentro dele era meu, guardado ali pouco antes de eu nascer. Havia a chemise, feita de algodão branco, com babados nas mangas, gola e bainhas, e flores brancas bordadas na frente — a primeira peça de roupa que usei. Foi minha mãe que a fez, sozinha, e certa vez, enquanto andávamos juntas, ela me mostrou a árvore sob a qual sentara enquanto fazia a roupa. Havia algumas fraldas, também confeccionadas por ela com a bainha de um lenço; um par de botinhas brancas de lã com casaco e chapéu combinando; uma manta de lã branca e uma manta de flanela de algodão branca; um chapéu liso de linho branco com guarnição de renda; minha roupa de batizado; duas mamadeiras: uma em formato de mamadeira normal e outra em formato de barco, com um bico em cada extremidade; uma garrafa térmica em que minha mãe guardava um chá que supostamente tinha um efeito calmante sobre mim; o vestido que usei no meu primeiro aniversário: amarelo e de algodão, com um bordado verde na frente; o vestido que usei no meu segundo aniversário: rosa e de algodão, com um bordado verde na frente; uma fotografia minha no meu segundo aniversário usando meu vestido rosa e meu primeiro par de brincos, uma corrente no pescoço e um par de pulseiras, todas feitas de ouro da Guiana Inglesa; o primeiro par de sapatos que ficou pequeno quando aprendi a andar; o vestido que usei quando fui para a escola e o primeiro caderno em que escrevi; os lençóis do meu berço e os da minha primeira cama; meu primeiro chapéu de palha, a primeira cesta de palha — decorada com flores — que minha avó me mandara de Dominica; meus boletins, meus certificados de mérito da escola e meus certificados de mérito da escola dominical.

De tempos em tempos, minha mãe cismava com um determinado canto e fazia uma boa limpeza. Se eu estava em casa, ficava, como sempre, ao lado dela. Era um prazer imenso quando ela decidia arrumar o baú, pois após retirar todas as coisas, deixá-las para tomar ar, trocar as bolinhas de naftalina e dobrar tudo de novo, ela contava uma história sobre mim a cada item que guardava de volta em seu devido lugar. Às vezes eu conhecia a história em primeira mão, pois conseguia

me lembrar muito bem do incidente; às vezes o que ela contava acontecera quando eu era jovem demais para me lembrar; e às vezes acontecera antes mesmo de eu nascer. De qualquer forma, eu sabia exatamente o que ela diria, pois já a ouvira muitas vezes antes, mas nunca me cansava. Por exemplo, as flores da chemise, a primeira roupa que usei depois de nascer, não foram bordadas com precisão, porque enquanto minha mãe as bordava eu chutava tanto dentro da barriga que fazia sua mão tremer. Ela dizia que quando eu chutava e ela me pedia para parar eu geralmente parava, mas naquele dia não quis dar ouvidos. Quando me contava essa história, sorria para mim e dizia, “Viu, até naquela época já era difícil lidar com você”. Pensar que minha mãe falava comigo mesmo sem ver meu rosto me agradava. Ela falava sem parar. Nenhuma pequena parte da minha vida era tão sem importância que ela não pudesse se lembrar e então me contar de novo e mais uma vez. Eu ficava ao lado dela enquanto me mostrava o vestido que usei no dia em que mordeu outra criança da minha idade com quem estava brincando. “Sua fase de morder”, ela chamava. Ou o dia em que me avisou para não brincar com o fogareiro de carvão, porque eu gostava de cantar para mim mesma e dançar ao redor do fogo. Dois segundos depois caí nas brasas, queimando os cotovelos. Minha mãe chorou quando viu que não fora nada grave, e agora, enquanto me contava, beijava as pequenas cicatrizes pretas em meus cotovelos.

Enquanto ouvia as histórias, por vezes eu me sentava ao lado, encostada nela, ou me ajoelhava atrás e espiava por cima do seu ombro. Ao fazer isso, de vez em quando cheirava o seu pescoço, ou atrás das orelhas, ou o cabelo. Ela tinha cheiro de limão, ou de sálvia, ou de rosas, ou de folhas de louro. Havia momentos em que eu deixava de ouvir o que ela estava dizendo; gostava apenas de olhar a boca se abrindo e fechando com as palavras, ou a forma como ria. Como devia ser terrível a vida de quem não tinha alguém que as amasse e ninguém que amassem, eu pensava. Meu pai, por exemplo. Quando ele era apenas um garotinho, seus pais, depois de lhe darem um beijo de despedida e deixá-lo com a avó, entraram em um barco e navegaram para a América do Sul. Ele nunca mais os viu, ainda que lhe

escrevessem e enviassem presentes em seu aniversário e no Natal — pacotes com roupas. Ele então passou a amar a avó, e ela o amava, cuidando dele e trabalhando duro para mantê-lo bem alimentado e vestido. Desde que se mudara para lá eles dormiam na mesma cama, o que continuaram a fazer quando ele se tornou jovem. Quando não estava mais na escola e começou a trabalhar, todas as noites, depois que os dois jantavam, meu pai saía para visitar os amigos. Então voltava para casa por volta da meia-noite e adormecia ao lado da avó. De manhã, ela acordava umas cinco e meia da manhã, meia hora antes de meu pai, e preparava seu banho e café da manhã e deixava tudo certo e pronto para ele, de modo que às sete em ponto ele saía porta afora para o trabalho. Uma manhã, porém, ele dormiu demais porque a avó não o despertou. Quando acordou, ela ainda estava deitada ao seu lado. Tentou despertá-la, mas não conseguiu. Morrera deitada ao lado dele em algum momento durante a noite. Por mais que estivesse tomado pela dor, ele construiu o caixão e garantiu que ela tivesse um bom funeral. Nunca mais dormiu naquela cama e logo depois se mudou. Tinha dezoito anos.

Quando meu pai me contou essa história pela primeira vez, eu me joguei nos braços dele no final e nós dois começamos a chorar — ele só um pouco, eu bastante. Era uma tarde de domingo; ele, minha mãe e eu tínhamos ido passear no jardim botânico. Minha mãe saíra para olhar um tipo estranho de cardo, e podíamos vê-la enquanto se inclinava sobre os arbustos para olhar mais de perto e estendia a mão para tocar as folhas da planta. Quando voltou e viu que estávamos chorando, começou a ficar bastante agitada, mas meu pai logo contou o que havia acontecido e ela riu, dizendo que éramos os bobinhos dela. Então ela me abraçou e me beijou e disse que eu não precisava me preocupar com ela ir embora ou morrer e me deixar sozinha no mundo. Mas depois disso, quando via meu pai sentado sozinho com um olhar distante no rosto, sentia pena dele. Ele estivera sozinho no mundo todo esse tempo, com a mãe saindo em um barco com o pai e ele nunca mais a vendo, e depois a avó morrendo enquanto estava deitada ao lado dele no meio da noite. Era mais do que qualquer um

deveria ter que suportar. Eu o amava muito e desejava ter uma mãe para dar a ele, pois, não importa o quanto minha mãe o amasse, nunca seria a mesma coisa.

Quando minha mãe acabava de arrumar o baú, e eu ouvia repetidas vezes exatamente como eu tinha sido e quem havia me dito o que em que ponto da minha vida, era hora do lanche — uma xícara de chocolate e um pão com manteiga. Meu pai então voltava para casa do trabalho e também tomava seu lanche. Enquanto minha mãe preparava o jantar, pegando roupas do monte de pedra ou tirando roupas do varal, eu me sentava em um canto do quintal e a observava. Ela nunca ficava parada. Suas pernas poderosas a carregavam de uma parte do quintal para outra, e para dentro e para fora da casa. Às vezes me chamava para ir buscar um pouco de tomilho ou manjerição ou alguma outra erva, que eram todas cultivadas em pequenos vasos que ela mantinha em um canto do nosso pequeno jardim. Às vezes, quando eu lhe dava as ervas, ela se abaixava e me beijava nos lábios e depois no pescoço. Era em um paraíso como esse que eu vivia.

No verão do ano em que completei doze anos, pude ver que tinha ficado mais alta; a maioria das minhas roupas já não cabiam mais. Quando conseguia fazer um vestido passar pela minha cabeça, a cintura parava logo abaixo do meu peito. Minhas pernas ficaram mais longas e finas, meus cabelos mais rebeldes do que de costume, pequenos tufo de pelo apareceram sob meus braços, e quando eu transpirava o cheiro era estranho, como se eu tivesse me transformado em um animal esquisito. Não falei nada a respeito, e minha mãe e meu pai não pareceram notar, pois também não disseram nada. Até então, minha mãe e eu tínhamos muitos vestidos feitos do mesmo tecido, embora os dela fossem de um estilo diferente, mais adulto, com decote canoa ou em coração e saia plissada ou godê, enquanto meus vestidos tinham gola alta com colarinho, bainha larga e, claro, uma faixa que era amarrada nas costas. Um dia, minha mãe e eu fomos buscar material para fazer vestidos novos para comemorar o aniversário dela (o

presente que meu pai sempre dava) quando deparei com um pedaço de pano — de fundo amarelo e figuras de homens vestidos com roupas antigas, tocando piano, e notas musicais voando ao redor deles. Eu imediatamente disse o quanto eu tinha amado aquele pano e como achava que ficaria bonito em nós duas, mas minha mãe respondeu, “Ah, não. Você está ficando velha demais para isso. Está na hora de ter suas próprias roupas. Você não pode passar o resto da vida igual a mim”. Dizer que perdi meu chão não seria suficiente. Não foi só pelo que ela disse, mas pela forma como disse. Sem nenhuma risadinha. Sem se curvar e beijar minha testa molhada (pois de repente fiquei quente, depois fria, e todos os meus poros devem ter se aberto, porque sentia os fluidos saírem de mim). No fim das contas, consegui meu vestido com os homens tocando piano e minha mãe ganhou um vestido de hibisco vermelho e amarelo, mas nunca consegui usar meu vestido ou ver minha mãe no dela sem sentir amargura e ódio, direcionado não tanto para minha mãe quanto para, suponho, a vida em geral.

Como se isso não bastasse, ela me informou que eu estava prestes a me tornar uma mocinha, então havia algumas coisas que precisaria fazer diferente. Ela não disse exatamente o que me deixava prestes a me tornar uma mocinha, e isso me deixou feliz, porque eu não queria saber. Atrás de uma porta fechada, fiquei nua na frente de um espelho e me olhei da cabeça aos pés. Eu era tão comprida e ossuda que mais do que preenchia o espelho, e minhas pequenas costelas pressionavam a pele. Tentei puxar meu cabelo rebelde para baixo para que ficasse liso, mas assim que o soltei ele se encolheu de novo. Eu podia ver os pequenos tufo de pelo sob meus braços. E então dei uma boa olhada no meu nariz. De repente, ele tinha se espalhado pelo meu rosto, quase escondendo minhas bochechas, ocupando todo o espaço, de modo que, se eu não soubesse que era eu quem estava ali teria me perguntado quem era aquela garota estranha — e pensar que não pouco tempo atrás meu nariz era uma coisa pequena, do tamanho de um botão de rosa. Mas o que eu poderia fazer? Pensei em implorar à minha mãe para que pedisse ao meu pai para construir um par de grampos nos

quais eu pudesse me enroscar à noite antes de dormir e que com certeza reduziriam meu crescimento. Estava prestes a perguntar isso a ela quando lembrei que alguns dias antes eu havia pedido, da maneira mais agradável e cativante que podia, para dar uma olhada no baú. Uma pessoa que não reconheci respondeu com uma voz que não reconheci, “Claro que não! Nem eu nem você temos tempo para isso”. Mais uma vez, o chão sumiu debaixo dos meus pés. Mais uma vez, a resposta teria que ser sim, e eu não iria tão longe.

Por causa desse negócio de mocinha, em vez de passar os dias em perfeita harmonia com minha mãe, eu seguindo os passos dela, ela me cobrindo de beijos e afeição e atenção, agora me mandavam aprender uma tarefa ou duas. Fui enviada para alguém que sabia tudo sobre boas maneiras e como conhecer e cumprimentar pessoas importantes. Essa mulher logo me pediu para não voltar, já que eu não conseguia resistir à tentação de imitar barulhos de peito toda vez que tinha que praticar uma reverência, o que fazia as outras meninas rirem muito. Fui enviada para ter aulas de piano. A professora, uma velha solteirona enrugada de Lancashire, Inglaterra, logo me pediu para não voltar, pois eu parecia incapaz de resistir à tentação de comer da tigela de ameixas que ela havia colocado no piano apenas para decorar. No primeiro caso, contei uma mentira à minha mãe — disse que a professora de boas maneiras descobriu que minhas maneiras não necessitavam ser melhoradas, então eu não precisava mais ir. Isso a deixou muito satisfeita. No segundo caso, não havia como evitar — ela precisava saber. Quando a professora de piano contou sobre meu delito ela se virou e se afastou, e eu não tinha certeza de que, se alguém perguntasse quem eu era, ela não teria dito “Não sei” bem na minha frente. Aquilo era algo novo para mim: minha mãe me virar as costas com desgosto. É verdade que antes disso eu não passava todos os meus dias ao lado dela, a maior parte do tempo eu estava na escola, mas antes desse negócio de ser mocinha eu podia sentar e pensar na minha mãe, observá-la fazer uma coisa ou outra, e ela sempre sorria para mim. Agora, muitas vezes eu a via com os cantos da boca voltados para baixo em desaprovação. E por que minha mãe estava levando meu novo estado tão longe? Ela passou

a repetir que um dia eu teria minha própria casa e talvez quisesse que fosse uma casa diferente daquela que ela mantinha. Certa vez, ao me mostrar uma maneira de guardar a roupa de cama, deu um tapinha nos lençóis dobrados no lugar e disse, “Claro, você pode escolher fazer de outra forma na sua casa”. Eu nunca acreditei que realmente chegaria o dia em que viveríamos separadas. Minha garganta doía com as lágrimas que eu buscava reprimir. Por vezes, nós duas nos esquecíamos da nova ordem das coisas e recorriamos aos nossos velhos hábitos. Mas isso não durou muito.

Em meio a todas essas novidades, tinha me esquecido que começaria em uma nova escola naquele mês de setembro. Eu precisava fazer muitas coisas para me preparar para as aulas. Fui à costureira tirar as medidas dos novos uniformes, já que meu corpo agora desdenhava das medidas antigas. Tive que comprar sapatos, um novo chapéu e muitos livros. Na minha nova escola, eu precisava de um caderno diferente para cada matéria e, além do habitual — inglês, aritmética e assim por diante —, agora tinha que estudar latim e francês e frequentar aulas em um prédio de ciências novinho em folha. Comecei a ansiar pela nova escola. Esperava que todo mundo ali fosse novo, que não houvesse ninguém que eu já tivesse conhecido. Dessa forma, poderia respirar ares novos; poderia dizer que era algo que não era, e ninguém jamais saberia a diferença.

No domingo antes da segunda-feira em que comecei na nova escola, minha mãe se irritou com o modo como eu tinha arrumado a cama. Ela havia bordado, no centro da colcha, um vaso cheio de flores com dois pombinhos de cada lado. Quando a pus na cama, deixei torta e o bordado não ficou no centro como deveria. Minha mãe fez um estardalhaço e pude ver que ela estava certa, e me arrependi um bocado de não ter feito aquela coisinha mínima que a teria agradado. Estava ficando muito descuidada ultimamente, ela disse, e eu só podia concordar em silêncio.

Cheguei em casa da igreja e minha mãe ainda parecia estar brava por causa da colcha, então fiz o possível para não atrapalhá-la. Às duas e meia da tarde, fui para a escola dominical. Lá, recebi um certificado de melhor aluna em meu grupo de estudos da Bíblia. Foi uma surpresa que eu recebesse o certificado naquele dia, embora já soubéssemos dos resultados do teste há semanas. Corri para casa com meu certificado na mão, sentindo que com esse prêmio eu reconquistaria minha mãe — uma chance de ela sorrir para mim de novo.

Quando cheguei em casa, corri até o quintal e a chamei, mas não obtive resposta. Então entrei em casa. A princípio, não ouvi nada. Então escutei sons vindos da direção do quarto dos meus pais. Minha mãe deve estar lá, pensei. Quando cheguei à porta, pude ver que minha mãe e meu pai estavam deitados na cama. Não me interessava o que eles estavam fazendo, apenas que a mão da minha mãe estava na parte inferior das costas do meu pai e que fazia um movimento circular. Mas a mão dela! Estava branca e ossuda, como se estivesse morta há muito tempo e tivesse sido deixada ao relento. Não parecia ser a mão dela e, no entanto, só podia ser a mão dela, pois eu a conhecia muito bem. Dava voltas e voltas no mesmo movimento circular, e olhei para ela como se não fosse ver mais nada na minha vida. Se esquecesse todo o resto do mundo, não poderia me esquecer da aparência da mão dela. Eu também pude perceber que os sons que ouvira vinham dos beijos que ela dava nas orelhas e na boca e no rosto do meu pai. Olhei para eles por não sei quanto tempo.

Quando vi minha mãe de novo, eu estava de pé ao lado da mesa de jantar que acabara de arrumar, fazendo uma tremenda comoção ao tirar as facas e os garfos da gaveta para que meus pais soubessem que eu estava em casa. Eu tinha posto a mesa e agora estava meio de pé perto da minha cadeira, meio curvada sobre a mesa, olhando para nada em particular e tentando ignorar a presença da minha mãe. Embora eu não conseguisse lembrar de nossos olhos se encontrarem, tinha certeza de que ela me viu no quarto, e não sabia o que diria se ela mencionasse isso. Em vez disso, ela falou com uma voz em parte zangada, em parte outra coisa, “Você vai ficar aí parada sem fazer nada o dia todo?”. Essa

parte meio que outra coisa era nova; eu nunca tinha ouvido aquilo em sua voz antes. Não consigo dizer exatamente o que era, mas sei que me fez responder, “E se eu ficar?”, e, ao mesmo tempo, olhar dentro dos olhos dela. Deve ter sido um choque o jeito como falei. Eu nunca tinha respondido dessa forma antes. Ela olhou para mim e então, em vez de me reprimir e me colocar de volta no meu lugar, baixou os olhos e foi embora. De costas, ela parecia pequena e engraçada. As mãos flácidas estavam ao lado do corpo. Eu tinha certeza de que nunca mais deixaria aquelas mãos me tocarem de novo; tinha certeza de que nunca poderia deixá-la me beijar outra vez. Tudo isso havia acabado.

Fiquei espantada por conseguir comer minha comida, porque tudo ali me lembrava de coisas que aconteceram entre mim e minha mãe. Há muito tempo, quando eu não comia a carne, reclamando que envolvia muita mastigação, minha mãe primeiro mastigava pedaços em sua própria boca e depois me dava. Quando eu odiava tanto as cenouras que chorava só de vê-las, minha mãe tentava de todas as formas torná-las mais saborosas. Tudo isso tinha acabado agora. Eu não achava que seria capaz de pensar em nada daquilo com carinho de novo. Olhei para meus pais. Meu pai continuava do mesmo jeito, comendo da mesma maneira, suas duas fileiras de dentes postiços ruidosas como um cavalo sendo levado ao mercado. Ele estava nos presenteando com outra de suas histórias sobre quando era jovem e jogava críquete em uma ilha ou outra. O que ele tinha acabado de falar deve ter sido engraçado, pois minha mãe não conseguia parar de rir. Ele não pareceu notar que eu não estava prestando atenção.

Meu pai e eu fomos então fazer nosso costumeiro passeio de domingo à tarde. Minha mãe não veio conosco. Não sei o que ela ficou fazendo em casa. Em nossa caminhada, meu pai tentou segurar minha mão, mas eu me afastei dele, fazendo isso de um jeito que dava a entender que me sentia grande demais para isso agora.

Naquela segunda-feira, fui para a nova escola. Fui colocada em uma classe com garotas que nunca tinha visto antes. Mas algumas delas

tinham ouvido falar de mim porque eu era a mais nova e diziam que eu era muito inteligente. Eu gostava de uma garota chamada Albertine e gostava de uma garota chamada Gweneth. No final do dia, Gwen e eu estávamos apaixonadas, então voltamos para casa de braços dados.

Quando cheguei, minha mãe me cumprimentou com o costumeiro beijo e perguntas. Contei a ela sobre o meu dia, me esforçando para fornecer detalhes agradáveis, deixando de fora, é claro, qualquer menção a Gwen e meus sentimentos avassaladores por ela.

3. Gwen

No primeiro dia de aula, fui sozinha para minha nova escola. Foi a primeira e última vez que isso aconteceu. Ao meu redor havia meninas e meninos da minha idade — doze anos — vestindo uniformes e marchando para a escola. Todos pareciam se conhecer e caíam na gargalhada quando se encontravam, dando tapinhas no ombro e nas costas um do outro, contando coisas que deviam causar muita felicidade. Vi algumas garotas vestindo o mesmo uniforme que eu e meu coração ansiava que elas me dissessem algo, mas o máximo que podiam fazer para me incluir era sorrir e acenar em minha direção enquanto caminhavam de braços dados. Eu dificilmente poderia culpá-las por não darem mais atenção a mim. Tudo a meu respeito era tão novo: meu uniforme era novo, meus sapatos eram novos, meu chapéu era novo, meu ombro doía com o peso dos meus livros novos na minha mochila nova; até a estrada por onde eu andava era nova, e devia estar pisando como se não tivesse certeza de que o chão era sólido. O pátio da escola estava cheio de garotas como aquelas com seus passos tão seguros de si. Quando olhava para elas, formavam um mar. Entravam e saíam dos canteiros de flores, por todos os campos, por todo o pátio, entravam e saíam das salas de aula. Ninguém parecia desconhecido de ninguém, só eu. Ao ouvir a maneira como se cumprimentavam, não podia ter certeza de que não tinham saído da barriga da mesma mulher, todas ao mesmo tempo. Olhando para elas, de repente fiquei feliz por ter tomado todo o café da manhã para evitar uma discussão com minha mãe, pois com certeza desmaiaria se estivesse um pouco mais fraca.

Eu sabia onde era minha sala porque eu e minha mãe tínhamos ido visitar a escola uma semana antes. Foi quando conheci alguns dos meus professores e me mostraram as entradas e saídas de todos os lugares. Naquele dia tudo parecia bonito, organizado, vazio e com cheiro de limpeza. Agora cheirava a garotas circulando, tinta fresca em tinteiros, livros novos, giz e borrachas. As meninas da minha sala pareciam estar ainda mais familiarizadas umas com as outras. Eu tinha certeza de que nunca seria capaz de diferenciá-las só de olhar para elas, e tinha certeza de que nunca seria capaz de diferenciá-las pelo som de suas vozes.

Quando o sinal tocou às oito e meia da manhã, formamos as duplas exigidas e entramos no auditório para as orações matinais e para cantar o hino. A diretora conversou conosco, dando as boas-vindas às novas alunas e recebendo de volta as antigas, dizendo que esperava que todas tivessem deixado os hábitos ruins para trás, para sermos bons exemplos umas para as outras e fazermos com que nossa escola tivesse mais crédito do que já tivera com qualquer outro grupo de garotas que estudara lá antes de nós. Minhas mãos estavam molhadas, e por vezes parecia que o chão balançava sob nossos pés, mas isso não me impediu de absorver algumas coisas. Por exemplo, a diretora, a srta. Moore. Soube imediatamente que ela tinha vindo da Inglaterra para Antígua, pois parecia uma ameixa seca que estava fora do pote há muito tempo e falava como se fosse uma coruja. A forma como disse, “Então, meninas...”. Quando ficou assistindo a algumas das outras atividades, seus olhos cinzentos percorreram a sala esperando encontrar algo errado, a garganta subindo e descendo como se um peixe recém-saído da água estivesse preso lá dentro. Eu me perguntei se ela cheirava a peixe. Uma vez, quando não tomei banho, minha mãe me deu uma bronca enorme e terminou dizendo que essa era a única coisa que não gostava nos ingleses: eles não tomavam banho o suficiente, e quando tomavam não sabiam se lavar direito. “Você já reparou como eles têm cheiro de peixe?”, perguntou. De cada lado da srta. Moore estavam nossos outros professores, mulheres e homens — a maioria mulheres. Reconheci a srta. George, professora de música; a srta. Nelson, nossa tutora; a srta. Edward, de história e geografia; e a srta. Newgate, de

álgebra e geometria. Eu as conhecera no dia em que minha mãe e eu fomos visitar a escola. Não sabia quem eram os outros e não me preocupei com isso. Como eram professores, tinha certeza de que não demoraria muito para que, por algum mal-entendido, se tornassem uma pedra no meu sapato.

Voltamos à nossa sala do mesmo jeito que tínhamos ido para lá, comportadas e em silêncio, com exceção de algumas conversas sussurradas. Mas assim que entramos as meninas já estavam no colo uma da outra, com os braços em volta do pescoço. Depois de espiar por cima do ombro para a esquerda e para a direita, sentei no meu lugar e me perguntei o que seria de mim. Havia vinte de nós na minha classe, e estávamos sentadas em carteiras dispostas de cinco em cinco, distribuídas em quatro filas. Eu estava em uma mesa na terceira fila, o que me deixou ainda mais infeliz. Odiava me sentar tão longe da professora, porque tinha certeza de que perderia algo que ela dissesse. Mas, pior ainda, se estivesse longe do olhar da professora, como ela veria meu esforço e minha rapidez em aprender as coisas? E, além disso, só as burras sentavam nas fileiras mais do fundo, e eu não podia suportar a ideia de ser considerada burra. Dali podia ver as costas de uma garota de cabelos desgrehados que estava sentada na primeira fila — o lugar que eu mais cobiçava, já que ficava bem na frente da mesa da professora. Naquele momento, a garota se virou, olhou para mim e falou, “Você é Annie John? Disseram que você é muito inteligente”. Foi bom que a srta. Nelson entrou na sala naquele exato instante, porque o que pensariam se eu tivesse respondido, “Sim, é mesmo verdade”, a resposta honesta que estava na ponta da minha língua.

Assim que a srta. Nelson entrou, todas sossegamos e nos levantamos, ficando na frente de nossas carteiras. Ela disse, “Bom dia, classe”, em parte como alguém deve ter dito que seria a forma certa de falar conosco e em parte de um jeito jocoso, como se em segredo a divertíssemos. Respondemos, “Bom dia, senhorita”, ao mesmo tempo e de forma respeitosa, enquanto fazíamos uma reverência pouco visível, todas ao mesmo tempo também. Quando se sentou à mesa, falou, “Podem sentar agora”, e então nos sentamos. Ela abriu o livro de

chamada e quando dizia nossos nomes cada uma respondia, “Presente, senhorita”. Mantinha a cabeça inclinada sobre o livro enquanto chamava nossos nomes, mas quando disse o meu e respondi da mesma forma que as outras, ela olhou para mim, sorriu e falou, “Bem-vinda, Annie”. Todas, é claro, se viraram e olharam para mim. Eu tinha certeza que era porque elas podiam ouvir o barulho alto que meu coração fazia dentro do peito.

Era o primeiro dia de um novo semestre, explicou a srta. Nelson, e por isso não abordaríamos nenhum dos tópicos usuais; em vez disso, passaríamos a manhã contemplando e refletindo para produzir algo que ela descreveu como uma “redação autobiográfica”. À tarde, leríamos nossas redações autobiográficas em voz alta umas para as outras. (Eu sabia bastante sobre autobiografia e redação, mas refletir e contemplar! Passar um dia na escola assim! É claro que na maioria dos livros as pessoas boas estavam sempre contemplando e refletindo antes de fazer qualquer coisa. Talvez ela achasse que poderia ver nosso futuro e, contra todas as previsões, acabaríamos nos tornando boas pessoas.) Ao ouvir isso, um grande suspiro subiu das meninas. Metade era de felicidade por pensar que poderiam ficar sentadas olhando para o nada, a outra era de infelicidade pelos pequenos delitos que não seriam cometidos. Eu estava na metade feliz, porque sabia que isso agradaria à srta. Nelson e, deixando de lado meu interesse egoísta, gostava tanto do jeito como ela usava o cabelo alisado, a blusa de manga comprida e a saia plissada que queria agradá-la.

A manhã foi tranquila: uma garota derramou a tinta do seu tinteiro no uniforme; outra quebrou a ponta da caneta e depois fez uma grande confusão para substituí-la; garotas se remexiam em suas cadeiras e beliscavam as nádegas umas das outras; garotas passavam bilhetinhos entre si. A srta. Nelson deve ter visto e ouvido tudo isso, mas não disse nada — apenas continuou a ler seu livro: uma elaborada edição ilustrada de *A tempestade*, o que pude ver mais tarde quando passei pela mesa dela. No meio da manhã, disse para sairmos e esticarmos as pernas e respirar um pouco de ar fresco por alguns minutos; quando

voltamos, ganhamos copos de limonada gelada e uma fatia de pão para nos refrescar.

Assim que o sol estava no meio do céu, nos mandaram almoçar. A Terra pode ter crescido um ou dois centímetros entre a hora em que caminhei até a escola naquela manhã e a que fui para casa almoçar, pois algumas meninas abriram espaço para mim em seu pequeno grupo. Mas eu não conseguia prestar muita atenção nelas; minha cabeça estava no novo ambiente, na nova professora, no que eu tinha escrito no meu lindo caderno novo com uma capa preta e branca e páginas pautadas (tão feliz por ter me livrado dos meus cadernos antigos, que traziam na capa a foto de uma mulher enrugada usando uma coroa na cabeça e um colar e pulseiras de diamantes e pérolas — as páginas tão grossas que pareciam feitas de fubá). Voei para casa. Devo ter comido minha comida. Voei de volta para a escola. Por volta de uma e meia da tarde, estávamos sentadas sob uma árvore exuberante em uma parte isolada do pátio com nossas redações autobiográficas em mãos. Estávamos prestes a ler em voz alta o que tínhamos escrito durante nossa manhã de contemplação e reflexão.

Ao chamado da srta. Nelson, cada menina se levantou e leu o que havia escrito. Uma menina falou de uma tia muito reverenciada e amada que agora morava na Inglaterra e de como ansiava um dia se mudar para lá e morar com a tia; uma menina contou que seu irmão estudava medicina no Canadá e descreveu a vida que ela imaginava que ele vivia lá (me pareceu um bocado estranha); uma garota falou do susto que teve quando sonhou que estava morta, e do susto que levou quando acordou e descobriu que não estava (todas riram disso, e a srta. Nelson teve que pedir várias vezes para ficarmos quietas); uma garota contou como a melhor amiga da prima da melhor amiga de sua irmã mais velha (era uma verdadeira confusão) tinha ido a uma reunião de escoteiras em Trinidad e conhecido alguém que havia tomado chá com Lady Baden-Powell milhões de anos atrás; uma menina contou sobre uma excursão que fez com o pai para Redonda, e como viram alguns atobás cuidando de seus filhotes. As coisas correram desse jeito, tão divertido e tão cheio de imaginação. Comecei a me perguntar sobre

o que eu havia escrito, pois era o oposto de divertido e o oposto de imaginativo. O que eu escrevera era sincero e, com exceção do final, bastante verdadeiro. Será que minha vez chegaria? O que deveria fazer, estando em um mundo de novas garotas, um mundo no qual eu não estava nem perto do centro?

Demorou um pouco até que eu percebesse que a srta. Nelson estava me chamando. Finalmente era minha vez. Levantei e comecei a ler, com a voz trêmula no início, mas como o som da minha própria voz sempre foi um calmante para mim não demorou muito para eu começar a ler de tal maneira que, exceto pelo gorjeio de alguns pássaros, o zumbido das abelhas à procura de flores, a rajada prateada do vento nas árvores, o único som que se ouvia era a minha voz subindo e descendo frase após frase. No final da leitura, pensei que estava imaginando os rostos virados para cima com olhares de adoração, mas não estava; também pensei que estava imaginando ao ver olhos cheios de lágrimas, mas não estava. A srta. Nelson disse que gostaria de pegar minha redação para ler por conta própria, e que seria guardada na estante com os livros que compunham nossa biblioteca, para que estivesse disponível para qualquer menina que quisesse ler. Foi isso que escrevi:

“Quando eu era criança, minha mãe e eu íamos a Rat Island aos domingos logo depois da igreja, para que eu pudesse tomar banho de mar. Foi numa época em que pensavam que eu tinha rins fracos e o banho de mar era recomendado como remédio fortalecedor. A Rat Island não era um lugar para onde muitas pessoas iam, mas ao descer por algumas rochas minha mãe encontrou um lugar no qual parecia que ninguém estivera. Como esse banho de mar era um remédio, e não um piquenique, não podíamos usar trajes de banho. Minha mãe nadava muito bem. Quando mergulhava no mar, era como se sempre tivesse vivido lá. Se era seguro, ela ia para longe, e só de ver como as ondas batiam na praia podia dizer se era seguro. Ela sabia se havia tubarões por perto e nunca havia sido queimada por uma água-viva. Eu, por outro lado, não sabia nadar. Na verdade, se estivesse com água até os joelhos, tinha certeza de que estava me afogando. Minha mãe

tentou de tudo para me fazer nadar, desde usar estratégias de convencimento até simplesmente me jogar na água sem uma palavra. Nada funcionou. A única maneira de me fazer entrar era se eu estivesse nas costas da minha mãe, os braços apertados em volta do pescoço dela, e ela então nadaria não muito longe da costa. Só então eu podia esquecer o quanto o mar era grande, o quanto o fundo do mar ficava longe e como ele estava cheio de coisas que não entendiam um bom olá. Quando nadávamos assim, eu pensava em como éramos parecidas com as fotos de mamíferos marinhos que tinha visto; minha mãe e eu, nuas na água do mar, ela cantando para mim em um patoá francês que eu não conhecia ainda ou, às vezes, sem dizer nada. Eu encostava meu ouvido em seu pescoço, e era como se estivesse ouvindo uma concha gigante, pois todos os sons ao redor — o mar, o vento, os pássaros cantando — pareciam vir de dentro dela, assim como os sons do mar estão em uma concha. Depois, minha mãe me levava de volta para a praia e eu me deitava ali, fora do alcance da maior das ondas, para observá-la enquanto ela nadava.

“Um dia, enquanto via minha mãe nadar e mergulhar, escutei uma comoção na água. Eram três navios que passavam cheios de pessoas. Deviam estar comemorando alguma coisa, pois as buzinas soavam e as pessoas gritavam em resposta. Depois que sumiram, voltei a olhar para minha mãe, mas não conseguia vê-la. Procurei com os olhos no pequeno trecho de água onde ela deveria estar, mas não a encontrei. Levantei e comecei a chamar o nome dela, mas nenhum som saía da minha garganta. Um enorme espaço preto se abriu na minha frente e eu caí dentro dele. Não conseguia ver o que estava na minha frente e não conseguia ouvir nada ao meu redor. Não conseguia pensar em nada, exceto que minha mãe não estava mais perto de mim. As coisas continuaram assim por não sei quanto tempo. Não sei dizer o quê, mas algo chamou minha atenção. Minha mãe estava ali, um pouco fora do lugar em que costumava nadar, sentada e desenhando padrões em uma grande pedra. Não estava prestando atenção em mim, pois não sabia que eu procurava por ela. Fiquei feliz em vê-la e comecei a pular para cima e para baixo e acenar. Mesmo assim ela não me viu, e então

comecei a chorar, pois me dei conta de que, com toda aquela água entre nós e eu sem saber nadar, minha mãe poderia ficar lá para sempre, e a única maneira de eu conseguir envolver meus braços em volta dela outra vez seria por vontade dela ou se eu pegasse um barco. Chorei até me esgotar. Minhas lágrimas escorriam pela boca, e foi a primeira vez que percebi que as lágrimas tinham um gosto amargo e salgado. Por fim, minha mãe voltou até a costa. Ela ficou, é claro, assustada quando viu meu rosto, pois eu havia deixado as lágrimas secarem e elas formaram uma mancha. Quando contei o que havia acontecido, ela me abraçou tão forte que era difícil respirar e me disse que nada poderia estar mais longe da verdade — que ela nunca me deixaria. E ainda que ela dissesse isso várias vezes, e por mais que eu me sentisse melhor, não consegui apagar da minha mente a sensação que tive quando não consegui encontrá-la.

“No verão passado, sonhei diversas vezes com a minha mãe sentada na rocha. Tinha esse sonho repetidas vezes — só que nele minha mãe nunca mais voltava, e às vezes meu pai se juntava a ela. Quando ele estava com ela, ambos se sentavam desenhando padrões na rocha, e devia ser divertido, pois eles sempre riam juntos. Eu não disse nada no começo, mas quando comecei a ter o mesmo sonho de novo e de novo por fim contei para minha mãe. Ela ficou angustiada na mesma hora; seus olhos se encheram de lágrimas e, me abraçando, repetiu mais uma vez tudo o que me dissera naquele dia, e dessa vez a lembrança do período obscuro em que senti que nunca mais a veria não voltou a me assombrar.”

Não é que eu tenha mentido na última parte. Isso é exatamente o que teria acontecido nos velhos tempos. Mas, na verdade, no ano passado eu tinha sido lançada na condição de moça, e quando contei o sonho à minha mãe — o pesadelo, na verdade —, sua resposta foi virar as costas e dizer que eu não deveria comer certos tipos de frutas quando ainda estavam verdes antes de dormir. Contei a versão dos velhos tempos para minhas colegas porque, pensei, não suportaria a ideia de mostrar minha mãe como alguém ruim para quem mal a conhecia.

Mas a verdade é que eu não podia suportar que ninguém visse o quanto eu estava infeliz com minha mãe.

Enquanto caminhávamos de volta para a sala de aula, eu no ar, minhas colegas no chão, empurrando umas às outras para me dizer palavras de admiração e me parabenizar, minha cabeça parecia estranha, como se tivesse inchado até o tamanho de um balão e não pesasse muito mais do que isso. Minha mãe me dissera muitas vezes para não sentir orgulho de nada do que eu fazia e, no instante seguinte, afirmava que eu não conseguia sentir orgulho suficiente de algo que tinha feito. Agora, ia de um lado para o outro: minha cabeça presa ao chão, minha cabeça no ar. Olhei as meninas à minha volta, meu coração cheio de um amor recém-nascido, e desejei passar o resto da vida só com elas.

Quando nos aproximamos da sala, senti um beliscão no braço. Foi um beliscão afetuoso, eu poderia dizer. Vinha da garota que mais cedo me perguntara se meu nome era Annie John. Dizia agora que se chamava Gweneth Joseph e, enfiando a mão no bolso do uniforme, tirou uma pequena pedra e a mostrou para mim. Contou que a encontrara ao pé de um vulcão adormecido. A pedra era preta e parecia áspera em minhas mãos, como se tivesse passado por muita coisa. Eu imediatamente aproximei meu nariz para sentir seu cheiro. Cheirava a lavanda, porque Gweneth Joseph a mantinha embrulhada em um lenço embebido naquele perfume. Pode ter sido nesse momento que nos apaixonamos. Tempos depois, não conseguíamos entrar em um acordo sobre quando isso tinha acontecido. Naquela tarde, caminhamos juntas para casa, ela desviando um pouco de seu caminho habitual, e compartilhamos gostos e desgostos, queixos caídos e olhos arregalados ao percebermos como eram parecidos. Nos separamos das outras meninas, e elas, entendendo tudo, nos deixaram em paz. Atravessamos um bosque de tamarindos, cortamos caminho por um bosque de cerejeiras, passamos pela alameda onde todas as casas tinham sebes elaboradas crescendo na frente, de modo que nada era visível

além das janelas do andar de cima. Quando chegamos à minha rua, a separação foi quase insuportável. “Amanhã”, dissemos para nos animarmos.

Gwen e eu logo nos tornamos inseparáveis. Se uma estava, a outra também estava. Para mim, cada dia começava quando eu esperava que Gwen viesse me buscar para irmos à escola. Meu coração batia rápido enquanto eu ficava no jardim diante de casa esperando para vê-la surgir na esquina da nossa rua. O sol, já alto no céu tão cedo, brilhava sobre ela, e toda a rua ficava de repente vazia para que Gwen e tudo nela fosse perfeito, como se estivesse em uma foto. Seu chapéu-panamá, com a fita de cetim azul-marinho e dourado — as cores da nossa escola — na aba, ficava torto na cabeça, pois sua cabeça era pequena e ela parecia nunca conseguir um chapéu do tamanho certo, precisando prendê-lo com um pedaço de elástico sob o queixo. As pregas da túnica estavam no lugar, como era de esperar. As meias de algodão encaixavam com perfeição em seus tornozelos, e os sapatos polidos brilhavam. Quando uma brisa suave soprava, agitava seu cabelo curto e ralo e a bainha de sua túnica; então eu conseguia ver seus joelhos. Ela tinha joelhos ossudos que estavam sempre acinzentados, como se tivesse acabado de dar uma boa coçada neles ou de fazer suas orações. A brisa também poderia soprar a aba do chapéu para trás e, como ela andava com a cabeça baixa, eu conseguia ver seu rosto: um nariz pequeno e achatado; lábios no formato de um pires partido perfeitamente em duas partes; maçãs do rosto salientes e altas; orelhas bem presas na cabeça — sempre aprumada de maneira séria, como se estivesse repassando na mente algumas das muitas coisas que havíamos encontrado e que eram realmente um mistério para nós. (Apesar de certa vez eu ter mencionado isso e ela respondeu que na verdade só estava pensando em mim. Não conferi, mas senti como se toda a minha pele estivesse coberta com milhões de pequenos furúnculos vermelhos e que em breve eu explodiria de felicidade.) Quando ela por fim chegava perto, olhava para cima e nós duas sorriamos, dizendo “Oi” baixinho, e partíamos para a escola lado a lado, os pés no mesmo

passo, sem nos tocarmos, mas sentindo como se estivéssemos unidas pelo ombro, pelo quadril e pelo tornozelo, sem mencionar o coração.

Enquanto caminhávamos juntas, compartilhávamos coisas que julgávamos mais privadas e secretas: coisas que ouvíamos nossos pais dizerem, sonhos que tivemos na noite anterior, coisas que de fato nos faziam sentir medo; mas falávamos sobretudo do nosso amor uma pela outra. Com a exceção de alguns comentários comuns que surgiam de modo natural, nunca contei sobre a mudança de sentimento por minha mãe. Podia perceber o tamanho da consideração que Gwen tinha por mim e não suportava a ideia de que ela visse a grande coisa que eu um dia tivera e que perdi sem explicação. Quando chegávamos à escola, nossas amigas muitas vezes pareciam arrogantes, com seus pequenos comentários sobre a forma como seus uniformes foram passados ou sobre a organização de seus livros, ou sobre o quanto aprovavam o novo penteado que a srta. Nelson estava usando. Algumas outras sentiam o mesmo que Gwen e eu, e quando ouvíamos comentários desse tipo nos olhávamos e revirávamos os olhos e erguíamos as mãos — uma forma de dizer o quanto estávamos acima de tudo aquilo. O gesto era uma cópia exata, é claro, do que víamos nossas mães fazerem.

Minha vida na escola se tornou exatamente o oposto da minha primeira manhã. Eu fui de alguém ignorada, a quem as pessoas quase não olhavam, para ter garotas disputando minha amizade, ou ao menos por mais do que serem só conhecidas. Tanto minhas colegas quanto minhas professoras percebiam como eu aprendia rápido. Logo me foi dada a responsabilidade de supervisionar a aula na ausência da professora. No começo fiquei um pouco surpresa com isso, mas depois me acostumei. Eu deixava muitas coisas passarem, ainda mais se fosse algo engraçado ou comovente. Não perdia tempo com decisões, sempre escolhia aquilo que estava na minha frente. Por vezes, quando via meu velho eu frágil em uma garota, a defendia; por vezes, quando via meu

velho eu frágil em uma garota, era cruel e sem coração. Tudo correu muito bem, e me tornei bastante popular.

O corpo pelo qual adquirira tanto ódio agora era uma vantagem: eu me destacava nos jogos e fui nomeada capitã de um time de vôlei. Assim como era favorecida por minhas colegas dentro e fora da sala de aula, era também pelas minhas professoras — ainda que apenas dentro da sala, pois me tornei famosa por fazer coisas proibidas. Quando, às vezes, me afastava de mim mesma para analisar quem eu havia me tornado, ficava muito surpresa com o que via. Mas, uma vez que quem eu tinha me tornado era a responsável pelo amor e pela devoção de Gwen e das outras garotas, só sentia mais vontade de encontrar novas e melhores maneiras de entretê-las. Não sei dizer que padrão invisível fora estabelecido, ou por quem ou quando exatamente, mas oito de nós o cumpríamos, e logo nos tornamos, para as outras garotas, alvo de comentários favoráveis ou desfavoráveis, conforme o caso.

Era em um cantinho escondido onde ficavam algumas lápides antigas — um lugar descoberto por meninas que frequentaram a escola muito antes de nós nascermos —, sombreado por árvores com troncos tão grossos que seriam necessários quatro braços para abraçá-las, que nos sentávamos para conversar sobre o que dizíamos estar em nossas mentes a cada dia. Em nossas mentes estavam, todos os dias, nossos seios e sua recusa em crescer. Ao ouvir em algum lugar que se um menino esfregasse nossos seios eles cresceriam rápido, transmiti a notícia. Como os meninos eram banidos do mundo que ocupávamos e para sempre queríamos ocupar, tivemos que nos contentar com nós mesmas. Que perfeição encontramos umas nas outras, sentadas em lápides de pessoas que haviam morrido há muito tempo e que foram mestres de nossos ancestrais! Não havia nada em particular que nos incomodasse a não ser a perturbação que era quando uma mosca batia em nossas bocas, grudentas após pousarem nas frutas; uma abelha querendo se aninhar em nossos cabelos; a brisa que de repente soprava forte demais. Tínhamos certeza de que o tão falado futuro para o qual todos estavam nos preparando nunca chegaria, pois nosso sentimento contra ele era tão forte, e por que nossa vontade não deveria prevalecer?

Às vezes, quando nos olhávamos, tudo o que podíamos fazer era não gritar de felicidade.

Minha própria felicidade especial era, é claro, com Gwen. Ela ficava na minha frente tentando ver meus olhos bastante escuros — uma forma, ela disse, de saber exatamente o que eu estava pensando. Depois de algum tempo desistia, dizendo, “Não consigo ver nada, só meu rosto de sempre”. Então eu ria e a beijava no pescoço, o que provocava calafrios nela, como se alguém a expusesse a uma corrente de ar frio quando estava com febre. Às vezes, quando ela falava comigo, eu ficava tão emocionada que não conseguia mais ouvir o que dizia, só distinguir sua boca enquanto se movia para cima e para baixo. Conteí a ela que gostaria que meu nome fosse Enid, em homenagem a Enid Blyton, a autora dos primeiros livros que descobri sozinha e passei a gostar. Conteí a ela que quando era mais jovem tinha medo de a minha mãe morrer, mas que desde que conhecera Gwen isso não importava muito. Sempre que falava da minha mãe, me certificava de virar os cantos da boca para baixo, demonstrando meu desprezo. Dizia que não via a hora de crescermos para podermos morar em uma casa só nossa. Eu até já tinha escolhido. Era uma casa cinzenta, com muitos cômodos, e ficava na alameda onde todas as casas tinham sebes altas e bem aparadas. Ela concordava com todos os meus planos, e tenho certeza de que, se ela tivesse planos próprios, eu também teria concordado com eles.

Na manhã do primeiro dia em que comecei a menstruar, me senti estranha de um jeito novo — quente e fria ao mesmo tempo, com dores horríveis subindo e descendo pelas pernas. Minha mãe, sabendo qual era o problema, ignorou minhas queixas e disse que aquilo era esperado e que eu logo me acostumaria. Vendo meu rosto sombrio, ela me contou, meio brincando, sua própria experiência com o primeiro passo para o amadurecimento, como ela chamava, que acontecera quando ela tinha a mesma idade. Fingi que essa informação nos aproximava — tão próximas quanto nos velhos tempos, — mas disse para mim mesma, “Que serpente!”.

Caminhei até a escola com Gwen me sentindo como suponho que um cachorro se sinta quando faz algo errado e se envergonha de si mesmo e tenta chegar rápido a algum lugar onde possa se esconder. O tecido entre as minhas pernas ficava mais pesado a cada passo, e eu tinha certeza de que tudo em mim passava a mensagem “Ela está menstruada hoje. Ela está menstruada hoje”. Quando Gwen ouviu o que tinha acontecido, seus olhos se encheram de lágrimas. Ainda não tivera a experiência maravilhosa, e eu podia ver que chorava por si mesma. Ela disse que, em solidariedade, também usaria um pano.

Na sala de aula, desmaiei pela primeira vez na vida. A srta. Nelson teve que me reanimar, passando os sais aromáticos que guardava em um lindo frasco verde de um lado para o outro sob o meu nariz. Então ela me levou para ver a enfermeira, que disse que foi o medo de toda a dor inesperada que me fez desmaiar, mas eu sabia que tinha desmaiado após surgir em minha mente uma imagem clara de mim mesma sentada na carteira em cima do meu próprio sangue.

No recreio, entre as lápides, é claro que eu tinha que expor e demonstrar. Nenhuma das outras menstruara ainda. Mostrei tudo sem o mínimo floreio, já que não estava de fato interessada no assunto. Em vez disso, desejei que uma das outras garotas estivesse no meu lugar e que eu estivesse apenas sentada ali, maravilhada. Mas como todas elas eram legais, se reuniram ao meu lado, oferecendo ombros para que eu pudesse me apoiar, colos para descansar minha cabeça cansada e dolorida e beijos que realmente me acalmaram. Quando eu olhava para elas sentadas ali em volta, a igreja ao longe, além da nossa escola, onde uma multidão de meninas ia e voltava no pátio, e além dela o mundo, eu desejava que tudo desmoronasse para que de repente estivéssemos sentadas em uma atmosfera diferente, sem um futuro cheio de exigências ridículas, sem precisar de nenhum sustento exceto nosso amor umas pelas outras, sem que nada impedisse nossos desejos, que seriam, é claro, simples desejos — nada, nada, apenas nós sentadas naquelas lápides para sempre. Mas nunca seria assim, como me mostrou o badalar do sino da escola.

Voltamos para a aula devagar, como se estivéssemos indo a um funeral. Gwen e eu juramos nos amar sempre, mas as palavras tinham um tom oco, e quando nos olhávamos não conseguíamos sustentar o olhar. A srta. Nelson e a enfermeira decidiram que eu não deveria ficar na escola depois do almoço, e a enfermeira mandou instruções para que minha mãe me mantivesse na cama pelo resto do dia.

Quando cheguei em casa, minha mãe veio em minha direção, braços estendidos, a preocupação escrita no rosto. Minha boca inteira se encheu de um gosto amargo, pois eu não conseguia entender como ela podia ser tão bonita apesar de não amá-la mais.

4. A Garota Vermelha

Quando estava aprontando algo, eu sempre batia o portão do quintal ao passar. Se estivesse saindo de casa, batia o portão para avisar minha mãe que tinha saído, para que ela parasse de se preocupar comigo e ocupasse a mente com outras coisas. Então, após algum tempo, eu destrancava o portão em silêncio, me esgueirava de volta para o quintal e mergulhava embaixo da casa para pegar ou esconder algum objeto que eu não podia ter — em geral algo que havia chegado até mim através da minha especialista em roubos. Se estivesse voltando para casa, invertia o processo, primeiro ficando bastante quieta, verificando minhas coisas embaixo da casa, certificando-me de que tudo ainda estava no lugar, muitas vezes acrescentando um novo tesouro; depois batia o portão para anunciar à minha mãe que tinha acabado de voltar. Minha mãe costumava dizer, “Quantas vezes tenho que dizer para você não bater o portão?”.

Eu guardava, embaixo da casa, quase todos os livros que já tinha lido. Não suportava me desfazer de um livro que lia, gostando dele ou não. Então eu o roubava. Sempre conseguia, porque era especialista em afastar suspeitas e fazer cara de inocente. Alguns dos livros foram recebidos da maneira usual e direta, como presentes de aniversário e Natal, e como prêmios na escola; estavam todos expostos em uma pequena estante que meu pai fizera para mim, e sempre que eu sentia que estava perdendo as boas graças da minha mãe deixava que ela me visse absorta nos livros. Ela vinha, acariciava minha testa, me beijava e dizia “Eu sei que você gosta de ler, mas não deve forçar a vista”.

Sentindo que as desavenças tinham ficado para trás, eu então bolava algo novo.

Foi minha mãe quem me deu minhas primeiras bolinhas de gude. Vieram, um par delas, como brinde em uma caixa de aveia, e ela pensou que eu acharia engraçado seu tamanho incomum — grandes como ameixas — e sua cor. Uma era branca e azul, a outra branca com tons amarelos quase marrons. Pareciam globos em miniatura, o branco representando os mares, as cores representando as massas de terra. Não pensei muito a respeito delas enquanto as rolava nas mãos, mas minha mãe, pegando a bolinha amarela e marrom e a erguendo no ar, disse, “Que cor bonita! Âmbar”. Âmbar! Desnecessário dizer que, quando mostrei as bolinhas de gude para minhas amigas na escola, disse, “Que cor bonita, âmbar”, causando o efeito desejado entre elas, pois ao me ouvirem dizer a palavra “âmbar”, arregalaram os olhos e suas bocas formaram minúsculos Os.

Um dia, eu estava jogando pedras em uma goiabeira, tentando derrubar uma goiaba madura, quando a Garota Vermelha apareceu e disse, “Qual delas você quer?”. Depois que apontei, ela subiu na árvore, pegou a que eu queria do galho, desceu e me entregou a fruta. Meus olhos se arregalaram e minha boca formou um O. Nunca tinha visto uma garota fazer isso antes. Todos os meninos subiam em árvores para pegar as frutas que queriam, e todas as meninas jogavam pedras para derrubar as frutas das árvores. Mas veja como ela subiu naquela árvore: melhor do que qualquer menino.

Limpei a deliciosa goiaba madura e perfeita e dei duas mordidas, olhando para a Garota Vermelha. Fiz certo ao dar atenção especial a ela na primeira vez que a vi. Ela segurava a saia da mãe dela e eu segurava a saia da minha mãe. Nossas mães acenavam uma para a outra ao passar, gritando as saudações de sempre, fazendo as perguntas de sempre. Percebi que o cabelo da garota tinha a cor de uma moeda nova e que era tão indomável que precisava ser moldado em cachos como saca-rolhas, as pontas amarradas com um fio branco. Os cachos não ficavam retos na cabeça, eles se erguiam, e quando ela andava eles pulavam para cima e para baixo como se fossem algo anfíbio e vivo. Logo passei a

chamá-la para mim mesma de Garota Vermelha. Pois enquanto ela passava, em minha mente eu podia vê-la cercada por chamas, com a casa em que morava pegando fogo, e ela não conseguia escapar. Eu a resgatava, e depois disso ela me seguia em adoração e recebia com imensa tolerância todo e qualquer abuso que eu lhe fizesse. Eu teria continuado assim por um tempo, mas minha mãe me puxou, exigindo minha atenção; eu a ouvi dizer, “Uma mulher tão bacana, mantendo aquela menina tão suja”.

A Garota Vermelha e eu ficamos embaixo da goiabeira, nos olhando de cima a baixo. Que coisa linda eu via diante de mim. Seu rosto era grande e redondo e vermelho, como uma lua — uma lua vermelha. Ela tinha pés grandes, largos e chatos, e eles estavam descalços; seu vestido estava sujo, rasgado, a parte da saia se separando da blusa em um dos lados; o cabelo ruivo que eu vira pela primeira vez em pé em sua cabeça estava embaraçado e emaranhado; suas mãos eram grandes e gordas, e as unhas continham a terra de ao menos dez formigueiros embaixo delas. E ela ainda por cima tinha um cheiro tão inacreditável e maravilhoso, como se nunca tivesse tomado banho em toda a sua vida.

Logo aprendi isso sobre ela: tomava banho só uma vez por semana, e apenas para ser admitida na presença da avó. Não gostava de tomar banho, e sua mãe não a forçava. Trocava de vestido só uma vez por semana pelo mesmo motivo. Preferia usar uma roupa até que não pudesse mais ser usada. A mãe também não se importava com isso. Não gostava de pentear o cabelo, embora no primeiro dia de aula pudesse se forçar a isso. Não gostava de ir à escola dominical, e sua mãe não a forçava. Não gostava de escovar os dentes, mas de vez em quando a mãe dizia que era necessário. Adorava jogar bolinhas de gude e era tão boa que só os meninos Skerritt jogavam contra ela. Oh, que anjo ela era, e em que paraíso vivia! Eu, por outro lado, tomava um longo banho todas as manhãs e me limpava com a esponja todas as noites. Mal podia sair à minha porta sem calçar os sapatos. Não tinha permissão para brincar ao sol sem um chapéu na cabeça. Minha mãe pagava sete pence por semana para uma mulher que morava a cinco casas de nós — um pence por dia de aula e dois pence por domingo —

pentear meu cabelo. No sábado, minha mãe lavava meu cabelo. Antes de ir dormir, eu tinha que me certificar de que meu uniforme estava limpo, sem vincos e arrumado para o dia seguinte. Eu precisava ter certeza de que meus sapatos estavam limpos e polidos para brilharem bastante. Ia à escola dominical todos os domingos, a menos que estivesse doente. Eu não tinha permissão para jogar bolinhas de gude e, quanto aos meninos Skerritt, isso sequer era mencionado.

A Garota Vermelha e eu caminhamos até o topo da colina atrás da minha casa. No topo da colina havia um velho farol. Deve ter sido um farol útil em algum momento, mas agora estava lá apenas para as mães dizerem aos filhos, “Não brinquem no farol”, minha própria mãe liderando o coro, tenho certeza. Sempre que eu ia ao farol sem que minha mãe soubesse, precisava juntar toda a minha coragem para ir até o topo, tão tonta a altura me deixava. Mas agora eu marchava corajosamente atrás da Garota Vermelha como se no topo estivesse meu próprio quarto, com meus confortos familiares esperando por mim. Uma vez ali, ficamos na varanda e olhamos para o mar. Podíamos ver alguns barcos indo e vindo; podíamos ver algumas crianças da nossa idade voltando das brincadeiras; podíamos ver algumas ovelhas sendo levadas do pasto para casa; podíamos ver meu pai voltando do trabalho.

Nem era preciso dizer entre nós que minha mãe nunca poderia saber que nos tornamos amigas, que planejamos nos encontrar no farol desse mesmo jeito todos os dias pelo resto de nossas vidas, e muito menos que eu agora adorava o chão sujo em que os pés da Garota Vermelha pisavam. Pouco antes de nos separarmos, ela me deu três bolinhas de gude; eram de um tipo comum, do tipo que se podia comprar três por um centavo — esferas de vidro com uma gota em forma de lágrima suspensa no centro. Mais um segredo para manter longe da minha mãe!

E agora comecei a trair com frequência pessoas e coisas pelas quais teria jurado morrer apenas alguns minutos antes. Havia Gweneth, a

quem eu tanto amava e que era minha amiga mais querida apesar da total aprovação da minha mãe, mas tinha tanta astúcia e tantas maneiras agradáveis para mim que minha mãe nunca poderia ter imaginado. Lá estava ela, me esperando em nosso lugar de sempre atrás da cisterna. “Oh, Gwen, espere até eu te contar uma coisa”, eu começava depois de nos abraçarmos e trocarmos beijos. Então nos atualizávamos sobre todos os nossos últimos triunfos e decepções. Mas agora, enquanto minha cabeça descansava em seu ombro, eu pensava em quão maçante era o frescor de seu uniforme, a limpeza de seu pescoço, o esmero de suas tranças recém-penteadas. Entramos na sala de aula da maneira usual, de braços dados — a cabeça dela no *meu* ombro, já que eu era mais alta —, sorrisos idênticos em nossos rostos. As pombinhas, nossas amigas nos chamavam. Quem poderia ter adivinhado naquele momento que meu coração tinha outra dona? Com certeza não Gwen. Pois é claro que, ao atualizá-la, eu nunca mencionava a Garota Vermelha.

E as bolinhas de gude! Por acaso, em um momento em que estava apenas brincando, descobri que tinha talento para jogar bola de gude. Joguei uma partida e ganhei. Joguei outra e ganhei. Tomei a vitória como um sinal da perfeição da minha nova união com a Garota Vermelha. Dediquei meu tempo livre a jogar e ganhar bolinhas de gude. Já não podia mais disputar uma partida de *rounders*; não podia mais, durante o intervalo, caminhar do pátio da escola até o pátio da igreja vizinha para sentar em lápides e compilar informações importantes das outras meninas sobre o que exatamente eu deveria fazer para meus seios começarem a crescer. Nossos seios eram, para nós, arbustos preciosos, necessitando apenas da combinação adequada de água e luz solar para florescer. Todo o meu tempo livre passou a ser dedicado a jogar bolinha de gude. E como eu ganhei! Desde o dia em que fui para a escola com os três presentes da Garota Vermelha e voltei com vinte — o suficiente para encher uma velha lata de meio quilo. Todos atribuíam meu talento aos meus braços longos e ao meu olhar firme. Como fiquei surpresa — algo sobre mim que eu não conhecia. Talvez tenha guardado na minha cabeça uma vez que minha mãe me

disse, “Fico tão feliz que você não seja uma dessas garotas que gostam de jogar bolinha de gude”. E talvez porque eu tivesse que fazer exatamente o oposto do que ela desejava de mim, eu agora jogava e jogava bola de gude com uma dedicação que nunca tivera com mais nada. Logo eu tinha tantas bolinhas de gude que precisei estocá-las em recipientes velhos, escondendo-as embaixo da casa em lugares onde não seriam vistas com facilidade se minha mãe um dia se abaixasse e fizesse uma busca completa com seus olhos sempre afiados e inquisitivos. Se eu ainda não tivesse inventado o truque de fechar o portão, com certeza o teria inventado agora. Às vezes batia o portão com tanta força que até comecei a temer que ele se soltasse das dobradiças.

No começo, a Garota Vermelha e eu nos encontrávamos todos os dias. Todos os dias após terminar minhas tarefas, cada tarefa sendo um pequeno ensaio para o dia, distante graças a Deus, em que eu seria a dona da minha própria casa, aquele dia distante em que eu teria que abandonar Gwen, a Garota Vermelha, encontros atrás da cisterna e no farol, bolinhas de gude, lugares embaixo da casa e todos os outros prazeres secretos. Eu dizia à minha mãe, “Acho que vou esticar um pouco as pernas”. Não demorou muito para ela se perguntar por que, depois de todas as minhas atividades diárias, de repente eu tinha vontade de esticar as pernas. Ela me disse, “Por que, depois de todas as coisas que você faz todos os dias, essa súbita vontade de esticar as pernas?”. Eu sempre fui extremamente preguiçosa, gostava só de ficar deitada na minha cama com as pernas apoiadas no parapeito da janela, curtindo o sol quente e lendo um dos meus livros, roubado ou não, ou apenas brincando com algum tesouro. Depois que minha mãe disse isso, parei de ir ao farol por alguns dias e me preocupei pensando em como explicar essa interferência para a Garota Vermelha. Como seria conveniente, pensei, ter uma mãe para quem eu não fosse o interesse principal. Mas encontrei uma nova tática. Alguns dias depois, disse à minha mãe que haviam pedido que observássemos um campo ao pôr do sol para reproduzi-lo em aquarela na aula de desenho; tudo bem,

então, se eu desse uma pequena caminhada até a colina? Formulei a pergunta da maneira que sabia ser mais apelativa para ela, sempre tão ávida por contribuir para a minha formação escolar. É claro que ela concordou. Meus pés devem ter criado asas; em segundos, eu estava no topo do farol.

A Garota Vermelha foi fielmente ao nosso local de encontro todos os dias em que estive mantida prisioneira sob o olhar atento da minha mãe. Dia após dia, ela ia e esperava por mim, e dia após dia eu não aparecia. O que poderia dizer a ela agora? “Minha mãe, a fuxiqueira, me mataria, ou pior, pararia de falar comigo por ao menos algumas horas se soubesse que nos encontramos no nosso lugar secreto”, expliquei. Durante algum tempo depois que cheguei não dissemos nada, apenas olhamos para o mar, vendo os barcos indo e vindo, vendo as crianças da nossa idade voltando para casa das brincadeiras, vendo as ovelhas sendo levadas do pasto para casa. Então, ainda sem dizer uma palavra, a Garota Vermelha começou a me beliscar. Ela beliscou com força, pegando e torcendo pedaços da minha carne quase inexistente. A princípio jurei não chorar, mas aquilo durou tanto tempo que lágrimas que não pude controlar escorreram pelo meu rosto. Chorei tanto que meu peito começou a arfar, e então, como se meu peito arfante fizesse com que sentisse pena de mim, ela parou de me beliscar e começou a me beijar nos mesmos lugares onde pouco antes eu sentira a dor dos beliscões. Oh, a sensação era deliciosa — a combinação de beliscões e beijos. Achamos tão maravilhoso que, quase todas as vezes em que nos encontrávamos, era rotina que os beliscões dela fossem seguidos por lágrimas minhas e depois por beijos dela. Parei de me perguntar por que todas as garotas que eu havia maltratado e abandonado me seguiam com olhares de amor e adoração em seus rostos.

Eu agora tinha, com frequência, que visitar campos ou algo do tipo para as aulas de desenho; coletar espécimes de folhas, flores ou plantas inteiras para a aula de botânica; pesquisar espécimes de rochas para a aula de geografia. Em outras palavras, meu aparato de falsidade estava

agora a todo vapor. Minha mãe, sempre me observando atentamente, ficava maravilhada com tanta diligência e ambição. Eu já era a primeira da minha classe, e era a primeira sem ter que fazer muito esforço, então não tinha com o que me preocupar. Eu era uma mentirosa tão boa que, quase como se para provar que era verdade o que minha mãe dizia, “Onde há um mentiroso há um ladrão”, comecei a roubar. Mas como poderia não fazer aquilo? Não tinha meu próprio dinheiro. E que prazer era trazer um presente e ver aquele rostinho vermelho ficar ainda mais vermelho ao recebê-lo sob a luz do sol poente na varanda do alto do farol. Abrir a bolsa da minha mãe para pegar alguns trocados soltos era fácil, eu tinha alguma prática nisso. Mas não era o bastante para comprar dois metros de fita de gorgorão multicolorido, ou um par de pentes de metal redondos cravejados de strass, ou um par de botões de rosa artificiais perfeitos para usar na cintura de um belo vestido. Eu mal me perguntava se esses presentes eram de fato úteis para a Garota Vermelha; eu mal me importava que ela apenas olhasse para eles por um momento e depois os guardasse no bolso do seu vestido sujo. Eu simplesmente adorava dar coisas a ela. Mas onde conseguia o dinheiro? Eu sabia onde meus pais guardavam a chave de um cofre no qual havia o que, para mim, era muito dinheiro. Não demorou muito para eu conseguir pegar a chave, destrancar o cofre e pegar algum dinheiro, e tenho certeza de que poderia ter feito isso de olhos vendados. Se eles deram falta, devem ter atribuído a um erro. Era um prazer ver que eles não sabiam de tudo.

Certa tarde, depois de fazer alguma afirmação absurda de devoção ao meu trabalho na escola, disse à minha mãe que estava saindo para observar ou coletar — era tudo a mesma coisa para mim — uma coisa ridícula ou outra. Eu estava indo ver a Garota Vermelha, é claro, e estava ainda mais feliz de ir naquele dia porque meu presente era uma bolinha de gude extraordinariamente bonita — de porcelana azul. Eu nunca tinha visto uma bola de gude como aquela antes e, desde que a vi pela primeira vez, queria muito tê-la. Joguei por três dias com a garota a quem a bolinha pertencia até que por fim ganhei todas as bolas de gude dela — trinta e três — menos aquela. Então tive que

jogar com ela e ganhar seis partidas seguidas para ganhar o prêmio — a bolinha de porcelana azul. Usando a técnica usual de bater o portão e me esconder, mergulhei debaixo da casa para recuperar a bolinha de gude do lugar especial em que a havia escondido. Ao sair de debaixo da casa, o que vi diante de mim senão os dois pés enormes da minha mãe cobertos com lona. Pela expressão em meu rosto, ela adivinhou na mesma hora que eu estava aprontando alguma; pela expressão no rosto dela, deduzi imediatamente que estava tudo acabado. “O que é isso na sua mão?”, ela perguntou, e eu não tive escolha a não ser abrir minha mão, revelando o prêmio suado para seus olhos cada vez mais irritados.

Minha mãe disse, “Bola de gude? Eu tinha ouvido falar que você jogava bola de gude, mas simplesmente não consegui acreditar. Você não saiu para procurar plantas, saiu para jogar bola de gude”.

“Oh, não”, eu disse, “Oh, não.”

“Onde estão suas outras bolinhas de gude?”, minha mãe quis saber. “Se você tem uma, você tem muitas.”

“Oh, não”, eu disse, “Oh, não. Eu não tenho bolas de gude porque eu não jogo bola de gude.”

“Você guarda as bolinhas embaixo da casa”, minha mãe continuou, ignorando completamente tudo o que eu tinha dito.

“Oh, não.”

“Vou encontrar todas e jogar no fundo do mar”, ela disse.

Minha mãe se arrastou para baixo da casa e começou uma busca furiosa e incrível pelas minhas bolas de gude. Se ela e eu estivéssemos dando um passeio na floresta amazônica, com dois dos meus passos equivalendo a um dos seus, e depois de um tempo ela percebesse que eu não estava mais ao seu lado, sua busca por mim teria igualado a busca pelas bolinhas. A caçada continuava sem parar, procurando atrás de umas tábuas que meu pai havia guardado anos atrás para algum uso há muito esquecido; atrás de caixas de chapéus cheias de velhos cartões de Natal e aniversário e velhas cartas da família da minha mãe; rasgando minha organizada pilha de livros, dentro dos quais ela veria, se tivesse aberto qualquer um deles, as palavras “Biblioteca Pública, Antígua” perto do título. Claro, teria sido uma história totalmente

diferente e não posso dizer o que teria sido pior, os livros roubados ou jogar bola de gude. Mas ela continuava.

“Onde estão as bolinhas de gude?”, perguntava.

“Não tenho bolinhas de gude”, eu respondia. “Só esta que encontrei um dia quando estava atravessando a rua para ir à escola.”

Claro que pensei que morreria a qualquer instante. Pois lá estavam as bolas de gude olhando diretamente para mim, olhando diretamente para ela. Por vezes ela chegava a apoiar a mão nas bolinhas. Eu as havia guardado em latas velhas, ainda que as mais valiosas ficassem em uma antiga bolsa de couro vermelha da minha mãe. Lá estavam elas aos seus pés, enquanto ela descansava por um momento, o calcanhar afundando na bolsa. Meu coração poderia ter parado.

Meu pai chegou em casa. Minha mãe adiou o resto da busca. Durante o jantar, que, apesar de tudo, me permitiram comer com eles, ela contou sobre as bolinhas de gude, acrescentando uma lista de coisas que pareciam tão longas quanto dois capítulos do Velho Testamento. Eu mal conseguia me reconhecer nessa lista — de tão horrível que era —, embora tudo fosse verdade. Mas ainda assim. Eles falavam de mim como se eu não estivesse ali sentada na frente deles, como se tivesse embarcado para a América do Sul sem me despedir. Eu não conseguia me lembrar de minha mãe ter ficado tão brava comigo antes; enquanto isso, todos os pensamentos sobre a Garota Vermelha desapareceram da minha mente. Enquanto tentava engolir um pedaço de pão que eu amolecera no molho, pensava, “Bom, é o fim”. Se amanhã visse aquela garota na rua, agiria como se nunca tivéssemos nos encontrado antes, como se a presença dela não passasse, a todo instante, de um aborrecimento. Enquanto minha mãe falava com meu pai com sua veia raivosa, reorganizei minha vida: Graças a Deus eu não havia abandonado Gwen por completo, graças a Deus eu era tão boa em *rounders* que as meninas ficariam felizes em me ver por perto de novo, graças a Deus meus seios não cresceram e eu ainda precisava de algumas dicas sobre eles.

Dias se passaram. Minha mãe continuou a procurar as bolinhas de gude. Como ela me atormentaria! Quando saía para a escola, ela me vigiava no portão, me observando até eu virar um alfinete no horizonte. Quando chegava em casa, lá estava ela esperando por mim. É claro que não havia mais a questão de sair no final da tarde para observações e encontros. Não que eu quisesse, de todo modo — isso estava acabado. Mas assim continuaria. Ela me pedia as bolinhas de gude, e na minha voz mais doce eu dizia que não tinha. Cada uma de nós deve ter jurado em segredo não ceder à outra. Então ela tentou uma nova tática. Me disse o seguinte: quando era menina, era dever dela acompanhar o pai até a terra aos sábados. Quando chegavam lá, o pai verificava as bananas-da-terra e as bananeiras, as toranjas, os limoeiros e os pés de lima, as armadilhas para mangustos. Antes de voltar, eles colhiam alimentos para a família comer na semana seguinte: bananas, figos verdes, toranjas, limas, limões, grãos de café, grãos de cacau, amêndoas, noz-moscada, cravo, taioba, mandioca, dependendo do que estava maduro para ser colhido. Em um determinado dia, após terem carregado os burros com as provisões, havia um punhado extra de figos verdes e minha mãe precisou carregá-lo na cabeça. Ela e o pai foram para casa e, enquanto caminhavam, minha mãe notou que o punhado de figos ficava cada vez mais pesado, muito mais do que qualquer punhado de figos que já havia carregado. Sentia dor do pescoço até a base da coluna. O peso dos figos verdes a fazia andar devagar, e às vezes perdia o pai de vista. Ela estava sozinha na estrada e ouviu todos os tipos de sons que nunca tinha ouvido antes, sons que ela não conseguia explicar. Cheia de medo e dor, ela entrou no quintal, muito feliz por se livrar dos figos verdes. Mal havia tirado a carga da cabeça quando dela rastejou uma cobra preta muito longa. Ela não teve tempo de gritar, pois a cobra se enfiou depressa nos arbustos. Talvez pelo medo ou pelo peso da carga da qual acabara de se livrar, ela desmoronou.

Quando minha mãe terminou a história, pensei que meu coração fosse quebrar. Ali estava minha mãe, uma menina na época, com certeza não mais velha do que eu, subindo aquela estrada de chão até

sua casa com uma cobra na cabeça. Eu tinha visto fotos dela nessa idade. Que menina linda! Tão alta e magra. Cabelos pretos compridos e espessos, que ela usava em duas tranças descendo até os ombros. Suas costas já eram curvadas por nunca ficar na postura certa, apesar dos muitos avisos que recebera. Ela era tão tímida que nunca sorria o suficiente para que vissem seus dentes e, se começasse a rir, cobria a boca com as mãos na mesma hora. Sempre obedecia à mãe e a irmã a adorava. Ela, por sua vez, adorava o irmão, John, e quando ele morreu de algo que o médico não sabia, de algo que a mãe bem sabia, minha mãe se recusou a comer durante uma semana. Oh, pensar em uma cobra preta perigosa e horrível em cima daquela linda cabeça; pensar naqueles pés lindamente arqueados de sola cor-de-rosa (pés que eram uma réplica exata dos meus, assim como os dela eram uma réplica exata dos de sua mãe) tropeçando na estrada pedregosa e irregular, o peso da cobra e dos figos verdes demais para aquelas costas pequenas. Se eu estivesse lá, não teria hesitado nem por um segundo em tomar o lugar dela. Como eu teria amado minha mãe se a conhecesse naquela época. Ter a mesma idade de alguém tão bonito, alguém que até então amava os livros, alguém que jogava pedras em macacos na floresta! O que eu não teria feito por ela. Nada nunca seria demais. E assim, sentindo tanto amor e tanta pena por essa garota parada na minha frente, eu estava prestes a dar à minha mãe toda a minha coleção de bolinhas de gude. Ela as queria tanto. Que importância teriam algumas bolinhas? Uma cobra havia deitado em sua cabeça por quilômetros enquanto ela caminhava para casa. As palavras “As bolinhas de gude estão ali no canto” estavam na ponta da língua quando ouvi minha mãe, sua voz quente, suave e traiçoeira, me dizer, “Bem, senhorita, onde estão suas bolinhas de gude?”. Convocando minha própria voz quente, suave e traiçoeira recém-adquirida, respondi, “Eu não tenho nenhuma bola de gude. Eu nunca joguei bolinha de gude, você sabe”.

Logo depois, comecei a menstruar e parei de jogar bolinhas de gude. Nunca mais vi a Garota Vermelha. Por uma razão que não tinha nada a

ver comigo, ela foi para Anguila morar com os avós e terminar os estudos. Na noite do dia em que soube disso, sonhei com ela. Sonhei que o barco em que ela estava viajando se estilhaçava de repente no meio do mar, fazendo com que todos os passageiros se afogassem exceto ela, a quem resgatei com um barquinho. Levei-a até uma ilha, onde vivemos juntas para sempre, acho, e nos alimentamos de porcos selvagens e uvas marinhas. À noite, sentávamos na areia e observávamos os navios cheios de pessoas em um cruzeiro a vapor. Enviávamos sinais confusos para os navios, fazendo com que batessem em rochas próximas. Como ríamos quando seus gritos de alegria se transformavam em gritos de tristeza.

5. Colombo acorrentado

Lá fora o sol brilhava como sempre, sopravam os ventos alísios; minha mãe enxotou algumas galinhas do jardim enquanto ia pôr algumas roupas engomadas no varal; a srta. Dewberry assava pãezinhos, alguns dos quais minha mãe comprava para meu pai e eu comermos no chá da tarde; A srta. Henry trazia o leite, e eu tomaria um copo com meu almoço, e outro copo eu tomaria com o pão da srta. Dewberry; minha mãe preparava nosso almoço; meu pai comentava algo bastante idiota que o parceiro dele na construção de casas, o sr. Oatie, tinha feito, para que durante o almoço ele e minha mãe pudessem dar boas risadas.

O sino da igreja anglicana bateu onze horas — faltava uma hora para o almoço. Eu estava sentada à minha carteira. Estávamos na aula de história — a última da manhã. Por ter ficado em primeiro lugar, ganhei um prêmio, uma cópia de um livro chamado *Roman Britain*, e fui nomeada monitora da classe. Que erro fora a parte de ser monitora, pois eu estava entre as meninas com o pior comportamento da turma e não acreditava em ser um bom exemplo, como uma monitora deveria fazer. Agora eu tinha que me sentar no banco da monitora, o primeiro da primeira fila, o banco de onde era possível me levantar e observar minhas colegas com bastante facilidade. De onde estava sentada, podia olhar pela janela. Às vezes, quando olhava para fora, via o sacristão indo até a casa do pastor. A filha do sacristão, Hilarene, um modelo asqueroso de bom comportamento e profunda atenção aos estudos, sentava-se ao meu lado, já que ficara em segundo lugar. A filha do pastor, Ruth, sentava-se na última fileira, a fileira reservada para as garotas burras. É claro que eu não suportava Hilarene. Uma menina

tão boazinha nunca chamaria minha atenção. Eu provavelmente não teria me importado tanto com o primeiro lugar se tivesse certeza de que não iria para ela. Eu gostava da Ruth porque ela era muito burra e vinha da Inglaterra e tinha cabelos loiros. Quando a conheci, costumava levá-la para casa e cantar músicas ruins só para vê-la ficar corada, como se eu tivesse derramado água quente em cima dela.

Nossos livros, *A History of the West Indies*, estavam abertos na nossa frente. O dia havia começado com as orações da manhã, depois uma aula de geometria, e aí fomos para o prédio de ciências para uma aula de Introdução à Física (matéria com a qual não nos importávamos muito) ministrada pelo sr. Slacks, um professor do Canadá, depois um precioso recesso, e agora isso, nossa aula de história. O recreio foi o drama de sempre: dessa vez, convenci Gwen a não ficar decepcionada por não ter permissão para participar do coral de juniores. Seu pai — quantas vezes desejei que ele se tornasse um leproso e fosse banido para uma colônia de leprosos pelo resto de minha longa e feliz vida com Gwen — a havia proibido, dando como desculpa o fato de ela morar muito longe da igreja onde aconteciam os ensaios do coral e que seria perigoso para ela, uma garota, caminhar sozinha para casa à noite no escuro. Claro, todas as ruas tinham lamparinas, mas era inútil explicar isso para ele. Oh, como teríamos gostado de encostar nossos joelhos e esfregá-los ao nos sentar no banco, fingindo prestar muita atenção ao sr. Simmons, o maestro do coral, enquanto ele acenava com a batuta para cima e para baixo e para o outro lado, e como teríamos gostado ainda mais de voltar juntas para casa, sozinhas no “crepúsculo” (do jeito que Gwen dissera, sempre com uma frase pronta na língua), parando se houvesse lua cheia para deitar no pasto e expor nossos seios ao luar. Tínhamos ouvido falar que a luz da lua cheia faria nossos seios crescerem até ficarem do tamanho que queríamos. Pobre Gwen! Quando me contou pela primeira vez que tinha nove irmãos, eu disse na mesma hora que amaria apenas a ela, já que sua mãe já tinha tantas outras pessoas para amar.

Nossa professora, srta. Edward, andava de um lado para o outro na frente da classe de sua maneira habitual. Diante de sua mesa ficava uma

mesinha de canto, e sobre essa mesa estava o chapéu de burro. O chapéu tinha a forma de uma coroa, com uma abertura ajustável atrás, para caber em qualquer cabeça. Era feito de papelão com uma cobertura de papel dourado brilhante e a palavra BURRA em papel vermelho brilhante na frente. Quando o sol brilhava sobre ele, o chapéu de burro cintilava, quase nos levando a pensar que seria agradável usá-lo. Enquanto a srta. Edward andava para cima e para baixo, ela passava como um eclipse entre nós e o chapéu. Todas as sextas-feiras de manhã, recebíamos um pequeno teste para ver se havíamos aprendido bem as coisas que nos ensinaram ao longo da semana. A garota com a pontuação mais baixa era obrigada a ficar com o chapéu de burro durante toda a segunda-feira seguinte. Em muitas segundas-feiras, Ruth o usava — só que por causa de seu cabelo loiro e curto, quando o chapéu de burro estava em sua cabeça ela parecia estar em uma festa de aniversário num internato inglês de classe alta.

Era comum que a srta. Edward fizesse uma pergunta para alguma de nós com a certeza de que não saberíamos a resposta, e então fizesse a mesma pergunta para outra garota que ela tinha certeza de que saberia. A garota que não respondesse corretamente precisaria, então, repetir a resposta certa com as palavras exatas da outra garota. Muitas vezes ouvi minhas palavras serem repetidas na mesma ordem de novo e de novo, e gostava ainda mais quando a garota que as repetia era uma daquelas com quem não me importava muito. Apontando o dedo para Ruth, a srta. Edward fez uma pergunta cuja resposta foi, “No dia 3 de novembro de 1493, uma manhã de domingo, Cristóvão Colombo descobriu Dominica”. Ruth, é claro, não sabia a resposta, pois não sabia a resposta para muitas perguntas sobre as Índias Ocidentais. Eu não poderia culpá-la. Ruth tinha vindo da Inglaterra. Talvez ela não quisesse estar nas Índias Ocidentais. Talvez quisesse estar na Inglaterra, onde ninguém iria lembrá-la com frequência das coisas terríveis que seus ancestrais haviam feito; talvez ela tivesse se sentido ainda pior quando seu pai era missionário na África. Eu conseguia saber como Ruth estava se sentindo só de olhar para o rosto dela. Seus ancestrais foram os senhores, enquanto os nossos foram os escravizados. Havia

muito do que se envergonhar e, por estar conosco todos os dias, ela era sempre lembrada. Podíamos olhar nos olhos umas das outras, pois nossos ancestrais não tinham feito nada de errado, exceto talvez ficar ali, indefesos. Claro que, às vezes, com nossos professores e nossos livros, tínhamos dificuldade de dizer a qual lado de fato pertencíamos agora — o dos senhores ou o dos escravizados —, pois era tudo história, tudo era passado e todos se comportavam de forma diferente; todos nós comemorávamos o aniversário da rainha Vitória, embora ela já estivesse morta há muito tempo. Mas nós, os descendentes dos escravizados, sabíamos muito bem o que realmente havia acontecido, e eu tinha certeza de que, se a situação fosse invertida, teríamos agido diferente; eu tinha certeza de que, se nossos ancestrais tivessem ido da África para a Europa e encontrado quem morava lá, eles teriam se interessado pelos europeus ao vê-los pela primeira vez e dito “Bacana” e depois voltariam para casa e contariam o que viram para seus amigos.

Eu estava sentada à minha carteira, repetindo esses pensamentos na cabeça. Não sei dizer por quanto tempo, já que tinha perdido a noção do que estava acontecendo ao meu redor. Eu não tinha notado que a garota que respondeu à pergunta depois que Ruth errara — uma garota chamada Hyacinth — acertara apenas parte da resposta. Eu não tinha notado que, depois dessas duas tentativas, a srta. Edward começara a discorrer sobre como éramos inúteis quando comparadas com as garotas do passado. Na verdade, eu não estava mais no mesmo capítulo que estávamos estudando. Eu estava muito à frente, no final do capítulo sobre a terceira viagem de Colombo. Nesse capítulo, havia uma gravura de Colombo que ocupava uma página inteira e era colorida — uma das cinco gravuras coloridas do livro. Na imagem, Colombo estava sentado no fundo de um navio. Vestia as habituais calças três-quartos e uma camisa de mangas enormes; tanto a calça como a camisa eram de veludo cor de vinho. Seu chapéu, que estava dobrado em um lado da cabeça, tinha uma pena de ouro, e seus sapatos pretos tinham enormes fivelas de ouro. Suas mãos e seus pés estavam acorrentados, e ele estava ali sentado olhando para o vazio, parecendo bastante abatido e miserável. A foto tinha a legenda

COLOMBO ACORRENTADO impressa na parte inferior da página. O que aconteceu foi que o genioso Colombo entrara em desacordo com pessoas ainda mais geniosas, e um homem chamado Bobadilla, representando o rei Fernando e a rainha Isabel, o enviara de volta à Espanha acorrentado no fundo do navio. Recebeu o que merecia, pensei, pois não gostava de Colombo. Como amei aquela imagem — ver o sempre triunfante Colombo tão humilhado, sentado no fundo de um barco só observando as coisas passarem. Pouco depois de descobrir a ilustração em meu livro de história, ouvi minha mãe ler em voz alta para meu pai uma carta que recebera da irmã, que ainda morava com sua mãe e seu pai na mesma Dominica de onde minha mãe vinha. Ma Chess estava bem, escrevia minha tia, mas Pa Chess não estava bem. Pa Chess vinha tendo problemas com os membros; não conseguia mexê-los como queria; muitas vezes precisava que outra pessoa fizesse uma coisa ou outra por ele. Minha mãe leu a carta em um estado e tanto, sua voz subindo para um tom mais alto a cada frase. Depois de ler a parte sobre os membros rígidos de Pa Chess, ela se virou para meu pai e riu ao dizer, “Então o grande homem não pode mais se levantar e ir aonde quiser. Como eu gostaria de ver o rosto dele agora!”. Quando vi a gravura de Colombo sentado ali, acorrentado, escrevi embaixo as palavras O GRANDE HOMEM NÃO PODE MAIS SE LEVANTAR E IR AONDE QUISER. Eu tinha escrito isso com minha caneta-tinteiro e em uma caligrafia inglesa antiga — escrita que havia dominado recentemente. Enquanto estava sentada olhando para a imagem, tracei as palavras com minha caneta várias vezes, para que as letras ficassem tão grandes que fosse possível ler o que eu tinha escrito de não muito longe. Não sei quanto tempo se passou até eu perceber que meu nome, Annie John, estava sendo chamado por esse dragão estridente na forma da srta. Edward, que se aproximava de mim.

Eu nunca fui uma de suas favoritas. Hilarene era sua favorita. Devia ser doloroso para a srta. Edward o fato de eu ter derrotado Hilarene tantas vezes. Não que eu gostasse da srta. Edward e quisesse que ela gostasse de mim também, mas todos os meus outros professores me olhavam com muito carinho, sempre diziam à minha mãe que eu era a

aluna mais encantadora que eles já tiveram, sorriam quando me viam chegando e ficavam muito tristes se precisavam escrever algo parecido com isso no meu boletim: “Annie é uma garota extraordinariamente inteligente. Ela se comporta muito bem na sala de aula, ao menos na presença de professores e professoras, mas, fora de sua vista e fora da sala de aula, o oposto é verdade”. Quando minha mãe lia isso ou algo parecido, começava a chorar. Ela esperava exibir, com um grande floreio, meu boletim para seus amigos, junto com qualquer prêmio que eu tivesse ganhado. Em vez disso, o boletim teria que ficar no fundo do velho baú no qual ela guardava qualquer coisa importante que tivesse a ver comigo. Eu deixei de me tornar uma das favoritas da srta. Edward da seguinte forma: todas as sextas-feiras à tarde, as meninas das turmas mais novas recebiam, em vez de um último período de aula, um recesso extralongo. Deveríamos usá-lo em atividades femininas — caminhadas, conversas sobre os romances e poemas que estávamos lendo, mostrar umas às outras os novos pontos de bordado que aprendêramos nas aulas de cuidados domésticos ou algo tão decente assim. Em vez disso, algumas das meninas jogavam uma partida de críquete ou *rounders* ou pedras, mas a maioria de nós ia para o outro lado do terreno da escola e brincava de banda. Nessa brincadeira, que professores e pais desaprovavam e que por vezes era completamente proibida, nós passávamos os braços em volta da cintura ou dos ombros umas das outras, formando filas de cerca de dez meninas, e então dançávamos de uma ponta do pátio da escola à outra. Enquanto dançávamos, às vezes cantávamos: “Tee la la, vai e vem. Tee la la, vai e vem”. Outras vezes, entoávamos uma canção popular de calipso repleta de palavras pouco femininas. Dançávamos e cantávamos para cima e para baixo no pátio da escola, longe dos professores. No final do recreio — quarenta e cinco minutos — faltavam fitas e outros adornos em nossos cabelos, as pregas de nossas túnicas de linho haviam se desfeito, as golas de nossas blusas estavam puxadas para fora e até nossas roupas de baixo estavam encharcadas. Quando o sinal tocava, gritávamos como se estivéssemos com muito medo, e então nos jogávamos umas nas outras enquanto ríamos e berrávamos. Por fim, corríamos de volta para nossas salas,

onde nos preparávamos para entrar em fila no auditório para as orações da noite. Depois disso, íamos para casa para o fim de semana. Mas como poderíamos ir direto para casa depois de toda aquela animação? Mal estávamos na rua, formávamos pequenos grupos, dependendo da direção aonde estávamos indo. Eu nunca quis me juntar a elas no caminho de volta porque tinha certeza de que encontraria minha mãe. Em vez disso, minhas amigas e eu íamos para o nosso lugar habitual perto dos fundos do cemitério e sentávamos nas lápides de pessoas que haviam sido enterradas lá antes da abolição da escravatura, em 1833. Sentávamos e cantávamos músicas ruins, usávamos palavras proibidas, e, claro, mostrávamos várias partes de nossos corpos umas às outras. Enquanto algumas de nós observavam, as outras subiam e desciam nas grandes lápides mostrando as pernas. A ideia logo se tornou popular; todas queriam fazer o mesmo. Não demorou para que muitas meninas — aquelas cujas mães não prestavam tanta atenção ao que faziam — comesçassem a ir à escola às sextas-feiras sem os calções por baixo dos uniformes, usando, em vez disso, calcinhas enfeitadas com renda e babados de cetim. Também não demorou muito para que tudo isso acabasse. Numa tarde de sexta-feira, a srta. Edward, voltando da escola para casa, tomou um atalho pelo adro da igreja. Deve ter ouvido o tumulto que estávamos fazendo, porque de repente lá estava ela, dizendo, “O que vocês acham que estão fazendo?” — bem o tipo de coisa que alguém como ela diria se deparasse inadvertidamente com algo como nós. Era óbvio que eu era a líder. Oh, como eu desejava que o chão se abrisse e a levasse, mas isso não aconteceu. Todas nós, envergonhadas, fugimos para casa, eu com a srta. Edward ao meu lado. Os olhos da minha mãe se encheram de lágrimas quando ela ouviu o que eu havia feito. Aparentemente, era uma coisa tão ruim que minha mãe não conseguira repetir o crime para meu pai na minha presença. Recebi o castigo habitual de jantar sozinha, debaixo do pé de fruta-pão, mas, além disso, não tinha permissão para ir à biblioteca no sábado, e no domingo, depois da escola dominical e do jantar, estava proibida de passear no jardim botânico, onde Gwen me esperava no bambuzal.

Isso aconteceu quando eu estava no primário. Agora, ali estava a srta. Edward. Todo o rosto dela estava em chamas. Seus olhos saltavam para fora de sua cabeça. Eu tinha certeza de que a qualquer minuto eles pousariam aos meus pés e rolariam para longe. As pequenas espinhas em seu rosto, que pareciam estar sempre irritadas, agora se transformavam em enormes furúnculos prestes a explodir. Sua cabeça balançava de um lado para o outro. Seu estranho traseiro, que ela empinava todo, parecia estar tão alto que quase tocava o teto. Por que eu não prestava atenção, ela dizia. Minha impertinência estava além do controle. Ela então encontrou cem palavras para minhas diferentes formas de ser impertinente. Falava sem parar. Eu estava me acostumando com esse berro incrível quando de repente ela ficou sem palavras. Na verdade, tudo parou. Seus olhos pararam, seu traseiro parou, suas espinhas pararam. Sim, ela se aproximou o bastante para que seus olhos vislumbassem o que eu fizera com meu livro. O vislumbre logo levou a uma inspeção mais próxima. Já era ruim o suficiente eu ter desfigurado meu livro escolar escrevendo nele. Ainda mais sob a imagem de Colombo, O GRANDE HOMEM... etc., aquilo foi além da medida. Fui longe demais dessa vez, ao difamar um dos grandes homens da história, Cristóvão Colombo, descobridor da ilha que era meu lar. E, agora, olhe para mim. Eu nem ao menos baixava a cabeça em remorso. Será que minhas colegas já haviam visto alguém tão arrogante, tão blasfema?

Fui enviada para a diretora, srta. Moore. Como punição, fui afastada do meu cargo de monitora e meu lugar foi ocupado pela odiosa Hilarene. Como punição adicional, recebi a ordem de copiar os Livros I e II de *Paraíso perdido*, de John Milton, no prazo de uma semana. Então eu mal podia esperar para chegar em casa para almoçar e receber o conforto dos beijos e braços da minha mãe. Eu não tinha nada com que me preocupar ainda; levaria um tempo até que ela e meu pai ouvissem falar de minhas más ações. Que manhã terrível! Ver minha mãe seria um tônico — algo para me revigorar.

Quando cheguei em casa, minha mãe me beijou distraída. Meu pai chegara em casa antes de mim, e eles já estavam conversando, meu pai

a presenteando com alguma história bastante estranha de algo que o idiota do sr. Oatie fizera. Lavei as mãos e tomei meu lugar à mesa. Minha mãe me trouxe o almoço. Senti o cheiro e percebi que era a tão odiada fruta-pão. Minha mãe disse que não, que era um novo tipo de arroz importado da Bélgica, e não fruta-pão amassada e espremida como eu pensava. Ela voltou a falar com meu pai. Meu pai mal conseguia tirar algumas palavras de sua boca antes que ela se derretesse em risos. Fiquei sentada ali, botando minha comida na boca. Não podia acreditar que ela não via o quanto eu estava arrasada e então estendesse a mão para me confortar e acariciar meu rosto, do jeito como costumava fazer quando sentia que eu não estava bem. Eu não podia acreditar como ela ria de tudo o que ele dizia, e como me fazia me sentir amarga ao ver o quanto ela gostava dele. Comi minha refeição. Quanto mais eu comia, mais tinha certeza de que era fruta-pão. Quando terminei, minha mãe se levantou para retirar meu prato. Quando ela saiu pela porta, eu disse, “Fale a verdade, qual é o nome disso que acabei de comer?”.

Minha mãe respondeu, “Você acabou de comer fruta-pão. Fiz com que parecesse arroz para você comer. Vai te fazer muito bem, é cheio de vitaminas”. Ela riu ao dizer isso. Estava de pé, metade para dentro da porta, metade para fora. Seu corpo estava abrigado na sombra da casa, mas a cabeça estava sob o sol. Quando ela riu, sua boca se abriu para mostrar dentes brancos grandes, brilhantes e afiados. Era como se minha mãe de repente tivesse se transformado em um crocodilo.

6. Em algum lugar, Bélgica

No ano em que completei quinze anos, me senti mais infeliz do que já imaginara que alguém pudesse ser. Não era a infelicidade de querer um vestido novo, ou a infelicidade de querer ir ao cinema no domingo à tarde e não poder, ou a infelicidade de não conseguir resolver algum mistério da geometria, ou a infelicidade de causar alguma dor à minha amiga mais querida, Gwen. Minha infelicidade era algo profundo dentro de mim, e, ao fechar os olhos, conseguia até vê-la. Estava em algum lugar — talvez na minha barriga, talvez no meu coração; não saberia dizer com certeza — e tinha a forma de uma pequena bola preta, toda embrulhada em teias de aranha. Eu olhava e olhava para ela até que as teias de aranha queimassem, e então via que a bola não era maior do que um dedal, apesar de carregar todo o peso do mundo. No instante exato em que vi seu tamanho e senti seu peso, estava além do momento de sentir pena de mim mesma, o que quer dizer que estava além das lágrimas. Eu só podia sentar e olhar para mim mesma, sentindo-me como a pessoa mais velha que já viveu e que não tinha aprendido nada. Depois de algum tempo sentada assim, para me distrair, contava os dedos dos pés; o resultado era sempre o mesmo — dez.

Se me perguntassem, não saberia dizer com precisão como cheguei a esse ponto. Deve ter pairado sobre mim como uma névoa: primeiro, eu estava envolta apenas em uma pequena névoa e ainda podia ver tudo ao meu redor, ainda que não estivesse tão nítido; então eu estava completamente coberta e não conseguia ver nem minha própria mão estendida na minha frente. Tentei imaginar que eu era como uma

garota em um dos livros que li — uma garota que sofrera muito nas mãos de um padrasto cruel, ou uma garota que de repente se viu completamente órfã. Quando lia sobre meninas assim, eu lhes causava ainda mais sofrimento se achasse que o autor não tinha ido longe o bastante. No final, é claro, tudo se resolvia de forma favorável para a menina, e ela e um companheiro navegariam para Zanzibar ou algum outro lugar muito distante, onde, como podiam fazer o que bem entendessem, seriam felizes para sempre. Mas eu não estava em um livro. Eu estava ali com o dedal que pesava mundos preso aqui dentro, o sol batendo em mim. Tudo com que costumava me importar tinha agora um sabor amargo. Eu poderia começar com a visão das árvores florescendo, tão flamejantes, o vermelho das flores fazendo com que a rua em que eu morava parecesse em chamas ao pôr do sol; ao ver isso, eu me imaginava incapaz de me machucar se fosse andar por esse inferno. Poderia terminar comigo e com minha mãe; éramos agora um espetáculo a ser visto.

Nós duas havíamos percebido que agora, se ela dissesse que algo que fiz a lembrava de si mesma na minha idade, eu tentaria fazer de uma maneira diferente, ou, na falta disso, de uma maneira que ela não pudesse aguentar. Ela retribuía o golpe admirando e elogiando tudo o que suspeitava ter um significado especial para mim. Eu me tornei mais reservada, e ela dizia que eu estava praticando para me tornar uma ladra e mentirosa — os únicos tipos de pessoas que tinham segredos. Minha mãe e eu logo desenvolvemos duas caras: uma para meu pai e o resto do mundo, e outra para nós quando estávamos sozinhas uma com a outra. Para meu pai e para o mundo, éramos polidez, bondade, amor e riso. Eu a via com meus velhos olhos, meus olhos de criança, e ela me via com os dela daquele tempo. Lá estava minha mãe esfregando minhas costas como antigamente, examinando meu corpo membro por membro, certificando-se de que nada de anormal estava acontecendo; lá estava minha mãe fazendo minha sobremesa favorita, um manjar branco — uma recompensa por me destacar em algo que ela aprovava; lá estava minha mãe preocupada com uma pequena fungada, imaginando se logo se tornaria algo importante e então ela teria que

fazer um emplastro de cânfora moída e folhas de eucalipto. E lá estava eu também, deixando que o tom cantarolado de sua voz, expressando amor e preocupação, me serenasse até adormecer; lá estava eu acariciando as mechas de seu espesso cabelo preto enquanto ela desenrolava suas tranças para uma escovação diária, enterrando meu rosto nelas e inalando fundo, pois cheirava a óleo de rosas.

Enquanto encenávamos esses momentos dos velhos tempos, a casa se enchia com o som da voz do meu pai contando uma história após outra de seus dias como um famoso batedor de críquete, e do que ele fez nessa ilha e na outra ilha enquanto percorria as ilhas de Sotavento e Barlavento com seus companheiros de equipe. Também mostrávamos essa cara na frente dos amigos da minha mãe. Eu era obediente e gentil, e ela não pedia nada além de que eu mostrasse as boas maneiras que me ensinara. Às vezes, aos domingos, quando voltávamos da igreja, talvez tocadas pelo sermão que acabáramos de ouvir, dávamos os braços ao caminhar para casa, uma ao lado da outra.

Mas assim que estávamos sozinhas, atrás da cerca, atrás da porta fechada, tudo escurecia. Eu não saberia como explicar. Algo que eu não conseguia nomear simplesmente nos dominava, e de repente eu nunca havia amado e odiado tanto alguém. Mas dizer ódio — o que quero dizer com isso? Antes, se eu odiasse alguém, eu apenas desejaria que a pessoa morresse. Mas eu não podia desejar que minha mãe morresse. Se ela morresse, o que seria de mim? Eu não conseguia imaginar minha vida sem ela. Pior do que isso, se minha mãe morresse eu teria que morrer também, e assim como não podia imaginar minha mãe morta, menos ainda podia me imaginar desse jeito.

Comecei a ter um sonho. No meu sonho, eu andava por uma estrada lisa e não pavimentada. A estrada era ladeada de palmeiras de ambos os lados cujas folhas eram tão largas que se encontravam e se enroscavam umas nas outras e toda a estrada era protegida do sol, que estava sempre brilhando. Quando comecei a andar pela estrada, meus passos eram rápidos e leves, e enquanto caminhava estas palavras rondavam minha cabeça: “Minha mãe me mataria se tivesse a oportunidade. Eu mataria minha mãe se tivesse a coragem”. No início da caminhada,

enquanto eu entoava as palavras, minha voz tinha um tom feliz, como se a rapidez e a leveza dos meus pés me sinalizassem que eu nunca lhe daria a chance. Mas à medida que avançava, as coisas mudavam. Diria as mesmas palavras, mas cada vez mais devagar e de forma triste; meus pés e o resto do meu corpo ficavam pesados. Era como se tivesse me dado conta de que nunca teria coragem de matar minha mãe, e então, como não tinha coragem, a oportunidade passaria para ela. Eu não entendia como as coisas tinham ficado daquele jeito, mas de qualquer modo havia acontecido. Minha mãe me ensinara a levar meus sonhos a sério. Meus sonhos não eram representações irreais de algo real; eram parte e eram o mesmo que minha vida real. Quando tive esse sonho pela primeira vez, fiquei com muito medo da minha mãe, e senti tanta vergonha disso que não conseguia olhar diretamente para ela. Mas, depois que tive o sonho de novo e de novo, tornou-se como uma segunda visão, e eu analisava pequenos incidentes para ver se aquela seria a chance dela ou a minha coragem.

Na escola, passei por uma grande mudança. Eu não estava mais na mesma classe de Gwen; eu estava agora em uma turma com meninas dois ou três anos mais velhas do que eu. Isso foi um choque. Essas garotas não ofereciam o companheirismo das minhas amigas no secundário. Elas não tinham a reciprocidade, o empurrãozinho amigável. Estavam em constante e estrita competição por boas notas e pelo afeto dos professores, e os insultos mútuos eram a norma do dia. E como eram vaidosas! Passavam a mão no cabelo o tempo todo, se certificando de que cada mecha estava no lugar; algumas carregavam espelhos nas mochilas e os seguravam em determinados ângulos para ver se as pregas nas costas dos uniformes estavam no lugar. Elas até praticavam a forma de andar com os quadris balançando de um lado para o outro. Estavam sempre empinando o peito, e o pior, elas de fato tinham seios para empinar. Antes de ver essas garotas de perto — quando eu só as observava enquanto andavam por ali, cuidando de suas vidas — eu invejava a maneira como o ar parecia se abrir para elas, liberando qualquer obstáculo para que elas não tivessem que fazer nenhum esforço. Agora eu podia ver que o ar se abria com rapidez para

que não tivesse que suportar a presença delas por muito tempo. Como eram chatas! Elas não tinham ideias diferentes de como existir no mundo; certamente não achavam que o mundo era um lugar estranho para se descobrir vivendo.

De início, minha escalada habitual até o topo foi desacelerada pelos novos assuntos que surgiam diante de mim, mas logo os dominei, e havia apenas outra garota para competir comigo. Por vezes empatávamos em primeiro lugar, às vezes ela era a primeira e eu a segunda, e às vezes o contrário. Tentei conhecê-la, sentindo que tínhamos muito em comum, mas ela era uma pessoa tão sem graça, completamente incapaz de manter uma simples conversa e, além disso, tinha um cheiro tão forte de borracha velha e tinta azul que me tornei incapaz de lembrar seu nome. Eu podia ver o tipo de pessoa adulta que ela seria — do tipo que daria uma boa olhada em mim e se esforçaria para tornar minha vida mais difícil. Sua boca já era permanentemente virada para baixo nos cantos, como se buscasse mostrar que nascera sabendo que ninguém mais se comportava bem, e como se também tivesse nascido sabendo que tudo na vida era uma decepção e seu rosto já estava pronto para isso.

Gwen e eu voltávamos para casa após a escola como sempre e fazíamos as mesmas coisas de sempre, mas eu não sentia mais a mesma emoção ao vê-la, apesar de fazer o melhor para que ela não percebesse. Era como se uma nova pele tivesse crescido sobre a antiga, e a nova pele fosse formada por um conjunto completamente diferente de terminações nervosas. Mas o que eu poderia dizer à pobre Gwen? Como explicar a ela sobre o dedal que pesava mundos e a nuvem escura que era como um envelope no qual minha mãe e eu estávamos seladas? Se eu perguntasse a Gwen, “Sua mãe sempre te observa com o canto do olho?”, sua resposta provavelmente seria, “Minha mãe tem o dom de ficar de olho em tudo ao mesmo tempo”. E se eu falasse, “Não quero dizer assim, quero dizer...”, mas de que adiantaria continuar? Já não vivíamos no mesmo plano. Às vezes, só de ouvir a voz dela enquanto falava sem parar, me atualizando sobre os feitos da minha antiga turma, eu ficava em tal estado que sentia que iria explodir; e

então lembrava que era a mesma voz que costumava ser, para mim, algum tipo de música. Como ela agora parecia pequena aos meus olhos: um monte de quem disse o quê e quem fez o quê.

Um dia, quando estávamos voltando para casa, pelo caminho com as casas grandes escondidas atrás das sebes altas, Gwen me contou que seu irmão Rowan havia mencionado o quanto gostara da maneira como eu me portara num domingo quando me pediram para ler a palavra na igreja. Ela então começou um longo discurso sobre ele, e eu fiz o que estava se tornando um hábito quando ficávamos juntas: comecei a sonhar acordada. Meu devaneio mais frequente agora envolvia cenas minhas morando sozinha na Bélgica, um lugar que escolhi quando li em um de meus livros que Charlotte Brontë, autora de meu romance favorito, *Jane Eyre*, havia passado cerca de um ano lá. Eu também o escolhi porque imaginei que seria um local para onde minha mãe teria dificuldade de viajar e por isso teria que me escrever cartas endereçadas assim:

Para: srta. Annie Victoria John
Em algum lugar,
Bélgica

Eu estava andando por uma rua na Bélgica com uma saia que descia até os tornozelos e carregando uma sacola cheia de livros que finalmente podia entender quando de repente ouvi as seguintes palavras saírem da boca de Gwen: “Acho que seria tão bom se você se casasse com Rowan. Assim, sabe como é, poderíamos ficar juntas para sempre”.

Fui trazida de volta ao presente, parei e fiquei imóvel por um momento; então minha boca se abriu e todo o meu ser começou a tremer. Tudo isso era perplexidade, é claro, mas, para mostrar quão distantes estávamos, ela pensou que minha boca se abrisse e todo o meu ser tremesse de alegria completa pelo que ela tinha dito. E quando eu perguntei, “O que você acabou de dizer?”, ela falou, “Oh, eu sabia que você ia adorar a ideia”. Eu me senti tão sozinha; a última pessoa que

restara na terra não poderia se sentir mais sozinha que eu. Olhei para Gwen. Poderia de fato ser Gwen? Era Gwen. A mesma pessoa que sempre conheci. Tudo estava no lugar. Mas, ao mesmo tempo, algo terrível acontecera, e eu não sabia dizer o que era.

Foi então que comecei a evitar Gwen e nossas caminhadas diárias para casa. Eu tentei não fazer isso com frequência bastante para que ela percebesse, mas a cada três ou quatro dias eu dizia que estar na minha nova turma era tão exigente e, com uma coisa e outra, havia tarefas para fazer aqui e ali. Eu a acompanhava até o portão da escola, onde nos despedíamos, e então, após algum tempo, eu saía. Uma tarde, tomei outro caminho para casa, um caminho que me levou pela Market Street. A Market Street era onde ficavam todas as lojas, e eu passei devagar, olhando as vitrines, ainda que não estivesse nem um pouco interessada nas mercadorias expostas. O que eu estava realmente olhando era meu próprio reflexo no vidro, embora tenha demorado um pouco para perceber isso. Eu me via ali pendurada entre rolos de pano, entre chapéus e sapatos de domingo, entre roupas íntimas masculinas e femininas, entre potes e panelas, entre vassouras e sabonetes, entre cadernos e canetas e tintas, entre remédios para dor de cabeça e remédios para curar resfriados. Eu me via entre todas essas coisas mas não sabia que era eu, pois tinha ficado tão estranha. Minha cabeça inteira era tão grande, e meus olhos, que também eram grandes, estavam bem abertos na minha cabeça grande, como se eu tivesse acabado de levar um susto. Minha pele estava preta de um jeito que eu não tinha notado antes, como se alguém tivesse jogado muita fuligem pela janela quando eu passava e tudo tivesse caído em mim. Na minha testa e nas minhas bochechas havia pequenas protuberâncias, cada uma com um ponto branco redondo e perfeito. Minhas tranças se lançavam em todas as direções por debaixo do meu chapéu; o pescoço longo e fino se projetava da blusa do uniforme. Tudo junto, eu parecia velha e miserável. Não muito tempo antes, eu tinha visto uma foto de uma pintura intitulada *O jovem Lúcifer*. Ela mostrava Satanás recém-expulso do Céu por todas as suas más ações, e ele estava de pé sobre uma rocha negra, sozinho e nu. Tudo ao redor estava carbonizado e preto, como se

um grande fogo tivesse acabado de queimar tudo. Sua pele era áspera, assim como suas feições. O cabelo era feito de cobras vivas, todas em posição de ataque. Satanás estampava um sorriso, mas era um daqueles sorrisos através dos quais é possível enxergar, um daqueles sorrisos que fazem você saber que a pessoa está apenas fingindo. No fundo, você podia ver, ele estava de fato solitário e infeliz com a forma como as coisas tinham acontecido. Eu estava ali, surpresa com essa mudança em mim, quando tudo isso me veio à mente, e de repente senti tanta pena de mim mesma que estava prestes a sentar na calçada e chorar, já sentindo o gosto salgado das minhas lágrimas.

Estava prestes a fazer isso quando notei quatro meninos parados do outro lado da rua; eles olhavam para mim e se curvavam enquanto diziam, num tom de voz exagerado, fingindo ser cavalheiros adultos que viviam na época vitoriana, “Olá, madame. Como você está esta tarde?”, e “Que agradável nos encontrarmos dessa maneira”, e “Depois de tanto tempo, cá estamos nós de novo”, e “Ah, o sol, ele brilha, e brilha só para você”. As palavras mal saíam de suas bocas e eles se curvavam rindo. Mesmo que nada assim tivesse acontecido comigo antes, eu soube no mesmo instante que estavam sendo maliciosos e que eu não tinha feito nada para merecer aquilo além de ficar ali sozinha. Eles eram mais velhos do que eu, e pelos uniformes percebi que eram alunos do braço masculino da minha escola. Olhei para seus rostos. Não reconheci o primeiro, não reconheci o segundo, não reconheci o terceiro, mas conhecia o rosto do quarto; era um rosto do meu passado. Há muito tempo, quando éramos crianças, nossas mães eram melhores amigas, e ele e eu brincávamos juntos. Chamava-se Mineu, e fiquei contente por ele, um menino três anos mais velho que eu, brincar comigo. Claro, em todas as nossas brincadeiras sempre ficava com a pior parte. Se brincássemos de cavaleiro e dragão, eu era o dragão; se brincássemos de descobrindo a África, ele descobria a África; ele também era o líder das tribos selvagens que tentavam atrapalhar a descoberta, e eu era sua serva, e uma serva não muito inteligente; se brincávamos de filho pródigo, ele era o filho pródigo e o pai do filho

pródigo e o irmão ciumento, enquanto eu era a pessoa que buscava coisas.

Certa vez, durante uma brincadeira, algo terrível aconteceu. Um homem havia matado recentemente a namorada e um homem que era seu melhor amigo ao encontrá-los bebendo juntos em um bar. O sangue dos dois espirrou em cima dele. Com a faca que usara para matá-los em mãos, ele caminhou um quilômetro e meio até a delegacia com os outros clientes do bar e algumas pessoas que se juntaram pelo caminho. O assassinato dos dois se tornou um grande escândalo, e a música calipso mais popular daquele ano era sobre isso. Tornou-se um grande escândalo porque o assassino era de uma família antiga, abastada e respeitada, e todos se perguntavam se ele seria enforcado, que era a pena para assassinato; também se tornou um escândalo porque todos conheciam a mulher e todos previram que ela teria um fim ruim. Tudo que envolvia esse assunto logo se tornou um espetáculo. Nos funerais do homem e da mulher assassinados, as pessoas se enfileiraram nas ruas e seguiram os carros funerários da igreja até o cemitério. Durante o julgamento do assassino, o tribunal esteve sempre lotado. Quando o juiz sentenciou o homem à forca, todo o tribunal arfou em choque. Na manhã em que foi enforcado, as pessoas se reuniram do lado de fora da cadeia e esperaram até que o sino da igreja da cadeia soasse, mostrando que o enforcamento fora concluído. Mineu e eu tínhamos ouvido nossos pais falarem tanto sobre esse evento que não demorou muito para ele inventar uma brincadeira com isso. Como sempre, Mineu interpretou todos os grandes papéis. Ele interpretou o homem assassinado e o assassino, indo e voltando; a namorada foi ignorada. Quando o caso chegou ao tribunal, Mineu fez o papel de juiz, júri, promotor e condenado, sentado no banco do condenado. Nada era mais engraçado do que vê-lo, usando uns trapos velhos como peruca para sua fantasia de juiz, sentenciar a si mesmo; nada era mais engraçado do que vê-lo, como o carrasco bêbado, se enforcar. E depois que ele foi enforcado, eu, como sua mãe, vim e chorei sobre o corpo que jazia no chão. Então nos levantamos e começamos tudo de novo. Mal terminamos o episódio, estávamos de

volta ao bar, com Mineu brigando consigo mesmo e com a namorada e depois pondo fim a tudo com alguns golpes rápidos. Nós sempre tentávamos fazer cada detalhe tão próximo da realidade quanto imaginávamos, então nos demos ao trabalho de encontrar móveis velhos para servir de mesa para o juiz e um lugar para o júri sentar, e ajeitamos algumas pedras voltadas para o juiz para representar tanto onde os espectadores podiam sentar quanto os espectadores em si. Queríamos que o enforcamento fosse real também; Mineu havia encontrado um pedaço de corda e amarrado na barra superior do portão do quintal da casa dele, e então ele fazia um laço e enfiava a cabeça dentro. Quando o laço estava em seu pescoço, ele pegava a corda de cima e depois balançava nela para a frente e para trás mostrando que estava enforcado e já morto. Nossas brincadeiras chegaram ao fim quando algo ruim quase aconteceu. Estávamos brincando do jeito de sempre quando chegamos à parte do laço no pescoço. Quando ele se levantou do chão, o laço apertou. Quando ele soltou a corda para soltar o laço com as mãos, isso só piorou as coisas, e o laço apertou ainda mais. Sua boca se abriu enquanto ele tentava respirar, e então ele ficou ali, a língua saindo da boca. Seu corpo, pendurado no portão, começou a balançar para a frente e para trás, e com isso bateu contra o portão e fez um som como se estivesse balançando no portão — algo que sempre nos diziam para não fazer. Enquanto tudo isso acontecia, eu apenas fiquei lá olhando. Eu devia saber que precisava pedir ajuda, mas não consegui me mexer. *Bam, bam*, fazia o portão, e logo sua mãe começou a gritar, “Crianças, deixem o portão em paz”. Então, ouvindo que o portão continuava batendo, ela veio furiosa, porque não estávamos obedecendo, e estava prestes a gritar conosco quando viu o filho balançando no portão pelo pescoço. Ela gritou e correu até ele, chamando um vizinho, que veio na mesma hora com uma faca e cortou a corda do pescoço de Mineu. Quando a mãe dele veio e começou a gritar, só então eu pude gritar também, e corri até ele com ela, e nós duas choramos quando ele caiu no chão. Muito se falou sobre eu não ter pedido ajuda, e todos se perguntavam o que teria acontecido se a mãe não estivesse por perto.

Eu não sabia o que fazer com meu próprio comportamento e não conseguia me explicar, como todo mundo me falava para fazer. Podia ver que até minha mãe tinha vergonha da forma como eu havia me comportado.

Foi disso que me lembrei quando vi o rosto de Mineu do outro lado da rua, então me aproximei e disse com minha melhor voz, mais educada e de moça, “Olá, Mineu. Fico muito feliz em ver você. Se lembra de mim?”. Era verdade que eu estava feliz em vê-lo. Pois só de recordar todas as coisas que ele e eu costumávamos fazer me lembrava de como eu tinha sido feliz e o quanto minha mãe e todos os outros me adoravam e como, ao olhar para mim, as pessoas costumavam dizer: “Que criança linda!”.

No começo, ele se limitou a olhar para mim. Então disse, “Ah, sim. Annie. Annie John. Eu me lembro de você. Ouvei dizer que era uma menina crescida agora”. Ao falar isso, apertou minha mão estendida. Seus amigos ficaram de lado, um pouco afastados de nós. Eles ficaram daquele jeito ridículo de garotos: uma perna cruzada sobre a outra, as mãos enfiadas nos bolsos, os olhos encarando de cima a baixo. Sussurravam coisas uns para os outros, e seus ombros se erguiam, interessados — por minha causa, era o que podia supor. Achei que, como era alguém que eu conhecia, não poderia ser como eles, mas enquanto estávamos ali, mais ou menos sem palavras, um na frente do outro, eu o vi olhando para eles com o canto do olho, sorrindo de uma forma cúmplice e, em seguida, olhar diretamente para mim, com uma expressão séria.

Envergonhada, pois percebi que estavam zombando de mim, falei, “Bem, adeus então”, e lhe ofereci minha mão de novo.

Ele e os amigos foram embora, as costas tremendo de tanto rir — de mim, sem dúvida. Enquanto eu os observava, desejei poder transformá-los em blocos de concreto ali mesmo, de modo que em um instante, se você estivesse andando atrás deles, estaria andando atrás de quatro meninos e, no momento seguinte, tivesse que tomar cuidado para não tropeçar. Sentir que em todo esse incidente Mineu havia sido cruel me fez lembrar de algo. Da última vez que brincamos juntos. Em

uma brincadeira que estávamos inventando na hora, tirei todas as minhas roupas e ele me levou para um lugar embaixo de uma árvore, onde eu deveria ficar sentada até ele me falar o que fazer a seguir. Não demorou muito para eu perceber que o local que ele havia escolhido era um formigueiro vermelho. Logo as formigas furiosas estavam em cima de mim, me picando nas partes íntimas, e enquanto eu chorava e me arranhava, tentando tirar as formigas de cima de mim, ele caiu no chão rindo, seus pés chutando o ar de felicidade. Sua mãe se recusou a admitir que ele havia feito algo errado, e minha mãe nunca mais falou com ela.

Fui para casa, cortando caminho pelo adro da igreja metodista (minha igreja). Exceto por dois lagartos que perseguiam um ao outro, eu não estava ciente de nada do lado de fora. Dentro de mim, porém, o dedal que pesava mundos girava e girava; enquanto girava, batia contra meu coração, meu peito, meu estômago, e a sensação era que eu queimava em todas as partes onde ele tocava. Achei que era melhor chegar logo, pois comecei a me sentir alternadamente grande e pequena demais. Primeiro, cresci tanto que ocupei a rua inteira; depois, fiquei tão pequena que ninguém podia me ver — nem mesmo se eu gritasse.

Entrei no quintal e pude ver minha mãe parada na cozinha, de costas para mim, curvada sobre uma tigela na qual colocava alguns figos verdes, sem casca. Fui até ela e disse, “Boa tarde, mamãe. Acabei de chegar da escola.”

Minha mãe se virou para mim. Olhamos uma para a outra, e eu podia ver a coisa preta assustadora deixá-la para encontrar a coisa preta assustadora que havia me deixado. Elas se encontraram no meio e se abraçaram. O que será agora, eu me perguntei. Para mim, ela disse “Você está atrasada. Gostaria de saber qual é a sua desculpa”. Estava com aquele tom de voz: era como se eu não fosse apenas uma desconhecida, mas uma desconhecida que ela não queria conhecer.

Tentando igualar o tom, mas não chegando nem perto de obter sucesso, eu disse algo sobre ter ficado até mais tarde para estudar. Então continuei dizendo que meus professores acreditavam que, se eu

estudasse bastante, no meu aniversário de dezesseis anos poderia fazer os exames finais e, assim, deixar a escola.

Como se soubesse exatamente que eu iria inventar uma história assim, ela disse, “Talvez se eu perguntar de novo desta vez eu consiga uma resposta direta”. Eu estava prestes a fazer um débil esforço para protestar, mas então, de forma apressada, ela contou que estava dentro de uma loja naquela tarde, comprando alguns botões para um vestido de domingo para mim, quando, ao olhar para cima, me viu fazendo um papelão na frente de quatro meninos. Prosseguiu dizendo que, depois de todos os anos que passou me ensinando a maneira correta de me comportar ao falar com rapazes, doía me ver agindo como uma vadia (só que ela usou a palavra em patoá francês) na rua e que sentiu vergonha só de olhar.

A palavra “vadia” (em patoá) foi repetida várias vezes até que de repente eu senti como se estivesse me afogando em um poço, mas em vez de o poço estar cheio de água, estava cheio com a palavra “vadia” e escorria por meus olhos, meus ouvidos, minhas narinas, minha boca. Como que para me salvar, virei para ela e disse, “Bom, tal pai tal filho, tal mãe tal filha”.

Nisso, tudo parou. A terra inteira ficou em silêncio. As duas coisas pretas que estavam juntas no meio da sala se separaram, a dela indo para ela e a minha voltando para mim. Olhei minha mãe. Ela parecia cansada, velha e quebrada. Vendo isso, me senti feliz e triste ao mesmo tempo. Logo decidi que feliz era melhor, e estava prestes a desfrutar desse sentimento quando ela falou, “Até este momento, em toda a minha vida eu não tinha dúvida de que, sem exceção, eu te amava mais”, e então virou as costas e começou a preparar de novo os figos verdes para cozinhar.

Olhei minha mãe — dessa vez, para suas costas — e ela não estava cansada, velha nem quebrada. Usava o cabelo preso da mesma maneira elegante, expondo a nuca de seu lindo pescoço; suas costas curvadas pareciam fortes e macias ao mesmo tempo, e eu queria descansar meu corpo inteiro nela como costumava fazer; sua saia longa cobria as pernas belas e fortes, e ela usava sapatos com lindos saltos. Era eu que

estava cansada, velha e quebrada, e ao olhá-la, cheia de vigor, jovem e inteira, tive vontade de ir até ela, abraçá-la e implorar que me perdoasse pelo que acabara de dizer, de explicar que realmente não queria ter dito aquilo. Mas eu não conseguia me mover, e quando olhei para baixo foi como se o chão se abrisse entre nós, criando uma divisão profunda e ampla. De um lado dessa divisão estava minha mãe, inclinada sobre o jantar, cozinhando em uma panela; do outro lado estava eu, os braços carregando livros escolares, e dentro de mim o dedal que pesava mundos.

Fui para o quarto tirar o uniforme, mas só consegui sentar na cama e imaginar o que seria de mim agora. Enquanto me sentava, olhei para as coisas ao meu redor. Lá estava o lavatório de pinho que meu pai fizera para mim, com sua bacia esmaltada em cima e uma urna por baixo, cheia de água; lá estava a cômoda de pinho que meu pai fizera para mim, e nela estavam minhas roupas; havia uma estante de pinho que meu pai fizera para mim, onde eu guardava meus livros; até mesmo a cama em que me sentei era de pinho, que meu pai fizera para mim; havia uma escrivaninha e uma cadeira que combinavam, onde eu me sentava e lia ou fazia meu dever de casa, ambas de pinho e que meu pai fizera para mim. Cada vez que meu pai comprava a madeira para os móveis ele me levava ao depósito, e eu via como examinava cada pedaço de madeira com cuidado antes de aceitar comprá-lo. Primeiro segurava a madeira embaixo do nariz dele, depois do meu, e dizia, “Nada como um belo pedaço de pinho, exceto talvez um belo pedaço de mogno”. Eu não tinha permissão para ver os móveis enquanto estavam sendo feitos, apenas quando estivessem em seu lugar no meu quarto. Era, assim, uma surpresa para mim, e eu dizia ao meu pai, “Vi que tenho uma cadeira nova”, e ele dizia, “Vi que você tem uma cadeira nova”. E então nos abraçávamos, eu o beijava na bochecha e ele me beijava na testa. Antigamente, quando meu pai queria me beijar, ele tinha que se abaixar para alcançar minha testa. Agora, desde o ano passado, eu tinha crescido tanto que fui eu que precisei me abaixar para que ele pudesse alcançar minha testa. Minha mãe era mais alta que meu pai. Agora eu também era mais alta que ele. Na verdade, eu era

tão alta quanto minha mãe. Quando ela e eu conversamos, nos encaramos nos olhos. Olho por olho. Foi a primeira vez que uma coisa dessas me ocorreu: minha mãe e eu estávamos cara a cara. Por um momento, fiquei feliz com o pensamento, mas então pude ver: o que isso importava? Ela era minha mãe, Annie; eu era a filha dela, Annie; e é por isso que minha mãe e meu pai me chamavam de Pequena Senhorita.

Sentada na minha cama e pensando nisso, eu balançava os pés para a frente e para trás, e demorou um pouco para eu perceber que quando balançavam para trás, meus pés batiam no baú guardado debaixo da cama. Era o baú que minha mãe comprara quando tinha dezesseis anos — um ano a mais do que eu agora — e no qual empacotara todas suas coisas e deixara não apenas a casa dos pais em Dominica, mas a própria Dominica rumo a Antígua. Tivera uma enorme discussão com o pai a respeito de morar sozinha, como ela desejava, ou continuar morando na casa dos pais, como o pai desejava. A mãe dela, que muito antes havia parado de falar com o pai dela, embora continuassem morando na mesma casa, não disse nada a favor nem de um nem de outro. Minha mãe e o pai tiveram uma grande briga e, embora minha mãe nunca tenha me contado toda a história em detalhes, eu a reconstituí a partir de coisas que ouvi, apenas somando dois e dois, como sempre fazia. Dentro desse baú agora estavam as coisas, todas elas, que fizeram parte da minha vida em todos os estágios, e se alguém tivesse chegado a ele sem ter a menor ideia de como minha vida tinha sido poderia fazer uma boa ideia. Quando meus calcanhares bateram no baú, meu coração se partiu e eu chorei e chorei. Naquele momento, senti mais saudades da minha mãe do que imaginei ser possível e queria apenas viver em algum lugar tranquilo e bonito só com ela, mas também naquele momento eu só queria vê-la morta, toda murcha e em um caixão aos meus pés.

O momento logo passou e me levantei da cama para trocar de roupa e fazer as tarefas da tarde. Minha mãe e eu nos evitávamos, e só depois do jantar de figos verdes cozidos com peixe no leite de coco é que nos olhamos de novo. Fizemos o possível para manter as aparências, pelo

bem do meu pai, mas nossas duas coisas pretas levaram a melhor sobre nós, e mesmo que não disséssemos nada perceptível estava claro que algo estava errado. Talvez para nos animar, meu pai anunciou que finalmente faria para minha mãe o conjunto de móveis que ela vinha pedindo há tanto tempo. Na verdade, o conjunto de móveis tinha sido motivo de discórdia entre eles. Isso trouxe um sorriso desanimado e educado ao rosto de minha mãe. Então, me encarando, meu pai perguntou o que poderia fazer por mim.

A resposta veio à minha mente sem que eu pensasse. “Um baú”, falei.

“Mas você já tem um baú. Você tem o baú da sua mãe”, ele respondeu.

“Sim, mas eu quero meu próprio baú”, eu repliquei.

“Muito bem. Um baú é seu pedido, um baú você terá”, disse ele.

Com o canto de um dos olhos, eu podia ver minha mãe. Com o canto do outro, podia ver sua sombra na parede, projetada pela luz do lampião. Era uma sombra grande e sólida, e era tão parecida com minha mãe que fiquei com medo. Pois eu não podia ter certeza se pelo resto da minha vida seria capaz de dizer quando de fato era minha mãe e quando era sua sombra que se colocava entre mim e o resto do mundo.

7. A longa chuva

Dias antes de ser decidido que eu não estava bem o suficiente para ir à escola, eu andava me sentindo fraca, como se fosse desmaiar a qualquer instante. Quando apoiava a cabeça na mesa, logo adormecia; a caminhada de ida e volta até a escola me cansava, então eu me movia na velocidade de um calhambeque velho. Não parecia haver nada de errado. Eu não tinha febre. Nenhuma tempestade selvagem assolava meu estômago. Meu apetite estava tão ruim quanto sempre havia sido. Minha mãe, puxando minhas pálpebras para um lado e para o outro, não conseguia ver nenhum sinal de cólera. Mesmo assim, eu não estava em condições de manter meu ritmo habitual, então precisei ficar de cama.

Por mais de um ano, nenhuma chuva caiu. Não havia nada de incomum nisso; a seca era uma parte tão grande da nossa vida que ninguém fazia comentários a respeito. Então, a cada dia por mais ou menos uma semana, as nuvens no céu ficaram pretas. A chuva não veio logo que as nuvens negras surgiram, mas um dia começou a garoar, primeiro daquele jeito irritante de garoa, que cutuca o rosto, as mãos e os pés. Isso continuou por alguns dias, quando de repente a chuva começou a cair em uma torrente pesada. Ela continuou assim por mais de três meses. No final, o mar havia subido e o que antes era terra seca estava coberto de água, com caranguejos morando ali. Apesar do que todos diziam, o mar nunca voltou a ser como era, e que belo assunto era tentar relembrar, durante as conversas, o que ficava onde o mar agora se estendia.

No meu pequeno quarto, deitei na minha cama de pinho, que estava arrumada com os lençóis de domingo porque eu estava doente. Deitei de costas e olhei o teto. Eu podia ouvir a chuva caindo no telhado galvanizado. O som que a chuva fazia ao cair no telhado me pressionou na cama, me prendeu no chão, e eu não conseguia levantar a cabeça nem se minha vida dependesse disso. Minha mãe e meu pai, às vezes juntos, às vezes separados, estavam ao pé da cama e olhavam para mim. Falavam um com o outro. Eu não conseguia ouvir o que diziam, mas podia ver as palavras saírem de suas bocas. As palavras viajavam pelo ar em minha direção, mas assim que chegavam aos meus ouvidos caíam no chão, de repente mortas. Muito provavelmente meu pai dizia que era por causa de todo o meu estudo, que eu havia passado de uma série para a outra rápido demais e isso tinha um preço alto. Muito provavelmente minha mãe concordava, mas ela também teria dito que, só para ter certeza, ligaria para Ma Jolie, uma obeah de Dominica que agora morava não muito longe da nossa casa e que foi recomendada à minha mãe por sua mãe, Ma Chess, que ainda morava em Dominica. Sobre a ideia de falar com Ma Jolie, meu pai teria dito, “Tudo bem, mas me deixe fora dessa; faça com que ela venha quando eu não estiver aqui”.

Uma tarde, meus pais me levaram ao médico embaixo de chuva, meu pai me carregando nas costas, minha mãe caminhando ao seu lado com a cabeça baixa. O médico, um homem da Inglaterra chamado dr. Stephens, e minha mãe tinham o mesmo sentimento em relação a germes, parasitas e doenças em geral, com minha mãe sempre à procura de sinais, em meu pai e em mim, de coisas para relatar a ele. Quando tive amarelão, o dr. Stephens e minha mãe conversaram sobre as várias maneiras pelas quais eu poderia ter contraído o verme, decidindo-se, por fim, pelo meu mau hábito de andar sem sapatos, agindo contra os desejos expressados em voz alta por minha mãe. Depois que ele apontou para minha mãe os muitos lugares no corpo de uma pessoa onde os germes podem se alojar, ela criou o hábito de cortar minhas unhas todos os sábados. O dr. Stephens agora me examinava da cabeça aos pés, cutucando aqui e ali, ouvindo meu

coração, meus pulmões, medindo meu pulso e minha temperatura, examinando meus olhos e ouvidos. No final, ele não conseguiu encontrar nada de muito errado, exceto que eu poderia estar um pouco fraca. Minha mãe se perguntou em voz alta, “Como isso pode acontecer?”, e então disse ao dr. Stephens que ela certamente redobraria os esforços para me fazer comer direito, me dando mais chá de carne, mais água de cevada, mais vitaminas, mais ovos e leite, além de me manter na cama até que o que quer que eu tivesse fosse embora.

Ainda chovia na volta para casa. Eu podia ver as enormes gotas quando elas atingiam o chão, mas não conseguia ouvir o som que faziam. As ruas estavam vazias; todo mundo estava abrigado dentro de casa. Eu descansava minha cabeça no ombro do meu pai, meus braços presos com firmeza em volta do seu pescoço. Podia sentir que ele buscava fôlego extra apenas pelo fardo de me carregar por uma distância tão longa. Às vezes ele virava a cabeça para dizer algo a minha mãe, mas eu não conseguia entender o que poderia ser.

Em casa, minha mãe me despiu e me pôs na cama. Logo depois, me trouxe um licor de ovo com duas colheres de rum. Eu sempre tinha que ser persuadida a beber aquilo, de tanto que odiava o gosto de rum misturado com ovo, mas não sentia nada agora, então tudo desceu com facilidade. Meu pai entrou, olhou para mim e disse, “Então, Pequena Senhorita, hein? Hmmm”. Eu sabia que ele diria isso antes mesmo de as palavras saírem de sua boca. Quando as palavras chegaram até mim, o “então” era maior que o “pequena”, e o “senhorita” era maior que o “hein”, e o “hmmm” era maior do que todas as outras palavras juntas. O som balançava para a frente e para trás nos meus ouvidos, e eu conseguia formar uma imagem dele; parecia uma grande onda batendo constantemente contra uma parede no mar, e aquilo fez com que me sentisse distante e sem peso. Eu podia ouvir a chuva no telhado, e continuava a me encurralar. Olhei dentro da minha cabeça. Uma coisa preta estava deitada lá e apagou toda a minha memória das coisas que aconteceram comigo. Eu sabia que muitas coisas tinham acontecido em meus quinze anos de vida, mas agora não conseguia distinguir uma que fosse. Quando adormeci, não senti nenhuma parte

do meu corpo, exceto o pedaço de trás do meu crânio, que parecia que iria se abrir e vomitar enormes chamas vermelhas. Sonhei então que estava andando por um ar quente cheio de fuligem, indo em direção ao mar. Quando cheguei lá, comecei a beber o mar em grandes goles, porque estava com muita sede. Bebi e bebi até que tudo o que restou foi o fundo do mar nu e seco. Toda a água do mar me encheu, dos dedos dos pés à cabeça, e eu inchei muito. Mas então pequenas rachaduras começaram a aparecer em mim e a água começou a vazar — primeiro em pequenos escoadouros e gotas saindo das minhas juntas, depois com um rugido alto quando eu me parti. A água voltou e virou o mar de novo, e mais uma vez eu estava andando pela fuligem quente — só que dessa vez encharcada e em farrapos e sem ir a nenhum lugar específico.

Quando acordei, estava sentada no colo do meu pai e vestia uma camisola diferente daquela na qual tinha adormecido. Minha mãe, também de camisola, estava debruçada sobre minha cama, trocando meus lençóis. Devo ter perguntado ao meu pai qual era o problema, pois ele me disse, “Tá ensopada, Pequena Senhorita, tá ensopada”. Meu pai vestia apenas as roupas de baixo, que àquela altura eu já sabia como passar sem deixar vincos indesejados. Suas roupas cheiravam ao suor do dia anterior. Através das dobras da minha camisola, eu podia sentir os pelos de suas pernas, e enquanto eu movia minhas próprias pernas para a frente e para trás contra as dele, os pelos de sua perna faziam um som swish, swish, como uma escova sendo esfregada na madeira. Um sentimento engraçado de que eu gostava e tinha medo ao mesmo tempo passou por mim, e eu estremeci. Com isso, meu pai, pensando que eu estava com frio, me abraçou ainda mais. Percebi então que ele, exceto quando estava doente, dormia sem roupa alguma, pois nunca dormiria com as roupas que usara no dia anterior. Não sei por que isso se alojou em minha mente, mas aconteceu.

Minha mãe terminou de fazer a cama, se inclinou e me pegou do colo do meu pai. Eu tinha quinze anos, mas os dois me tratavam como se eu tivesse acabado de nascer. Na cama, olhei para eles de pé diante de mim. Apesar de não conseguir ouvir a chuva, sabia que ainda estava

chovendo. Meus pais diziam coisas um para o outro, mas eu também não conseguia entender o que falavam.

Quando abri os olhos pela manhã (sabia que era de manhã pois uma grande vela branca estava acesa em vez da minha lâmpada), vi minha mãe sentada ao pé da cama. Sua cabeça estava inclinada para um lado, e ela estava com uma expressão preocupada no rosto. Quando viu que eu olhava para ela, sorriu para mim. Disse, “Como você está se sentindo hoje, Pequena Senhorita?” e “Você dormiu bem?”. Embora eu não possa ter certeza, devo ter respondido de uma forma que a agradou, pois ela continuou balançando a cabeça para cima e para baixo e falou, “Que bom”. Ela havia preparado um pouco de água e sabão na bacia que ficava no meu lavatório e me ajudou a escovar os dentes e lavar o rosto. Tentou pentear meu cabelo, mas devo ter gritado, porque ela alisou minhas tranças e beijou minha cabeça. Ajeitando alguns travesseiros para me acomodar na cama, ela apoiou uma bandeja no meu colo, com três pedaços de pão; neles havia uma pasta feita de cheddar ralado, ovos e manteiga. Na bandeja também havia uma xícara de chocolate no leite, ainda com o creme. Essa refeição de pão e queijo com chocolate no leite (o chocolate vinha da minha vó, Ma Chess, que cultivava os grãos e seguia todos os passos ela mesma até transformá-los em chocolate; ela nos enviou o chocolate em uma grande caixa, junto com noz-moscada e outras especiarias, café e amêndoas) estava entre as três ou quatro coisas do mundo que eu mais gostava de comer. Mas agora, olhando para ele, só sabia que tinha gostado de comê-lo em algum momento da vida e que costumava ser meu jantar às terças-feiras, quando voltava para casa das reuniões das escoteiras.

Fora de mim, a palavra “escoteira” pairava bem diante dos meus olhos. Dentro de mim, a coisa preta que estava alojada na minha cabeça ficou ainda mais penosa. Uma parte da coisa preta se soltou, como se tivesse caído no chão, e uma pequena luz amarela tomou seu lugar. Dentro da luz amarela, eu era uma escoteira, uma pequena escoteira de brinquedo. Era eu, tudo certo, mas pequena. Na verdade,

eu pertencia à tropa de Escoteiras da Primeira Divisão, o que significava que em desfiles minha tropa marchava à frente de todas as outras. Uma mulher chamada srta. Herbert era nossa líder. Ela trabalhava como caixa no departamento de ferragens e madeira de uma loja chamada George W. Bennet Bryson & Sons, e sempre que eu acompanhava meu pai até aquela loja, onde ele às vezes comprava suprimentos, ela nos recebia. Eu fazia uma reverência para ela da maneira especial que deveria fazer para qualquer pessoa a quem meus pais tivessem nomeado como uma espécie de guardião na ausência deles, e ela me cumprimentava, embora de uma maneira um tanto rude, para mostrar que mesmo que eu fosse uma boa escoteira e ganhasse muitas citações por boas ações, não nos dávamos particularmente bem. Ela costumava falar que respeitava e estimava todas nós por igual, e devo dizer que eu não gostava muito dessa atitude já que estava acostumada a ser escolhida e tratada de maneira especial. Nossa tropa foi dividida em quatro grupos de sete meninas cada: elfas, duendes, fadas e gnomos. Eu era uma elfa, então usava um emblema de uma elfa travessa e dançante logo acima do bolso esquerdo do meu uniforme. Nas mangas e nos ombros eu usava todos os tipos de listras e outros emblemas e distintivos para mostrar que eu havia me destacado em uma coisa ou outra. Em nossas gravatas amarelas, tínhamos um distintivo de latão em forma de trevo de quatro folhas. Começávamos nossas reuniões com toda a tropa parada no pátio da igreja metodista, formando um círculo ao redor do mastro da bandeira, nossos olhos seguindo a bandeira britânica enquanto era hasteada; então jurávamos fidelidade ao nosso país, o que queria dizer à Inglaterra. Por uma hora e meia, fazíamos todo tipo de coisa de escoteiras; então nos reuníamos ao redor do mastro mais uma vez para abaixar a bandeira e jurar fidelidade. Pouco antes de nos separarmos, nos agachávamos com as mãos nos ombros, dois dedos apontando para cima, e dizíamos em uníssono, “Uhhh, uhhh, uhhh”, imitando a sábia coruja velha que era patrona de nossa tropa, e todas desejavam que, à medida que envelhecêssemos, também ficássemos sábias.

Deitada no meu leito de doente, vi a escoteira de brinquedo que também era eu na estrada, indo e vindo das reuniões das escoteiras. Eu estava sozinha. Não havia outras escoteiras ao meu redor; não havia outras pessoas ao meu redor; havia apenas eu, indo e vindo na grande estrada, que continuava com seu tamanho normal. Eu não sabia quanto tempo levaria para ir e vir com meus pequenos passos de brinquedo. Enquanto me observava longa e intensamente, esqueci tudo, mas por fim ouvi a voz da minha mãe. Eu ainda não conseguia entender o que ela estava dizendo, mas podia ver algumas das palavras que pousaram no ar entre nós. Havia “imagine”, “isso”, “mais”, “bem”, “porque”, “para baixo”, “pequena”, “cesta”, “conivente”, “bom”, “confiança”, “comportamento”, “missangas”, “feras”, “praga”. Elas dançavam por aí, entrando e saindo, como se estivessem em volta de um mastro. Recostando-me na cama, olhei para as vigas do teto. Então me sentei em uma delas e olhei para minha mãe e para mim. Fechei os olhos e fuligem preta e quente começou a cair. Adormeci.

A chuva continuava caindo, às vezes numa garoa pesada, às vezes como se o tempo todo tivéssemos vivido com uma represa acima de nossas cabeças e alguém, de propósito, tivesse feito um enorme corte nela. Meu pai não podia mais sair para trabalhar, então construía móveis em sua oficina. Um dia ele deu um jeito de estar em outro lugar e Ma Jolie veio. Ela fez marcas cruzadas nas solas dos meus pés, nos meus joelhos, na minha barriga, nas minhas axilas e na minha testa. Acendeu duas velas especiais e pôs uma sobre a cabeceira da minha cama e a outra perto do pé. Ela disse que, com toda aquela chuva, era impossível que qualquer coisa que me fizesse mal estivesse morando lá fora no quintal, então nem se daria ao trabalho de procurar lá agora. Queimou um incenso num canto do meu quarto. Colocou uma dúzia de pequenas velas vermelhas — com papel branco no fundo, para mantê-las flutuando — em uma bacia de óleo amarelo espesso. Quando acendeu as velas, elas lançaram um lindo brilho rosado por todo o quarto. Na bacia com as velas ela havia posto pedaços de papel

onde estavam escritos os nomes de pessoas que queriam me prejudicar, a maioria mulheres que meu pai amara há muito tempo. Ela disse à minha mãe, depois de olhar em volta com cuidado, que não havia espíritos no meu quarto ou em qualquer outra parte da casa, e que todas as coisas que estava fazendo eram apenas uma precaução para o caso de alguém ter alguma ideia ao saber que eu estava em uma condição tão enfraquecida. Antes de sair, ela prendeu um pequeno sachê preto, cheio de algo que tinha um cheiro abominável, dentro da minha camisola e deu à minha mãe alguns pequenos frascos cheios de fluidos para esfregar em mim em diferentes momentos do dia. Minha mãe os guardou na minha prateleira, bem ao lado dos frascos de compostos de vitaminas e purgantes que o dr. Stephens havia prescrito. Quando meu pai voltou, olhou todos os meus remédios — os do dr. Stephens e os de Ma Jolie — alinhados lado a lado e franziu a testa, do jeito que fazia quando não gostava do que via. Ele deve ter dito algo para minha mãe, pois ela arrumou a prateleira de outra forma, com as prescrições do dr. Stephens na frente e as de Ma Jolie atrás.

Meus pais não viveram uma vida normal nas duas primeiras semanas da minha condição. Eles ficavam acordados comigo a qualquer hora da noite, e minha mãe tinha medo de me deixar sozinha durante o dia. Mas em algum momento devem ter subitamente decidido levar tudo na tranquilidade e, sem grande alarde, voltaram às suas rotinas habituais. A chuva ainda caía, mas meu pai voltou ao trabalho, saindo de casa às sete badaladas do sino da igreja anglicana. Um dia, minha mãe me deixou sozinha e foi ao mercado de peixe buscar o que seria nosso jantar naquela noite. Pouco antes de sair, ela disse, “Pequena Senhorita, tente descansar um pouco”, a coisa que meus pais mais me diziam agora.

Quando fiquei sozinha, de repente algumas fotografias que estavam em molduras e dispostas em semicírculo na mesinha não muito longe da minha cama surgiram grandes na minha frente. Havia uma foto minha em meu uniforme escolar branco. Havia uma foto minha como

dama de honra do casamento de minha tia Mary com Monsieur Pacquet. Havia uma foto do meu pai com seu uniforme branco de críquete, segurando um taco em uma das mãos, o outro braço enrolado com firmeza ao redor da cintura de minha mãe. Havia uma foto minha com o vestido branco com o qual acabara de ser recebida na igreja e comungado pela primeira vez, usando sapatos com um recorte decorativo nas laterais. Quando comprei aqueles sapatos e os mostrei para minha mãe, ela disse que não eram próprios para uma jovem nem adequados para se usar ao ser recebida na igreja. Tivemos uma briga enorme por causa dos sapatos, e posso ter falado coisas indescritíveis para ela, embora tenha esquecido tudo, exceto que no final me virei e disse, “Gostaria que você estivesse morta”. Ao dizer isso, me senti oca por dentro. Minha mãe então sentiu uma dor de cabeça tão forte que as folhas de mirtilo que ela colocava nas têmporas para aliviar tiveram que ser trocadas a cada duas horas, de tão rápido que foram queimadas pelo calor da dor. Naquela noite, pude ouvi-la gemendo enquanto andava de um lado para o outro pela casa, porque a dor a mantinha acordada. Quando parou, tive certeza de que havia morrido, e que os novos sons que ouvia eram do agente funerário, sr. Straffee, que viera remover seu corpo para o enterro.

As fotografias que estavam sobre a mesa agora começaram a explodir até tocar o teto e depois encolher de volta, mas a um tamanho que eu não conseguia ver com facilidade. Elas faziam isso com uma regularidade especial, mantendo o ritmo de uma música que eu não conhecia. Subiam e desciam, subiam e desciam. Fizeram isso por tanto tempo que começaram a transpirar bastante, e quando por fim pararam, caindo sobre a mesa moles de exaustão, o cheiro que vinha delas era insuportável. Me levantei da cama, as tomei nos braços e as levei até a bacia de água no lavatório para dar-lhes um bom banho. Lavei bem com água e sabão, esfregando todas as fendas, tentando, sem muito sucesso, endireitar as dobras do véu de tia Mary, tentando, sem muito sucesso, remover a sujeira da frente das calças do meu pai. Quando terminei, sequei bem, polvilhei com talco e as coloquei em um canto, cobertas por um cobertor para que ficassem aquecidas

enquanto dormiam. Voltei para a cama e devo ter adormecido, pois o som da voz da minha mãe — um arfar de preocupação, na verdade — me fez ficar deitada na cama olhando o teto outra vez.

Minha mãe estava de quatro, tentando secar o chão. Quando lavei as fotos, derramei água por toda parte, e minha camisola e meus lençóis estavam molhados. As fotos estavam amontoadas em um lado do quarto, e mesmo no meu estado conseguia ver que estavam completamente arruinadas. Nenhuma das pessoas na foto do casamento tinha rosto, exceto eu. Eu apagara meus pais da cintura para baixo na foto que tinham juntos. Me apagara por completo na foto em que usava meu vestido de crisma, exceto os sapatos. Quando meu pai chegou em casa, eu o ouvi dizer, “Pobre Senhorita, ela não pode ficar sozinha nem que seja por pouco tempo”.

Então, mais uma vez, minha mãe organizou seus compromissos para não me deixar sozinha. Uma vizinha fazia as compras para ela. Outra era enviada ao mercado para trazer nossas provisões diárias, sempre frescas. O peixe que comíamos no jantar nos era entregue, já sem escamas, pelo sr. Earl ou pelo sr. Nigel, os dois pescadores que nos forneciam alimentos.

Um dia, o sr. Nigel trouxe o peixe, e depois de uma conversa breve com minha mãe ele veio me ver e desejar uma rápida recuperação. Como ainda estava vestindo suas roupas de pesca (calças cáqui lindamente costuradas com remendos, uma velha camisa de cambraia vermelha) e coberto de escamas de peixe e sangue, ele permaneceu na porta do meu quarto e falou algumas coisas. Não consegui entender tudo o que dizia, mas pude ver que tinha me trazido um peixe que de alguma forma acreditava ser o meu favorito. Como parecia satisfeito e feliz. Dos dois pescadores, sempre gostei mais dele. Fazia com que me lembrasse do meu pai. Era quieto e pensativo do mesmo jeito e gostava de ser pescador como meu pai gostava de ser carpinteiro. Enquanto eu pensava no quanto ele lembrava meu pai, as palavras “Você é como o sr. John” saíram da minha boca.

Ele riu e disse, “Agora, veja bem, não vou contar para ele que você disse isso”. Sua risada então preencheu toda a sala e sugou todo o ar, de modo que eu não tinha o que respirar, apenas a risada do sr. Nigel, que encheu minhas narinas, minha garganta, meus pulmões e foi descendo até que cada espaço vazio em mim fosse preenchido com a risada do sr. Nigel. Nesse estado, quando olhei para ele, pude ver todo tipo de coisa.

O bisavô do meu pai tinha sido pescador, mas deve ter sido um mau pescador, pois nunca pegava muitos peixes em suas cestas. Um dia, quando saiu para olhar o que tinha nas cestas, encontrou os dois ou três peixinhos de sempre, e ficou tão bravo que pegou o peixe, mandou Deus beijar seu traseiro e o jogou de volta na água. Uma maldição caiu sobre ele, e logo depois ficou muito doente e morreu. Pouco antes de morrer, sua pele se abriu, como se ele fosse uma casca de ervilha cheia demais, e suas últimas palavras foram “Esses malditos peixes”. Eu podia ver o sr. Nigel e o sr. Earl sentados debaixo de uma árvore, suas cabeças curvadas sobre uma rede que remendavam, um começando uma frase, o outro terminando. O sr. Nigel e o sr. Earl compartilhavam tudo. No mar, compartilhavam o mesmo barco, a mesma pescaria. Em casa, dividiam o mesmo lar, o sr. Earl entrando pela rua e o sr. Nigel pelo quintal. A casa tinha uma porta dentro que conectava suas duas partes, mas nunca ficava trancada. Eles compartilhavam a mesma esposa, uma mulher chamada srta. Catherine, e embora ela não morasse com eles o tempo todo, sua casa ficava a apenas algumas portas e ela os visitava com bastante regularidade, às vezes entrando pela rua, às vezes entrando pelo quintal. Lá, a srta. Catherine cozinhava e os três, sentados à mesa, comiam da mesma panela com as próprias mãos. Essa era uma visão que todos podiam ver ao passar. Eu gostava da srta. Catherine porque ela usava rapé e isso a fazia cuspir, e seu jeito de cuspir parecia ser a melhor maneira de fazer uma coisa dessas. Minha mãe não gostava da srta. Catherine porque ela era estéril, um pouco aleijada e estava sempre dizendo à minha mãe a maneira correta de me criar. Minha mãe, embora achasse que fosse segredo, também não gostava de sua irmã, minha tia Mary, e sempre que brigavam, em geral por carta, minha mãe a chamava de idiota estéril, aleijada e

intrometida. Minha tia era estéril, aleijada e constantemente dizia à minha mãe como me criar. Eu nunca soube se a srta. Catherine era aleijada desde o dia em que nascera, ou se sofrera um acidente quando criança, ou se alguém desejou que ela ficasse assim.

Quando o sr. Nigel riu e sua risada acabou surtindo aquele efeito em mim, pulei da cama e me joguei em cima dele com tanta força que o derrubei no chão. Então, em uma explosão de palavras, contei a ele todas essas coisas conforme passavam pela minha cabeça: sobre o bisavô de meu pai, sobre ele, o sr. Earl e a srta. Catherine. Ele absorveu tudo como se fosse uma parte desinteressada, como se aquilo fosse novidade para ele.

Não sei quanto tempo depois disso Ma Chess apareceu. Ouvi minha mãe e meu pai se perguntarem como ela veio, pois apareceu num dia em que o vapor não estava previsto, e por isso não foram encontrá-la no cais. Ela e minha mãe estavam ao pé da minha cama olhando para mim e sussurrando entre si. Puxavam e alisavam as roupas uma da outra quando queriam ressaltar um ponto em particular. Quando Ma Chess se inclinou sobre mim, cheirava a muitas coisas diferentes, todas ainda mais abomináveis do que o sachê preto que Ma Jolie tinha pregado na minha camisola. O que quer que Ma Jolie soubesse, minha avó sabia pelo menos dez vezes mais. Como lamentou que minha mãe não se interessasse mais por coisas obeah. Ma Chess nunca usava só água e sabão para tomar banho. Ela se banhava, uma vez por mês mais ou menos, na água em que coisas de origem animal e vegetal haviam sido fervidas por muito tempo. Antes de tomar esse banho, ela primeiro nadava no mar. Agora, ao se inclinar sobre mim, me cutucou da mesma forma que Ma Jolie tinha feito. Então disse para minha mãe, em dialeto francês, “Não é como Johnnie. Com certeza não é como Johnnie”. Ela parou ao lado da minha mãe de novo e as duas continuaram a puxar e alisar as roupas uma da outra. Quando minha mãe tinha treze anos, seu irmão John morreu. Ele tinha vinte e três anos. Minha mãe e a irmã o adoravam, a mãe dele o adorava, e depois

que ele morreu todos disseram que a vida nunca mais seria a mesma. Falavam tanto dele e de tal maneira que às vezes eu tinha certeza de que ele havia acabado de sair para uma missão e voltaria a qualquer momento, que o veria dobrando a esquina com o andar especial que diziam ter, pulando a cada poucos passos que dava. Quase tudo o que ele possuía ou usava era guardado em um grande baú no quarto de Ma Chess, e quando eu ia visitá-la, Ma Chess, fingindo arejar as coisas no baú, mostrava tudo como se fosse uma grande exposição. Quando falavam dele para mim, diziam “seu tio Johnnie”, como se ele não tivesse morrido muito antes de eu nascer. Minha mãe se lembrava tão bem de todas as brincadeiras e jogos que ele fazia com ela que fazia as mesmas brincadeiras e jogos comigo, e se eu aparentasse não entender o que estava acontecendo, ela dizia, “Bom, seu tio Johnnie fazia isso comigo” para solucionar o mistério. Minha tia Mary se casou com um homem que os pais dela não suportavam, Monsieur Pacquet, mas era um homem que tio Johnnie conhecera em Roseau durante a colheita de uma plantação de figos verdes e de quem falara muito bem para a irmã. Quando o tio Johnnie ficou doente, Ma Chess teve certeza de que um médico era a última coisa de que ele precisava. Pa Chess tinha certeza de que um médico era a única coisa que ele precisava, e Pa Chess conseguiu o que queria. Durante dois anos, tio Johnnie ficou deitado na cama, cada dia mais rosado. Então um dia ele morreu. Ele nunca esteve tão bem quanto no dia em que morreu. Ao morrer, um grande verme abriu caminho para fora de sua perna e descansou em sua tíbia. Depois, o verme também morreu. Daquele dia em diante, Ma Chess nunca mais falou com Pa Chess, embora morassem na mesma casa. Ela nunca dizia uma palavra a favor ou contra ele, e se o nome dele surgisse ela se ausentava em espírito — e se o nome dele continuasse a aparecer também se ausentava em corpo. Pa Chess não apenas supervisionou todo o funeral, mas até fez um sermão — a coisa de sempre: sobre tudo que acontece ser o melhor, as pessoas se encontrando de novo e vivendo na felicidade eterna. Ma Chess não compareceu ao funeral, embora tenha visitado o túmulo em ocasiões

especiais. Todas as suas roupas eram feitas de pano preto — a única cor que usou daquele dia em diante.

Ma Chess se acomodou no chão ao pé da minha cama, comendo e dormindo lá, e logo comecei a contar com seus cheiros e o som que fazia quando inspirava e expirava. Às vezes, à noite, quando eu sentia que estava trancada na fuligem quente que caía e não conseguia encontrar a saída, Ma Chess vinha para minha cama e ficava comigo até que eu fosse eu mesma — o que quer que isso significasse na época — de novo. Eu me deitava de lado, enrolada como uma vírgula, e Ma Chess se deitava ao meu lado, enrolada como uma vírgula maior, na qual eu me encaixava. Durante o dia, enquanto minha mãe ficava com meu pai, fazendo-lhe companhia enquanto ele comia, Ma Chess me alimentava, me persuadindo a comer colherada após colherada. Ela me dava banho e trocava minhas roupas e meus lençóis e fazia todas as outras coisas que minha mãe costumava fazer. Ma Chess e meu pai se mantinham longe um do outro — não tanto por não se gostarem, mas porque não viam o mundo da mesma maneira. Ma Chess uma vez pediu ao meu pai para dizer a ela exatamente o que ele fazia, e quando ele falou que estava indo construir uma casa, ela disse, “Uma casa? Por que morar em uma casa? Tudo de que você precisa é um bom buraco no chão, para que possa ir e vir quando quiser”.

Durante três meses e meio choveu todos os dias, e durante todos esses dias estive doente na cama. Eu sabia muito bem que não tinha o poder de fazer a atmosfera parecer tão doente quanto me sentia, mas ainda assim não pude deixar de juntar os dois. Pois um dia, tão misteriosamente quanto veio, minha doença foi embora. Ao mesmo tempo, tão misteriosamente quanto veio, a chuva foi embora. Parou de chover por um dia, parou de chover por dois dias e depois parou de chover por completo. A seca voltou e, exceto pelo mar, que estava maior do que costumava ser, tudo voltou a ser o mesmo. Quando o sol começou a sair mais uma vez, abriram minhas janelas para o calor e a luz entrarem. Eu tive que proteger meus olhos, tão desacostumada

estava a ver tudo. A chuva arruinou o jardim da minha mãe e algumas árvores frutíferas; roupas que minha mãe esqueceu na cesta de passar ficaram mofadas; e a fundação de uma casa que meu pai estava construindo fora destruída. Minha mãe restaurou o jardim e as árvores frutíferas; ela conhecia uma maneira de remover o mofo das roupas, e elas também foram restauradas. Meu pai fez uma nova fundação e continuou construindo a casa. Quando ficou bem claro que eu estava mesmo melhorando, Ma Chess foi embora da mesma forma como tinha vindo: sem aviso prévio e num dia em que o navio não era esperado no porto.

Um dia fui levada para fora pela primeira vez em muito tempo. Quando pisei no chão, ele não se mexeu. Os sons que ouvi não passaram por mim, formando um funil gigante e furioso. As coisas que vi permaneceram em seus lugares. Minha mãe me pôs sentada debaixo de uma árvore, e eu a vi pagar seis pence para um menino subir em um coqueiro e pegar alguns cocos para mim. Minha mãe olhou para meu rosto desbotado e franzido e disse, “Pobre Pequena Senhorita, você parece tão triste”. Naquele momento, eu não estava me sentindo nem um pouco triste. Eu estava sentindo o quanto eu nunca mais queria ver um menino subir em um coqueiro de novo, o quanto eu nunca mais queria ver o sol brilhar dia sim dia não, o quanto eu não queria ver minha mãe curvada sobre uma panela cozinhando algo que ela achava que me faria bem quando eu comesse, o quanto eu nunca mais queria sentir seus dedos longos e ossudos em minha bochecha de novo, o quanto eu nunca mais queria ouvir sua voz no meu ouvido de novo, o quanto eu desejava estar em um lugar onde ninguém soubesse nada sobre mim e gostasse de mim exatamente por isso, o quanto todo o mundo em que eu nasci se tornou um fardo insuportável e eu gostaria de poder reduzi-lo a uma coisa pequena que pudesse segurar debaixo d’água até que morresse. Disfarçando como me sentia, olhei para minha mãe, inclinei a cabeça para o lado e sorri, e isso a agradou. Caminhando de volta para o meu quarto, minha mãe e eu notamos em silêncio que eu agora estava maior do que ela. Estava tão desacostumada com isso que fiz com que minhas costas, já encurvadas

— pela má postura e que nenhuma bronca seria suficiente para curar —, se curvassem ainda mais. Durante a minha doença, eu tinha chegado a uma altura considerável — quase igual à da minha avó. Agora, na cama, precisava me dobrar para caber direito.

Logo pude voltar à escola. Por causa da minha nova altura, eu precisava de uniformes e sapatos novos, pois meus pés também haviam crescido. Mandei fazer a saia do uniforme com um comprimento que terminava logo abaixo das minhas panturrilhas. Ninguém estranhou, pois sempre nos incitavam a não mostrar as pernas. Eu não podia fazer nada com meus sapatos, pois só era permitido usar um tipo especial vendido em uma loja especial, mas comprei um chapéu cuja copa e aba eram grandes demais para mim, e quando o enterrei na cabeça e o apertei, ficou difícil ver meu rosto. Indo e voltando da escola com o uniforme comprido pendurado no corpo magro, a cabeça abaixada, as costas curvadas em uma inclinação exagerada, um braço para trás, apoiado na parte inferior das costas, o outro segurando a mochila em que estavam meus livros, cada passo que eu dava propositalmente tímido, criava tal imagem que todos falavam de mim. Ou assim me disse Gwen, antes o amor da minha vida, agora reduzida a uma conhecida irritante. Junto com tudo isso, adquiri um sotaque estranho — até onde sei, ninguém nunca tinha ouvido falarem assim antes — e alguns outros truques. Se o comportamento de alguém não me agradasse, eu olhava diretamente para a pessoa sem dizer uma palavra, com uma sobrancelha levantada. Sempre recebia um pedido de desculpas. Se alguém me fizesse uma pergunta, eu começaria minha resposta com as palavras “Na verdade” ou “De fato”. Isso tinha o efeito de não deixar margem para dúvidas. Eu saía de perto das pessoas se diziam ou faziam algo que não me importava, e fiz com que minha presença fosse tão sentida que, quando me afastava, minha ausência também era. Muitas garotas queriam se exhibir para mim e tentavam, mas suas tentativas falhavam. Pude ver que tudo em mim despertava inveja e descontentamento, e isso me deixava feliz — a única felicidade que eu conhecia então. Nunca mencionei minha doença, e se o assunto surgisse fingia não me importar em falar sobre

isso. Quando finalmente senti vontade de falar, dizia, “Durante o tempo em que estive doente”. Como eu amava o som das palavras rolando da minha língua, e não demorou muito para que eu fizesse com que todas as outras garotas desejassem ficar doentes também.

8. A caminhada até o cais

“Meu nome é Annie John.” Essas foram as primeiras palavras que me vieram quando acordei na manhã do último dia que passei em Antígua, e elas ficaram ali, alinhadas uma atrás da outra, marchando para cima e para baixo, por não sei quanto tempo. Ao meio-dia daquele dia, um navio no qual eu seria passageira partiria para Barbados, e lá eu embarcaria em outro navio, que partiria para a Inglaterra, onde estudaria para ser enfermeira. Meu nome foi a última coisa que vi na noite anterior, quando estava adormecendo; estava escrito em letras grandes e pretas por todo o meu baú, às vezes seguido pelo meu endereço em Antígua, às vezes seguido pelo que seria meu endereço na Inglaterra. Não queria ir para a Inglaterra, não queria ser enfermeira, mas preferia morar em uma caverna e cuidar da casa de sete homens indisciplinados do que seguir vivendo como estava. Eu não queria me deitar nunca mais nessa cama, com minhas pernas penduradas para fora, me revirando em um colchão com o enchimento de algodão todo amontoado exatamente no lugar em que não deveria amontoar. Eu não queria me deitar na minha cama nunca mais para ouvir o sr. Ephraim conduzir suas ovelhas até o pasto — um sinal para minha mãe de que ela deveria se levantar e preparar o banho e o café da manhã para meu pai e para mim. Eu não queria me deitar na minha cama e ouvi-la se vestir, lavar o rosto, escovar os dentes e gargarejar. Acima de tudo, eu não queria me deitar na minha cama e ouvir minha mãe gargarejar.

Deitada ali na penumbra do meu quarto, via a estante com meus livros — alguns deles prêmios da escola, alguns deles presentes da

minha mãe — e com fotos de pessoas que eu deveria amar para sempre não importava o que acontecesse e com minha velha garrafa térmica, que ganhei no meu aniversário de oito anos, e algumas conchas que eu havia recolhido em diferentes momentos que passei no mar. Em um canto estava meu lavatório e sua bela bacia de esmalte branco com hibisco vermelho que floresciam pintados na parte de baixo e a urna que combinava. Em outro canto estavam meus sapatos da antiga escola e meus sapatos de domingo. Ainda em outro canto, uma cômoda guardava minhas roupas velhas. Eu conhecia todo esse quarto, de dentro para fora e de fora para dentro. Vivi nesse quarto por treze dos meus dezessete anos. Em minha mente, via até o dia em que meu pai o ligou ao resto da casa. Para onde quer que eu olhasse, havia algo que significou muito para mim, que me deu prazer em algum momento, ou poderia me lembrar de uma época que foi uma época feliz. Mas enquanto eu estava deitada ali, meu coração poderia ter explodido de alegria com o pensamento de nunca mais ter que ver nada daquilo outra vez.

Se alguém me pedisse um pequeno resumo da minha vida naquele momento em que estava deitada na cama, eu teria dito, “Meu nome é Annie John. Nasci no dia quinze de setembro, dezessete anos atrás, no Hospital Holberton, às cinco horas da manhã. Na hora em que nasci, a lua estava se pondo em uma extremidade do céu e o sol estava nascendo na outra. O nome da minha mãe também é Annie. O nome do meu pai é Alexander, e ele é trinta e cinco anos mais velho que minha mãe. Dois de seus filhos são quatro e seis anos mais velhos que ela. Vendo como ele ficou doente e vendo como minha mãe agora precisa correr para cima e para baixo por ele, juntando as ervas e cascas que ele ferve na água, que ele bebe em vez do remédio que o médico receitou, eu pretendo não apenas nunca me casar com um velho mas certamente nunca me casar. Meu pai construiu a casa em que vivemos com as próprias mãos. Meu pai construiu a cama em que estou deitada com as próprias mãos. Se eu me levanto e me sento em uma cadeira, é uma cadeira que meu pai construiu com as próprias mãos. Quando minha mãe usa uma grande colher de pau para mexer o mingau que às

vezes comemos no café da manhã, é uma colher que meu pai esculpiu com as próprias mãos. Minha mãe fez os lençóis da minha cama com as próprias mãos. Minha mãe fez as cortinas penduradas na minha janela com as próprias mãos. Minha mãe fez a camisola que estou usando, com gola, bainha e mangas recortadas, com as próprias mãos. Quando analiso as coisas de uma certa maneira, acho que devo dizer que os dois me fizeram com as próprias mãos. Durante a maior parte da minha vida, quando nós três íamos juntos a qualquer lugar, eu ficava entre os dois ou me sentava entre os dois. Mas depois fiquei grande demais, e lá estava eu, mais ou menos ombro a ombro com eles, e não era muito confortável andarmos juntos pela rua. E agora lá estão eles juntos e aqui estou eu separada. Agora não os vejo como antes, e agora não os amo como antes. A coisa amarga sobre isso é que eles são exatamente os mesmos e fui eu que mudei, então todas as coisas que eu costumava ser e todas as coisas que eu costumava sentir são tão falsas quanto os dentes na boca do meu pai. Por que, eu me pergunto, não vi a hipócrita em minha mãe quando, ao longo dos anos, ela disse que me amava e que não podia viver sem mim, ao mesmo tempo que propunha e organizava separação após separação, incluindo esta, que, sem ela saber, *eu* providenciei para ser permanente? Então agora eu também tenho hipocrisia, e seios (pequenos), e cabelos crescendo nos lugares apropriados, e olhos afiados, e fiz um voto de nunca mais ser enganada”.

Deitada na minha cama pela última vez, pensei: eu sou o resultado disso. Então senti como se alguém tivesse me posto em um buraco e estivesse me forçando primeiro para baixo e depois para cima contra a pressão da gravidade. Me sacudi e me preparei para me levantar. Disse a mim mesma: “Estou me levantando desta cama pela última vez”. Tudo o que eu faria naquela manhã até entrar no navio que me levaria para a Inglaterra seria feito pela última vez, pois tinha decidido que, não importava o que acontecesse, o caminho para mim agora só ia em uma direção: longe da minha casa, longe da minha mãe, longe do meu pai, longe do céu azul eterno, longe do sol quente eterno, longe das pessoas que me diziam, “Isso aconteceu quando sua mãe ainda estava

grávida de você”. Se me pedissem para colocar em palavras por que me sentia assim, se tivessem me dado anos para refletir e encontrar as palavras de por que me sentia assim, não teria sido capaz de dizer mais do que a letra A. Eu só sabia que me sentia do jeito que me sentia, e que esse sentimento era a coisa mais forte da minha vida.

O sino da igreja anglicana bateu às sete. Meu pai já havia se banhado e se vestido e estava em sua oficina fazendo hora. Como se o dia da minha partida fosse algo a comemorar, eles o tratavam como um feriado e nada aconteceria da maneira usual. Meu pai não trabalharia. Quando me levantei, minha mãe me cumprimentou com um grande e brilhante “Bom dia”, tão grande e brilhante que me encolhi diante dele. Tomei um banho rápido com água morna e cascas que minha mãe preparou para mim. Vesti minhas roupas íntimas — todas brancas e todas com um cheiro estranho. Junto com meus brincos, a corrente no pescoço e as pulseiras, todos feitos de ouro da Guiana Inglesa, minhas roupas íntimas foram enviadas para a obeah da minha mãe, e tudo o que ela fez com minhas joias e roupas íntimas ajudaria a me proteger de espíritos malignos e todo tipo de infortúnio. As coisas que eu nunca queria ver, ouvir ou fazer de novo agora ocupavam o que seria o equivalente a uma lista de compras de pelo menos três semanas. Fiz uma marca contra mulheres obeah, joias e roupas íntimas brancas. Por cima da roupa de baixo, pus um vestido de jardinagem de minha mãe. A roupa que usaria para a viagem seria uma saia plissada azul-escura e uma blusa xadrez azul e branca (o azul da blusa combinava exatamente com o azul da saia) com gola larga de marinheiro e gravata feita do mesmo material que a saia — uma blusa que passava da minha cintura, por cima da saia. Elas estavam em uma cadeira, e minha mãe as passara recentemente. Vestir minhas roupas era a última coisa que eu faria antes de sair. A srta. Cornelia veio e alisou meu cabelo e depois o modelou no que pareciam centenas de saca-rolhas, todos grudados na minha cabeça para que meu chapéu encaixasse direito.

No café da manhã, eu estava sentada no meu lugar de sempre, com minha mãe em uma ponta da mesa, meu pai na outra e eu no meio, de modo que enquanto eles conversavam comigo ou um com o outro eu virava minha cabeça para a esquerda ou para a direita e dava uma boa olhada neles. Estávamos tomando um café da manhã de domingo, um café da manhã como se tivéssemos acabado de voltar dos cultos matinais: peixe salgado e antroba e salmoura e ovos cozidos, e até pão especial de domingo do sr. Daniel, nosso padeiro. Aos domingos, tomávamos esse grande café às onze horas e depois não comíamos de novo até as quatro, quando tínhamos nosso grande jantar de domingo. Era o melhor café da manhã que comíamos, e o único melhor era o da manhã de Natal. Meus pais estavam em clima festivo, dizendo que momento maravilhoso eu teria em minha nova vida, que oportunidade maravilhosa seria para mim e que pessoa de sorte eu era. Eles comiam enquanto falavam, os dentes postiços de meu pai fazendo aquele barulho de cavalo enquanto ele falava, a boca de minha mãe subindo e descendo como a de um burro enquanto ela mastigava cada bocado trinta e duas vezes. (Eu tinha contado há muito tempo, porque era algo que ela me obrigava a fazer também, e estava tentando ver se era mais uma de suas regras que se aplicavam apenas a mim.) Olhava para eles com um sorriso no rosto mas desgosto em meu coração quando minha mãe disse, “Claro, você é uma jovem agora, e não ficaremos surpresos se no devido tempo escrever para dizer que em breve vai se casar”.

Sem pensar, falei, com uma sensação ruim que não escondi muito bem, “Que absurdo!”.

Meus pais pararam de comer no mesmo instante e me olharam como se nunca tivessem me visto. Meu pai foi o primeiro a voltar a comer. Minha mãe continuou a olhar. Não sei o que passou pela cabeça dela, mas pude vê-la usando a língua para desalojar a comida presa nos cantos mais distantes da boca.

Muitos amigos da minha mãe vieram se despedir e me desejar as bênçãos de Deus. Agradei a eles e demonstrei a quantidade adequada de alegria pelas coisas gloriosas que diziam que meu futuro reservava para mim e demonstrei a quantidade adequada de tristeza pelo quanto

meus pais e todos os outros que me amavam sentiriam minha falta. Meu corpo doía um pouco com todo esse falso vai e vem, com toda essa assimilação de pessoas me olhando com a cabeça inclinada, amor e pena em seus rostos sorridentes. Eu poderia ter ido embora sem me despedir delas e não teria sentido falta disso. Havia apenas uma pessoa a quem eu sentia que deveria dizer adeus, e essa era minha ex-amiga Gwen. Havíamos nos separado há muito tempo, e quando a vi meu coração quase se partiu em dois de vergonha pelos sentimentos que eu costumava ter por ela e as coisas que eu tinha compartilhado com ela. Ela agora havia se tornado uma tola completa, e dificilmente completava uma frase sem soltar algumas risadinhas. Junto com as risadinhas, havia desenvolvido alguns outros traços de colegial que não tinha quando de fato era uma colegial, tão além dela estavam essas coisas na época. Quando nos despedimos precisei me esforçar para não dizer, de forma cruel, “Por que você está se comportando como um macaco?”. Em vez disso, falei de modo amigável, desejando que ela ficasse bem e que tivesse tudo de melhor em seu futuro. Foi então que ela me contou que estava mais ou menos noiva de um rapaz que conhecera quando criança em Nevis e que em breve, em um ano ou mais, eles se casariam. Minha resposta para ela foi “Boa sorte” e ela pensou que eu estava sendo sincera, então me agarrou e disse, “Obrigada. Eu sabia que você ficaria feliz com isso”. Mas para mim era como se ela tivesse me falado que ia pular de um lugar alto e esperava cair inteira e em pé. Nos separamos e, quando me virei, não olhei para trás.

Minha mãe havia combinado com um estivador de levar meu baú até o cais à minha frente. Às dez horas em ponto, eu estava vestida e partimos. Uma hora depois, eu tomaria uma lancha que me levaria para o mar, onde embarcaria no navio. Para começar, como por amor aos velhos tempos e sem pensar, nos enfileiramos à moda antiga: eu no meio dos meus pais. Eu pairava bem acima do meu pai e podia ver o topo de sua cabeça. Devíamos ser uma visão estranha: uma menina

crescida toda vestida no meio da manhã, no meio da semana, andando entre seus pais, e pessoas que não conhecíamos olhavam para nós. Foi uma caminhada de meia hora da nossa casa até o cais, mas eu estava passando pela maior parte dos anos da minha vida. Passamos pela casa onde morava a srta. Dulcie, a costureira de quem fui aprendiz por um tempo, e um sentimento ruim me dominou, porque me lembrei que nos meses que passei com ela tudo que me mandava fazer era varrer o chão, que estava sempre cheio de linhas e alfinetes e agulhas, e eu nunca parecia varrer o suficiente para agradá-la. Então me mandava à loja comprar botões ou linha, embora eu só pudesse fazer isso se me dessem uma amostra do botão ou da linha, e então ela encontraria falhas mesmo que fossem idênticas às amostras que tinha me dado. E o tempo todo me dizia, “Uma garota como você nunca vai aprender a costurar direito, sabe”. Na época acho que não me importava, porque era costume tratar a aprendiz do primeiro ano com tanto desprezo, mas agora jogava no lixo da minha vida a srta. Dulcie e tudo que se relacionasse a ela.

Logo estávamos na rua que eu percorria para a escola, para a igreja, para a escola dominical, para o ensaio do coral, para as reuniões de escoteira, para as reuniões de bandeirante, para encontrar uma amiga. Eu tinha cinco anos quando caminhei pela primeira vez sozinha naquela estrada sem alguém para segurar minha mão. Minha mãe pôs três moedas na minha cestinha, que era uma duplicata de sua cesta maior, e me mandou à farmácia comprar algumas folhas de sene, algumas folhas de eucalipto e algumas folhas de cânfora. Ela então me instruiu a respeito do lado da rua que eu deveria andar, onde fazer uma curva, onde atravessar, como olhar com cuidado antes de cruzar, e se eu encontrasse alguém que conhecia, cumprimentar educadamente e continuar meu caminho. Eu usava um vestido amarelo recém-passado com estampas de acrobatas voando pelo ar e se balançando em um trapézio. Tinha acabado de tomar banho, e depois, em vez de passar talco com cheiro de bebê, minha mãe me deixou, como um favor especial, usar o talco dela, que era bastante perfumado e vinha em uma lata pintada com pessoas saindo para jantar na Londres do século XIX e

se chamava Mazie. Como me agradou sair pela porta e abaixar a cabeça para me cheirar e ver que estava com o mesmo cheiro da minha mãe. Fui até a farmácia, e o farmacêutico precisou vir de trás do balcão e se abaixar para ouvir o que eu queria comprar, de tão baixinha e tímida que era minha voz. Voltei pelo mesmo caminho, e quando entrei no quintal e entreguei minha cesta com três pacotes para minha mãe, seus olhos se encheram de lágrimas e ela me levantou e me segurou no ar e disse que eu tinha sido maravilhosa e ótima e que nunca haveria ninguém melhor. Se eu tivesse conquistado a Pérsia, ela não poderia estar mais orgulhosa de mim.

Passamos por nossa igreja — a igreja na qual eu havia sido batizada e recebida e cantado no coro infantil. Passamos por uma casa onde morava uma garota de quem eu gostei e sem a qual tive certeza de que não conseguiria viver. Certa vez, quando ela teve caxumba, fui visitá-la contra a vontade da minha mãe e sentamos em sua cama e comemos batata-doce assada com manteiga que foi colocada em suas mandíbulas inchadas, presas por um pedaço de pano branco. Não sei como mas minha mãe descobriu, e não sei como mas acabou com a nossa amizade. Pouco depois, a menina e a família se mudaram para o outro lado do mar. Passamos pela loja de bonecas, aonde eu ia com minha mãe quando era pequena e apontava a boneca que queria de Natal naquele ano. Passamos pela loja onde comprei os sapatos tão controversos que usei para ser recebida na igreja. Passamos pelo banco. No meu sexto aniversário, entre outras coisas, ganhei seis pence de presente. Minha mãe e eu fomos a esse banco e, com os seis pence, abri minha própria poupança. Me deram um livrinho cinza com meu nome em letras grandes, e na coluna da balança estava escrito “6d”. Depois disso, todos os sábados de manhã, eu recebia seis pence — depois um xelim, e depois uma moeda de dois-e-seis pence — que levava ao banco para depositar. Nunca tive permissão para sacar nem um centavo da minha conta bancária até apenas algumas semanas antes de partir; então a conta foi encerrada e recebi do banco a soma de seis libras e dez xelins e dois pence e meio.

Passamos pelo consultório do médico que disse três vezes à minha mãe que eu não precisava de óculos, que se meus olhos estivessem fracos um copo de suco de cenoura por dia os faria fortes outra vez. Isso aconteceu quando eu tinha oito anos. Assim, todos os dias no recreio eu corria até o portão da escola e encontrava minha mãe esperando por mim com um copo de suco de cenoura que tinha acabado de ralar e espremido, e eu bebia e corria de volta para encontrar minhas amigas. Eu sabia que não havia nada de errado com meus olhos, mas lera recentemente uma história numa revista e ficara tão impressionada com a heroína, uma garota alguns anos mais velha do que eu que sempre ajustava seus óculos pequenos, redondos e de aro de tartaruga de um jeito tão maravilhoso que eu achava que tinha que ter um par igual aos dela. Quando ficou claro que eu não precisava de óculos, comecei a reclamar que o brilho do sol era demais para meus olhos e andava protegendo-os com as mãos — principalmente quando minha mãe estava por perto. Minha mãe então comprou para mim um par de óculos de sol com a armação do jeito que eu queria, e como eu gostava de soprar as lentes, enxugá-las com a bainha do uniforme, ajustar os óculos quando deslizavam pelo meu nariz e só tirá-los do estojo e colocar de novo. Após três semanas me cansei deles, e os óculos encontraram um bom lugar de descanso numa gaveta, junto com algumas outras coisas sem as quais em algum momento eu não pude viver.

Passamos pela loja que vendia apenas produtos de beleza, todos importados da Inglaterra. Essa loja tinha um grande cachorro de porcelana branco, com manchas pretas por toda parte e uma fita vermelha de cetim amarrada no pescoço. O cachorro estava sentado na frente de uma tigela de porcelana branca sempre cheia de água fresca, posicionado de tal forma que parecia ter acabado de tomar um longo gole. Quando eu era criança, sempre que estávamos perto dessa loja pedia à minha mãe que me levasse para ver o cachorro, e eu ficava na frente dele, levemente curvada, com as mãos apoiadas nos joelhos, e o encarava e o encarava. Achava esse cachorro mais bonito e mais real do que qualquer cachorro de verdade que eu já tinha visto ou qualquer

cachorro de verdade que eu veria. Devo ter superado meu interesse pelo cachorro, pois não perguntei o que aconteceu com ele quando desapareceu. Passamos pela biblioteca, e se houvesse alguma coisa nessa caminhada que poderia me fazer chorar por deixá-la com certeza teria sido essa. Minha mãe era membro da biblioteca muito antes de eu nascer. E como me levava para todos os lugares quando eu era bem pequena, me levava também quando ia à biblioteca. Eu me sentava em seu colo muito quieta enquanto ela lia livros que não queria levar para casa. Eu ainda não conseguia ler as palavras, mas achava interessante olhar suas formas. Certa vez, um livro que ela estava lendo tinha uma grande foto de um homem, e quando perguntei quem era ela me disse que se chamava Louis Pasteur e que o livro era sobre a vida dele. Ficou na minha mente porque ela disse que era por causa dele que ela fervia meu leite para purificá-lo antes de eu beber, que tinha sido ideia dele, e por isso o processo era chamado de pasteurização. Uma das coisas que eu tinha no velho baú de minha mãe, onde ela guardava todas as minhas coisas de infância, era meu cartão da biblioteca. Naquele momento, eu devia sete pence em muitas atrasadas.

Ao passar por todos esses lugares era como se estivesse em um sonho, pois não percebia as pessoas entrando e saindo deles, não sentia meus pés tocarem o chão, nem meu próprio corpo — eu apenas via esses lugares como se estivessem suspensos no ar, sem parte de cima ou de baixo, e como se eu tivesse entrado e saído de todos eles no mesmo momento. O sol brilhava; o céu estava azul e logo acima da minha cabeça. Então chegamos ao cais.

Meu coração agora batia rápido, e não importa o quanto eu tentasse não conseguia evitar que minha boca se abrisse e minhas narinas ficassem mais largas no meu rosto. Meu antigo medo de escorregar entre as tábuas do cais e cair na água verde-escura onde viviam enguias verde-escuras tomou conta de mim. Quando o estômago do meu pai começou a ficar ruim, o médico recomendou uma caminhada todas as noites logo após o jantar. Às vezes ele me levava junto. Quando ele me

levava, costumávamos ir ao cais, e lá ele sentava e conversava com o vigia noturno sobre críquete ou alguma outra coisa que não me interessava porque não era pessoal; eles não falavam sobre as esposas, ou os filhos, ou os pais, ou sobre seus gostos e desgostos. Eles falavam das coisas de uma maneira tão estranha, e eu não via o que achavam engraçado, mas às vezes eles faziam o outro rir tanto que suas gargalhadas saltavam para o mar e mandavam de volta um eco. Sempre me arrependia quando chegávamos ao cais e via que o vigia noturno de plantão era aquele com quem ele gostava de conversar; era como estar trancada em um livro cheio de números, diagramas e suposições. Pois a questão de não ser capaz de entender e apreciar o que eles diziam é que eu não tinha nada que me tirasse da cabeça o medo de escorregar entre as tábuas do cais.

Agora, também, eu não tinha nada que me tirasse da cabeça o que estava acontecendo comigo. Minha mãe e meu pai — eu os estava deixando para sempre. Minha casa em uma ilha — eu a estava deixando para sempre. O que fazer com aquilo? Senti um espaço vazio e bastante familiar lá dentro. Senti que era pressionada contra minha vontade. Senti que queimava da cabeça aos pés. Senti que alguém me rasgava em pedacinhos e logo eu seria capaz de ver todos os pedacinhos enquanto flutuavam no nada no mar azul profundo. Eu não sabia se ria ou chorava. Eu podia ver que seria melhor não pensar com tanta intensidade sobre qualquer coisa. A lancha estava sendo preparada para me levar, junto com alguns outros passageiros, ao navio ancorado no mar. Meu pai pagou nossas passagens e nos juntamos a uma fila de gente que esperava para embarcar. Minha mãe verificou minha mala para ter certeza de que eu estava com meu passaporte, o dinheiro que ela havia me dado e uma folha de papel guardada entre algumas páginas da Bíblia na qual estavam escritos os nomes dos parentes — pessoas que eu nem sabia que existiam — com quem eu moraria na Inglaterra. Em frente ao cais havia um embarcadouro, e alguns estivadores estavam carregando e descarregando barcas. Não sei por que ver isso me impressionou tanto, mas de repente uma onda forte de sentimento tomou conta e meu coração se encheu de grande alegria

quando as palavras “Nunca mais verei isso” se derramaram dentro de mim. Mas então, com a mesma rapidez, meu coração encolheu e as palavras “Nunca mais verei isso” me apunhalaram. Não sei o que me impediu de cair aos pés dos meus pais.

Quando estávamos todos a bordo, a lancha partiu para o mar. Longe do cais, a água assumiu seu tom azul habitual e a lancha abriu um largo caminho que parecia uma estrada. Passei por sons e cheiros tão familiares que há muito eu tinha parado de prestar atenção neles. Mas agora ali estavam, e o sempre presente “Nunca mais verei isso” subia e descia dentro de mim. Havia o som da gaivota mergulhando na água e subindo com algo prateado na boca. Havia o cheiro do mar e os pequenos pedaços de lixo flutuando nele. Havia barcos cheios de pescadores chegando cedo. Havia o som de suas vozes enquanto gritavam saudações um para o outro. Havia o sol quente, havia o mar azul, havia o céu azul. Não muito longe, havia a areia branca da orla, com as casas em ruínas amontoadas umas ao lado das outras, pois em alguns lugares só pobres moravam perto da orla. Eu estava sentada na lancha entre meus pais e, quando percebi que segurava suas mãos com força, olhei rápido para ver se eles estavam me olhando com desprezo, pois eu tinha certeza de que deviam saber do meu sentimento de nunca-mais-verei-isso. Mas então meu pai me beijou na testa e minha mãe me beijou na boca, e ambos me entregaram as mãos para que eu pudesse agarrá-las o quanto quisesse. Eu estava a ponto de sentir que tudo tinha sido um erro, mas me lembrei de que não era mais uma criança e que agora, quando decidia sobre algo, eu precisava ver tudo por completo. Naquele momento chegamos ao navio, e foi isso.

As despedidas tinham que ser rápidas, disse o capitão. Minha mãe se apresentou a ele e depois me apresentou. Ela pediu que ele ficasse de olho em mim, pois eu nunca havia ido tão longe sozinha. Ela lhe deu uma carta para entregar ao capitão do próximo navio, no qual eu embarcaria em Barbados. Eles me acompanharam até minha cabine, um pequeno espaço que eu dividiria com outra pessoa — uma mulher

que eu não conhecia. Eu nunca tinha dormido em um quarto com alguém desconhecido. Meu pai me deu um beijo de despedida e me disse para ser boazinha e escrever com frequência. Depois que disse isso, olhou para mim, depois olhou para o chão e balançou o pé esquerdo, depois olhou para mim de novo. Eu podia ver que ele queria dizer mais alguma coisa, algo que nunca tinha me dito antes, mas então ele simplesmente se virou e foi embora. Minha mãe disse “Bem” e então jogou os braços em volta de mim. Grandes lágrimas escorriam por seu rosto, e deve ter sido isso — pois eu não suportava ver minha mãe chorando — que me fez chorar também. Ela então apertou os braços em volta de mim e me segurou perto dela, e senti que não conseguia respirar. Com isso, minhas lágrimas secaram e de repente me vi em estado de alerta. “O que ela quer agora?”, disse a mim mesma. Ainda me segurando perto dela, ela falou, em uma voz que atravessou minha pele, “Não importa o que você faça ou aonde vá, eu sempre serei sua mãe e esta sempre será sua casa”.

Me arrastei para longe dela e recuei um pouco, e então me sacudi, como se quisesse acordar de um estupor. Nos olhamos por um longo tempo com sorrisos em nossos rostos, mas eu sei que o oposto disso estava em meu coração. Como se respondesse a alguma deixa invisível, nós duas dissemos, no mesmo momento, “Bem”. Então minha mãe se virou e saiu pela porta da cabine. Fiquei lá não sei quanto tempo, e então me lembrei que era costume ficar no convés e acenar para os parentes que estavam voltando para a praia. Do convés eu não conseguia ver meu pai, mas via minha mãe de frente para o navio, seus olhos procurando por mim. Tirei da bolsa um lenço de algodão vermelho que ela me dera para esse momento e o agitei descontroladamente no ar. Me reconhecendo de imediato, ela acenou de volta com a mesma intensidade, e continuamos a fazer isso até que ela se tornou apenas um ponto na lancha do tamanho de uma caixa de fósforos engolida pelo grande mar azul.

Voltei para a minha cabine e me deitei no beliche. Tudo tremia como se tivesse uma mola bem no centro. Eu podia ouvir as ondas, pequenas, batendo no navio. Elas faziam um som inesperado, como se

um recipiente cheio de líquido tivesse sido deixado de lado e agora esvaziasse lentamente.



JAMAICA KINCAID nasceu em Antígua e Barbuda em 1949. Ganhadora de diversos prêmios literários, entre eles o Prix Femina e o PEN/ Faulkner, mora com sua família em Vermont e dá aulas de história africana e afro-americana na Universidade Harvard, nos Estados Unidos. Dela, a Alfaguara também publicou *A autobiografia da minha mãe* e *Agora veja então*.

Copyright © 1983, 1984, 1985 by Jamaica Kincaid

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Annie John

Capa

Alceu Chiesorin Nunes e Ale Kalko

Ilustração de capa

Sem título, 2021, de Brunna Mancuso. Guache sobre papel algodão, 21 × 30 cm.

Preparação

Julia Passos

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Adriana Bairrada

Versão digital

Marina Pastore

isbn 978-85-5652-215-3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editora.alfaguara

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br



Agora veja então

Kincaid, Jamaica
9786557825778
144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Desde a fúria do fim, passando pelo passado sublime e pelo futuro sórdido, Jamaica Kincaid nos brinda com uma história inesquecível sobre separação, mas também sobre o que significa continuar lutando.

O sr. Sweet compõe em seu estúdio, enquanto a sra. Sweet passa o tempo na cozinha escrevendo. Seus filhos correm pela grande casa que um dia pertenceu a Shirley Jackson. Contudo, a perfeita imagem da família tradicional americana é abalada quando o marido deixa a esposa por uma mulher mais jovem. Através dos fluxos de consciência de múltiplos personagens, Jamaica Kincaid mostra as angústias profundas que existem por trás de uma aparente perfeição.

Uma análise ferina sobre as diversas maneiras como o transcorrer dos anos afeta um casamento, *Agora veja então* é um livro ao mesmo tempo singelo e potente. Os personagens, em confronto, se desesperam em situações cotidianas, suas mentes tentando entender linearmente uma realidade que aqui, de fato, não é linear. Escrevendo no passado, no presente e no futuro, Kincaid faz da passagem do tempo sua principal ferramenta narrativa.

"O dom de Kincaid é contar uma experiência comum com ferocidade mítica." —*New York Times Book Review*

"*Agora veja então* é a história de uma esposa rejeitada como se fosse escrita por Gertrude Stein e Virginia Woolf." — *NPR*

[Compre agora e leia](#)



Corpo desfeito

Arraes, Jarid
9786557823651
128 páginas

[Compre agora e leia](#)

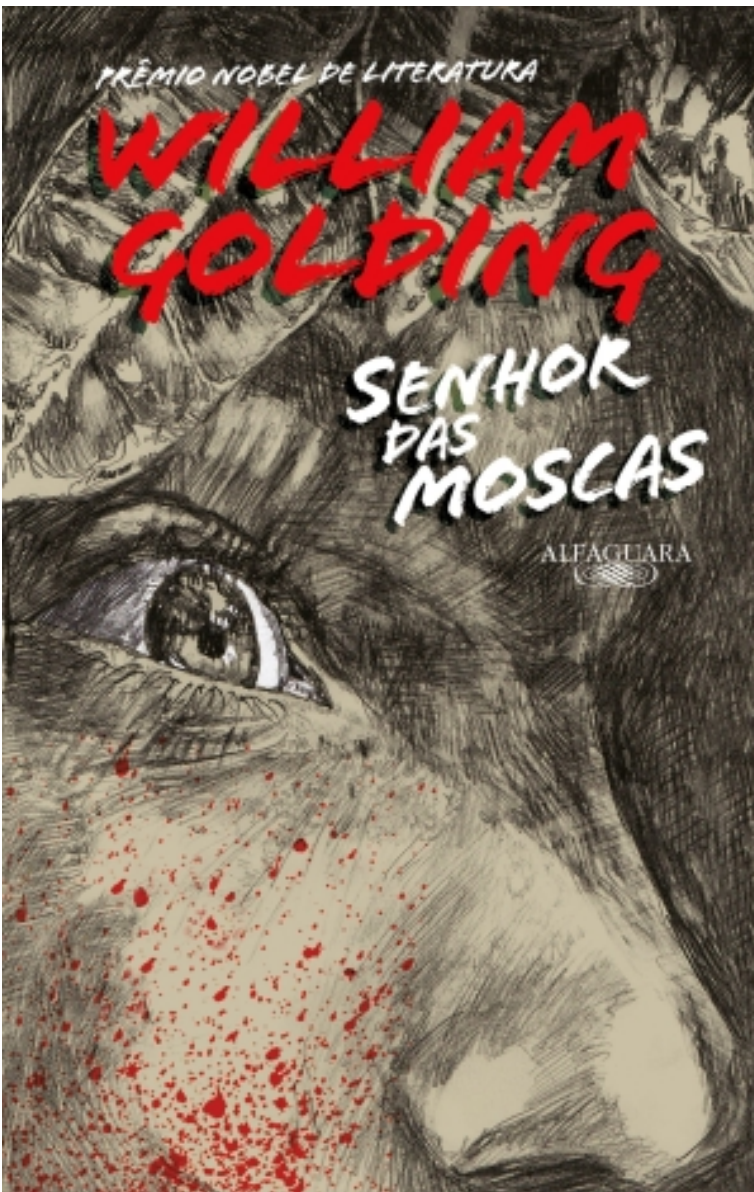
Em seu romance de estreia, Jarid Arraes — autora vencedora dos prêmios APCA e Biblioteca Nacional — traz uma história impactante e impossível de esquecer, focada nas consequências do abuso físico e psicológico de crianças. Com uma prosa ágil e habilmente construída, ela mergulha fundo em uma narrativa sobre como as marcas da infância são construídas e como é possível lidar com elas.

Em uma cidade do interior do Ceará, uma família vive uma sequência de abusos: avó, mãe e neta estão presas em uma teia complexa e violenta de abuso e negligência. A dureza das expectativas criadas e não cumpridas, do ciúme doentio e do desejo de absoluto controle estão presentes neste primeiro romance de Jarid Arraes.

Ao retratar o cotidiano de Amanda, jovem de doze anos que mora sozinha com a avó desde a morte da mãe e do avô, Arraes cria uma narrativa envolvente e brutal sobre os traumas vivenciados e passados adiante. Amanda vai enfrentar desafios cruéis e dolorosos pelas mãos daquela que devia ser seu porto seguro, mas é também lá que a menina descobrirá o poder do primeiro amor e a força necessária para superar qualquer obstáculo. Cerceando cada vez mais o dia a dia da jovem, a avó constrói um lar que muito se assemelha a uma prisão e, sob o pretexto de visões religiosas, suas atitudes levam a neta ao limite.

Com uma carreira já estabelecida com livros de contos e literatura de cordel, Jarid Arraes lança seu primeiro romance, tão aguardado por quem já conhece seu trabalho. Com uma história complexa e profunda, *Corpo desfeito* é uma estreia inesquecível.

[Compre agora e leia](#)



Senhor das Moscas (Nova edição)

Golding, William
9786557822364
216 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um romance indispensável de William Golding, vencedor do prêmio Nobel, sobre a natureza do mal e a tênue linha que separa a civilidade da barbárie. Considerado um dos 100 melhores romances do século XX pela *Modern Library*.

Senhor das Moscas é um dos romances essenciais da literatura mundial. Adaptado duas vezes para o cinema e traduzido para 35 idiomas, o clássico de William Golding já foi visto como uma alegoria, uma parábola, um tratado político e até mesmo uma visão do apocalipse.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um avião cai numa ilha deserta e os únicos sobreviventes são um grupo de meninos. Liderados por Ralph, eles procuram se organizar enquanto esperam um possível resgate. Mas aos poucos esses garotos aparentemente inocentes transformam a ilha numa visceral disputa pelo poder, e sua selvageria rasga a fina superfície da civilidade.

Ao narrar essa história sobre meninos perdidos numa ilha, aos poucos se deixando levar pela barbárie, Golding constrói uma reflexão sobre o limite entre o poder e a violência desmedida.

Senhor das Moscas mantém o mesmo impacto desde seu lançamento: um clássico moderno que retrata de maneira inigualável as áreas de sombra e escuridão da essência do ser humano.

[Compre agora e leia](#)

Emmanuel Carrère

"O mais instigante escritor vivo."

Karl Ove Knausgård



IOGA

ALFAGUARA

Ioga

Carrère, Emmanuel

9786557828090

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

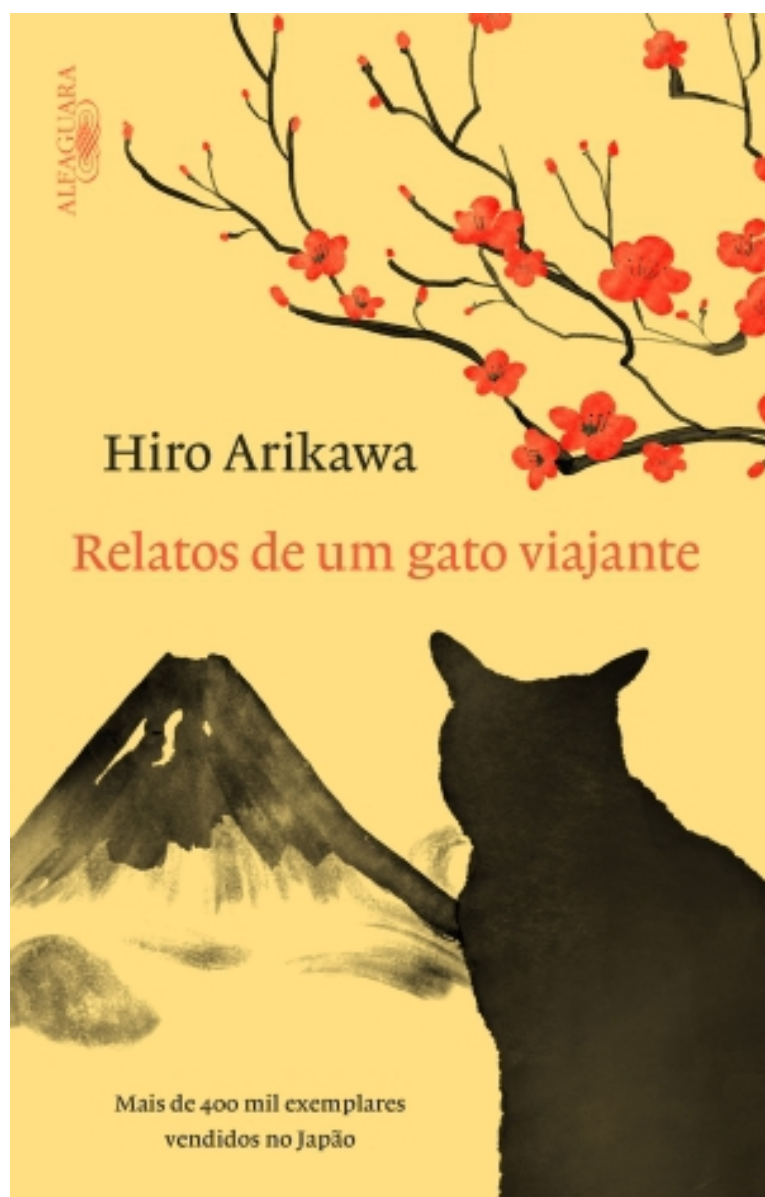
Este é um livro sobre ioga e meditação, mas também sobre depressão e terrorismo. Um autorretrato desconcertante, bem-humorado e honesto de um homem que luta para viver em harmonia com o mundo e consigo mesmo. Neste entrecruzamento entre o romance e a autobiografia, Carrère não explora apenas os limites da literatura, mas também os da alma humana: a sua e a dos outros.

Ao longo dos anos, Emmanuel Carrère galgou o posto de um dos mais importantes escritores franceses da atualidade. Em 2015, já tendo se aprofundado nas práticas de meditação e ioga, decide passar dez dias num retiro de silêncio no interior da França, que ele mesmo chama de "nível hard". Deixa para trás o celular e os livros, mas seu objetivo não é apenas meditar: contra as recomendações do retiro, ele leva consigo caneta e caderno, e pretende tomar notas para um "um livrinho simpático e perspicaz" sobre a ioga. Quatro dias depois, entre sentimentos conflitantes sobre a meditação, é obrigado a abandonar o refúgio: um amigo foi morto no atentado ao Charlie Hebdo. Sua vida então vira do avesso. A cidade está em polvorosa, seu projeto de livro não avança, sua relação amorosa começa a ruir. Para completar, é diagnosticado com transtorno bipolar, e a própria escrita, que o salvou tantas vezes, agora parece difícil, sem perspectivas. E nós, leitores, seguimos seu périplo em busca de — se não a iluminação anteriormente almejada — pelo menos um pouco de paz.

"Uma descida aos infernos, uma narrativa cativante, talvez o melhor livro de Emmanuel Carrère." — *France Inter*

"Carrère escreve uma obra-prima atrás da outra." — *The New York Times*

[Compre agora e leia](#)



Relatos de um gato viajante

Arikawa, Hiro
9788543810546
256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Às vezes é preciso fazer uma longa viagem para descobrir aquilo que está perto de você.

O gato Nana está viajando pelo Japão. Ele não sabe muito bem para onde está indo ou por quê, mas ele está sentado no banco da van prata de Satoru, seu dono. Lado a lado, eles cruzam o país para visitar velhos amigos. O fazendeiro durão que acredita que gatos só servem para caçar ratos, o simpático casal dono de uma pousada que aceita animais, e o marido abandonado pela esposa que ama animais.

Mas qual é o motivo dessa viagem? E por que todos estão tão interessados em Nana e Satoru? Ninguém sabe muito bem o que está acontecendo e Satoru não diz nada, mas quando Nana descobrir o motivo da viagem, seu pequeno coração passará por uma das mais difíceis provas de suas sete vidas.

Narrado em vozes alternadas, esse romance emocionante e divertido nos mostra um jovem de grande coração e um narrador-gato muito esperto, numa amizade que desafia as fronteiras de um país e da própria vida.

[Compre agora e leia](#)